

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

ELAINE CRISTINA AMORIN

LEITORES E LEITURAS DE *HARRY POTTER*:
A RECEPÇÃO DA SÉRIE NO MEIO VIRTUAL

MARINGÁ – PR

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ELAINE CRISTINA AMORIN

**LEITORES E LEITURAS DE *HARRY POTTER*:
A RECEPÇÃO DA SÉRIE NO MEIO VIRTUAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof^a Dr^a Vera Helena Gomes Wielewicki

MARINGÁ – PR

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

A524L Amorin, Elaine Cristina
Leitores e leituras de *Harry Potter* : a recepção da série no meio virtual / Elaine Cristina Amorin. -- Maringá, 2009.
128 f. : il., figs.

Orientador : Prof^a. Dr^a. Vera Helena Gomes Wielewicki.
Dissertação (mestrado em Estudos Literários) -
Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

1. Rowling, Joanne Kathleen, 1965- - Personagens - Harry Potter. 2. Potter, Harry (Personagem fictício). 3. Cibercultura. 4. Leitura - Inovações tecnológicas. 5. Literatura e Hipertexto. 6. Literatura e a internet. 7. Magia na literatura - Meio virtual. 8. Fan fiction - História e crítica. I. Wielewicki, Vera Helena Gomes, orient. II. Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 808.899282

ELAINE CRISTINA AMORIN

**LEITORES E LEITURAS DE *HARRY POTTER*:
A RECEPÇÃO DA SÉRIE NO MEIO VIRTUAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Vera Helena Gomes Wielewicki
Universidade Estadual de Maringá

Prof^a Dr^a Alice Áurea Penteado Martha
Universidade Estadual de Maringá

Prof^o Dr^o João Luís C. T. Ceccantini
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras Campus de Assis

Dedico este trabalho...

a minha querida mãe, que mesmo sem estar presente, me deixou a força e determinação necessárias para conseguir vencer todos os obstáculos e atingir meus objetivos. Tudo que sou e espero ser devo a você...

AGRADECIMENTOS

Agradeço....

primeiramente a Deus que sem Ele nada é possível...

à minha família, tios e tias, primos e primas, principalmente aos meus avós, Jandira e Edvaldo que sempre me deram forças para continuar...

às minhas irmãs Érica e Gabriele que são o motivo principal por eu estar finalizando mais uma etapa acadêmica...

ao Sanderson pelo carinho e amor que foram tão importantes nos momentos críticos...

aos meus amigos de Presidente Prudente, especialmente a Tatiana, que dividiu comigo as inseguranças do mestrado e a Cristiane e Elen, que foram o apoio necessário nos momentos difíceis...

à Elisandra e Maria Lúcia que me ensinaram a ter Fé e paciência...

aos meus “anjos da guarda” maringaenses: Paloma, Alessandra e Marcelo pela paciência e ajuda em Maringá nos momentos impossíveis de eu estar presente na cidade...

à minha orientadora Prof^ª Dr^ª Vera Helena Gomes Wielewicki, que desde a graduação sempre acreditou nos meus trabalhos e nunca deixou de me receber com um sorriso no rosto...

à todos os familiares, amigos e professores que aqui não estão sendo citados, mas, que com certezas foram determinantes na minha jornada acadêmica...

RESUMO

O presente trabalho surgiu a partir da constatação de dois fenômenos mundiais: o sucesso global da série de livros *Harry Potter*, de autoria da britânica J.K. Rowling, e o crescente uso e influência do meio virtual nos hábitos cotidianos da atual sociedade. Verificou-se, assim, por meio da Estética da Recepção, como ocorre a recepção dos livros de Rowling na cibercultura, através da análise de comunidades virtuais cadastradas no site de relacionamentos *Orkut*, de questionários enviados a leitores-virtuais participantes de tais comunidades e de hiperficções literárias que tratam do menino-bruxo. Após pesquisa exploratória, verificou-se que são inúmeras as comunidades virtuais e os sites de hiperficção literária que tratam de *Harry Potter*, o que ocasionou a seleção de duas comunidades: *Harry Potter Brasil* e *Eu adoro ler Harry Potter* e a do site de hiperficção literária *Aliança 3 Vassouras*, para examinar como se dão as discussões e criações literárias nesses espaços virtuais. Dessa maneira, foram averiguados os tipos de práticas de leitura realizadas, sendo possível observar que os leitores demonstraram liberdade para criar as próprias significações sobre a série. Constatou-se que, tanto nas comunidades virtuais quanto na criação de *fanfics* os fãs de *Harry Potter* buscam se identificar com a obra que lêem, assim como, possibilidades de expor as próprias considerações deles sobre as aventuras do jovem bruxo. Em vista da análise empreendida, constatou-se que o presente trabalho poderá ainda abrir caminho para novos estudos que utilizem a cibercultura como aliada na discussão e formação de leitores críticos, desfazendo, assim, sua caracterização negativa como meio alienador.

Palavras-chaves: recepção, Harry Potter, cibercultura, J.K. Rowling, práticas de leitura, *fanfics*.

ABSTRACT

This research came out from the observation of two global phenomena: the global success of *Harry Potter* series, by Britannic authoress J.K. Rowling, and the increasing use and influence of the virtual environment in daily habits of present society. Thus, the purpose of this study is to verify the reception of Rowling's works, through the Aesthtics of Reception, in cyberculture by analyzing virtual communities registered on the social networking service site *Orkut*, questionnaires sent to virtual readers participants of such virtual communities, and literary *fanfictions* which deal with the wizard boy. After exploratory research, it was verified that there are uncountable virtual communities and sites of literary *fanfiction* about *Harry Potter*, which led to the selection of two communities: *Harry Potter Brasil* and *Eu adoro ler Harry Potter* (I love reading Harry Potter) and the site of literary *fanfiction* *Aliança 3 Vassouras* (The Three Broomsticks), in order to verify how the discussions and literary creations in such virtual spaces happen. Therefore, it was investigated the types of practices of reading which became possible to observe that the readers had freedom to create their own meanings about the series. So, both in virtual communities and in fan fictions, fans of *Harry Potter*, try to identify themselves with the book, as well as opportunity to expose their own considerations of the adventures of the young wizard. With the undertaken analysis, it was confirmed that this research may also open path for new studies which use the cyberculture as support for discussion and formation of critical readers, by undoing its negative characterization as something that provokes alienation.

Keywords: reception, Harry Potter, cyberculture, J.K. Rowling, reading practices, fanfictions.

SUMÁRIO

1 BEM-VINDO A HOGWARTS.....	11
1.1 METODOLOGIA.....	14
2 O MAPA DO MAROTO.....	17
2.1 LITERATURA E LEITURA	18
2.2 RECEPÇÃO E EFEITO: O LEITOR COMO PERSONAGEM PRINCIPAL	21
3 ENTRE BRUXOS E TROUPAS.....	35
3.1 A MÍDIA VIRTUAL.....	35
3.2 O HIPERTEXTO.....	41
3.3 AS COMUNIDADES VIRTUAIS	46
3.4 A HIPERFICÇÃO LITERÁRIA	50
4 AS ESCADAS DE HOGWARTS	53
4.1 O MENINO QUE SOBREVIVEU	53
4.2 A SÉRIE HARRY POTTER NA CIBERCULTURA.....	60
4.3 O MENINO BRUXO NAS COMUNIDADES VIRTUAIS	62
4.4 LEITORES-VIRTUAIS DE HARRY POTTER.....	80
4.4.1 Perfil socioeconômico	80
4.4.2 Hábitos de leitura dos leitores-virtuais entrevistados.....	84
4.4.3 Impressões de leitura da série <i>Harry Potter</i>	89
4.5. AS FANS FICS POTTERIANAS	99
5 O EMBARQUE NA PLATAFORMA 9 ¾.....	113
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE	122

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Porcentagem de casas com computador e acesso à Internet	38
Figura 2: O Hipertexto.....	42
Figura 3: A leitura na tela	44
Figura 4: A leitura com o livro	45
Figura 5: Ranking de usuários por país	47
Figura 6: <i>Layout</i> do site <i>Orkut</i>	47
Figura 7: Comunidade Virtual.....	48
Figura 8: Discussão entre leitores-virtuais no <i>e-fórum</i>	49
Figura 9: Site de hiperficção literária	51
Figura 10: Pesquisa virtual sobre <i>HP</i>	60
Figura 11: Opções de escolhas hipertextuais.....	61
Figura 12: Pesquisa de comunidades sobre <i>HP</i> no <i>Orkut</i>	63
Figura 13: Fórum da comunidade <i>Harry Potter Brasil</i>	64
Figura 14: Fórum da comunidade <i>Harry Potter Brasil</i>	66
Figura 15: Fórum da comunidade <i>Harry Potter Brasil</i>	67
Figura 16: Resposta de leitores-virtuais em fórum.....	68
Figura 17: Resposta de leitores-virtuais em fórum.....	70
Figura 18: Resposta de leitores-virtuais em fórum.....	72
Figura 19: Quiz sobre <i>Harry Potter</i>	74
Figura 20: Fórum da comunidade <i>Eu adoro ler Harry Potter</i>	75
Figura 21: Enquetes da comunidade <i>Eu adoro ler Harry Potter</i>	77
Figura 22: Resposta de enquete virtual	78
Figura 23: Resultado da enquete: <i>Que vassoura você teria?</i>	79
Figura 24: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - Instituto Pró-Livro.....	86
Figura 25: Layout do site de <i>fanfic</i> Aliança Três Vassouras.....	102
Figura 26: Classificação das <i>fanfics</i>	103
Figura 27: <i>Fanfic com paródia</i>	104
Figura 28: <i>Fanfic com paródia</i>	105
Figura 29: <i>Fanfic</i> sobre <i>HP</i> com enredo de <i>Senhor dos Anéis</i>	108
Figura 30: <i>Fanfics</i> escritas a partir de personagens da série <i>HP</i>	110
Figura 31: Página inicial da <i>fanfic</i> A Escola Brasileira de Magia.....	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Capes - Banco de Teses	13
Quadro 2: Tempo que as novas tecnologias levaram para atingir 50 milhões de usuários no mundo.	38
Quadro 3: Principais prêmios recebidos por J.K. Rowling.	56
Quadro 4: Leituras “ruins” e leituras que os entrevistados desejam fazer	87

Há quem leve a vida inteira a ler sem nunca ter conseguido ir mais além da leitura, ficam pregados à página, não percebem que as palavras são apenas pedras postas a atravessar a corrente de um rio, se estão ali é pra que possamos chegar à outra margem é o que importa. A não ser, A não ser, quê, A não ser que esses tais rios não tenham duas margens, mas muitas, que cada pessoa que lê seja, ela, a sua própria margem, e que seja sua, e apenas sua, a margem que terá de chegar (SARAMAGO, 2000, p.77).

1 BEM-VINDO A HOGWARTS

Tratar das questões literárias implica, no contexto atual, considerá-las sob o viés da sua disseminação em diferentes situações temporárias. No passado, para se comunicar, o homem utilizou-se dos mais diversos meios para se fazer presente nas distantes localidades do globo. Por meio da oralidade, manteve-se viva a chama das tradições culturais de cada sociedade. Já com a invenção da escrita, revolucionou-se o modo de o homem se comunicar, pois as histórias não estariam perdidas com o tempo, o que deu início à travessia das fronteiras geográficas. Mas foi somente com o advento do computador e de sua ferramenta mais poderosa, a Internet, que o mundo ficou ao alcance de um *click*. Na sociedade contemporânea, o processo comunicativo e a divulgação de informações se dão quase que de forma mágica. As fronteiras praticamente deixaram de existir, o mundo está menor, e todos fazem parte da mesma comunidade. Nesse sentido, há de se considerar, no âmbito das questões literárias, as implicações da virtualidade, no que diz respeito à leitura e, conseqüentemente, ao leitor.

Observa-se, com a divulgação literária atual, seja por marketing virtual ou por troca de informações entre leitores, que muitas obras tornaram-se mundialmente conhecidas (ou redescobertas), como é o caso da série de livros *Harry Potter* (HP)¹, considerada como um dos mais recentes fenômenos da literatura infanto-juvenil (apesar de também seduzir adultos), como também do cinema.

Dessa forma, esta pesquisa partiu, inicialmente, da observação de que *HP* de autoria da britânica J.K. Rowling² já teve os sete livros da série³ adaptados para aproximadamente 64 idiomas, tendo sido vendidos mais de 325 milhões de cópias (PEREIRA, 2007, *on-line*). Dessa maneira, constata-se, de modo positivo, esse despertar pela leitura, já que crianças e

¹ De agora em diante, HP será usado no lugar de *Harry Potter*.

² O uso das iniciais da autora na capa dos livros deu-se devido a uma recomendação de sua editora que receava que os meninos não leriam os livros se soubessem que a autora era uma mulher.

³ *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997); *Harry Potter e a Câmara Secreta* (1998); *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (1999); *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (2000); *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (2003) e *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (2005) e *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (2007).

adolescentes estão cada vez mais resistentes à sedução da palavra impressa. Esse fato torna-se, portanto, relevante em uma sociedade computadorizada como a atual.

A partir desse fenômeno literário, verifica-se a diversidade de estudos críticos realizados sobre a série *Harry Potter* sob os mais diversos enfoques e línguas, como se pode encontrar no site www.eulenfeder.de. Nesse espaço virtual, constata-se uma extensa referência bibliográfica de estudos de cunho escolar, crítico, de ensino, tradução e polêmico. No entanto, além de a maioria dos estudos não ser disponibilizada gratuitamente, não foi possível constatar nenhuma pesquisa que pudesse ser realmente relevante para o presente estudo.

Em relação ainda a obras estrangeiras que tratam dos livros da série *HP*, as mesmas também apresentam diferentes abordagens, tais como: *Harry Potter e a Filosofia* de William Irwin (2007) e *Harry Potter ou o anti-Peter Pan* de Isabelle Cani (2008). A primeira expõe detalhes do enredo de J.K. Rowling, que está repleto de tratados filosóficos; a segunda é uma análise das representações da magia da infância em *HP* e *Peter Pan*, buscando averiguar se essas implicações são responsáveis pelo sucesso da obra. Contudo, apesar do interessante estudo que essas obras apresentam, elas não realizam uma pesquisa de recepção dos livros por parte de seus leitores, seja em ambiente virtual ou não.

No Brasil, ainda há escasso material crítico que analise a obra, apesar de a série constituir-se em um fenômeno de público, destacando-se os seguintes estudos:

Autor (a)	Título	Área(s) do Conhecimento	Instituição / Ano
CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da	<i>Harry Potter and the Chamber of Secrets e sua Tradução para o Português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução, com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora</i>	Lingüística Aplicada	UFMG / 2003 (Mestrado)
CARDOSO, Laís de Almeida	<i>Percurso do órfão na literatura infantil/juvenil, da oralidade à era digital: a trajetória do herói solitário</i>	Literatura Comparada	USP / 2006 (Mestrado)
TARRICONE, Kátia	<i>A literatura e a escola contemporânea: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de Harry Potter</i>	Psicologia Educacional	PUC-SP/2003 (Mestrado)
PÁDUA, Erica Morais Martins de	<i>The Mage as the Hero: Na Archetypal Study of Fantasy Literature</i>	Literaturas Estrangeiras Modernas	UFMG /2004 (Mestrado)
FOSSATTI, Carolina Lanner	<i>A Comunicação Cinematográfica: Uma perspectiva moderna de Branca de Neve e pós-moderna em Harry Potter</i>	Ciências Sociais Aplicadas Comunicação	PUC-RS/2005 (Mestrado)
LIGNANI, Ângela Maria de Oliveira	<i>J.K. Rowling: diálogo literário e cultural com Monteiro Lobato e Isabel Allende</i>	Literatura Comparada	UFMG / 2007 (Doutorado)
PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos	<i>Harry Potter: um chamado ao leitor</i>	Teoria Literária	PUC-RS/2006

CONDE, Adriana Carvalho	<i>A Tradução do Imaginário: o complexo língua-cultural em Harry Potter e a Pedra Filosofal</i>	Letras Literatura Comparada Literaturas Estrangeiras Modernas	UNESP- Assis/SP / 2005 (Mestrado)
PITTA, Patrícia Indiará Magero	<i>A literatura infantil no contexto cultural da pós-modernidade: o caso Harry Potter</i>	Teoria Literária	PUC-RS/2006 (Doutorado)

Quadro 1: Capes - Banco de Teses

Fonte: <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/Pesquisa.do?autor=&tipoPesqAutor=T&assunto=HARRY+POTT>

Os trabalhos elencados tratam de *HP* com enfoque em diferentes perspectivas de análise e estudos literários. O estudo realizado por Ana Claudia Munari Domingos Pelisoli, *Harry Potter: um chamado ao leitor*, trata da recepção dos livros de *HP* sob os pressupostos de Iser, examinando a produção de *fanfictions* sobre a série. É o que mais se assemelha ao estudo que irá se desenvolver neste trabalho. Contudo, a presente pesquisa diferencia-se da de Pelisoli por tratar da recepção de *HP* não apenas no contexto das hiperficções literárias, mas também nas comunidades virtuais que tratam da série e na análise de questionários respondidos por leitores-virtuais⁴ dos livros e que fazem parte das comunidades virtuais analisadas.

Na verificação de trabalhos já realizados é necessário, ainda, destacar o livro de Jacoby e Rettenmaier (2005), *Além da plataforma nove meia*, uma coletânea de artigos diversificados sobre a obra. A temática desenvolvida ao longo desse livro trata de *HP* enquanto formador de leitores e da análise crítica literária e de estudos relativos à tradução da série da Língua Inglesa para a Portuguesa. Vale destacar no livro o capítulo *A escrita do leitor de Harry Potter: vestígios de uma nova recepção*, também de Pelisoli, que trata das *fanfics* sobre *HP*.

Conforme exposto anteriormente, a análise crítica existente é, em sua maioria, baseada, ainda, em estudos de cunho estético e pouco se tem sobre a relevância da obra na formação do leitor e na sua recepção, principalmente em meio virtual.

É pertinente, portanto, analisar a série *Harry Potter* por meio da perspectiva da Estética da Recepção, que sustenta a hipótese de que o leitor é o sujeito principal de sua própria leitura, deixando de lado, assim, o estigma de que o autor seria o senhor supremo de todas as significações.

Se a Estética da Recepção considera o leitor como o fator principal no processo de

⁴ O termo leitor-virtual será utilizado como referência a leitores que não leram necessariamente *HP* no meio virtual, mas aos leitores que estabelecem relações pós-leitura com a interação na construção de significações na cibercultura.

leitura, é relevante analisá-la sob a ótica da cibercultura, que hoje é o meio pelo qual se processa a maior parte das interações, via Internet, dos sujeitos isolados (fisicamente) uns dos outros. Por essa perspectiva, tem-se como objetivo analisar e discutir as implicações de dois produtos da pós-modernidade: as comunidades virtuais e as hiperficções literárias. Para tanto, será averiguado como a série *Harry Potter* é recepcionada por leitores-virtuais inseridos nessas comunidades e serão analisadas as diferentes leituras da obra que se dão por meio dessas hiperficções ou simplesmente *fanfics*.

No primeiro capítulo, intitulado *O Mapa do Maroto*, foram expostas as implicações teóricas referentes à conceituação de literatura e, conseqüentemente, aos estudos relacionados à leitura e ao leitor. Por fim, foram focalizados os estudos concernentes à Estética da Recepção, abordando-se as propostas desenvolvidas por Iser e Jauss.

Já no capítulo seguinte, *Entre Bruxos e Trouxas*, debateram-se questões relacionadas à mídia virtual e, por conseguinte, suas implicações no que diz respeito à literatura, leitura e ao leitor na cibercultura.

A análise dos questionários, das comunidades virtuais e das *fanfics* selecionadas deu-se no terceiro capítulo, chamado *As Escadas de Hogwarts*. Esse capítulo é o que apresenta maior relevância nesta pesquisa, visto que se buscou apontar os fatores determinantes que tornam a série tão popular, tanto na observação dos dados da pesquisa quanto na escrita virtual de leitores de *HP*.

Portanto, conforme exposto, esta dissertação analisará as implicações da série *HP* sob a perspectiva da teoria da recepção, focalizando-se o ambiente virtual (*fanfics*, comunidades virtuais), dada a penetração da Internet em todos os contextos na atual Sociedade da Informação.⁵

Assim, tome seu lugar, que o expresso de Hogwarts já vai partir.

1.1 METODOLOGIA

O enfoque da pesquisa foi de caráter fenomenológico, visto que se apresenta como um método e como um modo de ver o dado. Sua idéia fundamental é a noção da intencionalidade

⁵ A Sociedade da Informação é a conseqüência da explosão informacional, caracterizada, sobretudo, pela aceleração dos processos de produção e de disseminação da informação e do conhecimento.

de consciência dirigida a um objeto. Nesse sentido, essa linha de pensamento reconhece que não há objeto sem sujeito: a popularidade de HP se deve aos seus leitores (TRIVIÑOS, 1987).

Dessa maneira, a metodologia da pesquisa foi, em um primeiro momento, pesquisar e selecionar, no site de relacionamentos *Orkut*, as comunidades virtuais que tratavam da série, dado o elevado número de comunidades cadastradas que tratam dos livros. Diante disso, escolheram-se as comunidades *Harry Potter Brasil e Eu adoro ler Harry Potter*. Além da análise das comunidades virtuais selecionadas, foi realizada uma pesquisa por meio de questionários com leitores da série *HP* que se encontravam cadastrados nessas comunidades. Foi no *fórum* dessas comunidades que se tornou possível fazer contato com leitores-virtuais que teriam interesse em participar desta investigação.

Após esse contato inicial, os interessados em responder à pesquisa deveriam enviar a solicitação para o e-mail da pesquisadora: hp_dissertacao@yahoo.com.br. Inicialmente, a resposta foi grande, e foram vários os leitores-virtuais que demonstraram interesse em responder ao questionário. Contudo, como muitos leitores-virtuais não retornaram o e-mail com as respostas e outros apresentaram problemas no momento de abertura no programa da pesquisadora, decidiu-se por analisar dez questionários respondidos por leitores-virtuais. Essa quantidade foi selecionada porque acredita-se que esse número seja suficiente para responder às questões propostas nesta dissertação e porque um grande número de dados coletados dificultaria a análise, haja vista o fato de que esta pesquisa não é de caráter quantitativo, e sim qualitativo.

Em um segundo momento, realizou-se a pesquisa sobre os sites de hiperficção literária que tratavam da série HP, por meio do site de busca *google*, que apresentou um número elevado de *fanfics* sobre o jovem bruxo. Feita a pesquisa, foi selecionado o *site Aliança 3 Vassouras* por disponibilizar diferentes ferramentas de acesso e grande número de membros cadastrados.

Por meio da pesquisa exploratória, foi desenvolvido, ainda, um processo descritivo que se propôs a “descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.10). Isto é, por meio de uma pesquisa exploratória, buscou-se determinar a recepção da série HP em meio virtual e quais os fatores que influenciam esse processo.

Assim, a pesquisa de caráter exploratório e descritivo deu-se sob uma perspectiva qualitativa, conforme exposto anteriormente. Essa modalidade de pesquisa, segundo Triviños (1987, p.120), abrange dois pontos principais:

[...] por um lado, ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma idéia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo.

A pesquisa qualitativa possibilitou verificar o conjunto de fatores, individuais ou coletivos, que são mais determinantes na recepção da obra por leitores virtuais e sua circulação em meio virtual, mais especificamente, na hiperficção literária e em comunidades virtuais.

Conseqüentemente, pondera-se que o tipo de pesquisa qualitativa empreendida na realização desta dissertação foi o estudo de caso. Tal estudo se caracteriza como “uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real’, no qual os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas onde é possível se fazer observações diretas e entrevistas sistemáticas” (YIN *apud* BRESSAN, 2000, p.23). Com esse intuito, a proposta deste trabalho consistia na análise da recepção dos livros da série *Harry Potter* em meio virtual. Para a coleta de dados, foram utilizados questionários de caráter aberto, que visavam a verificar o posicionamento do leitor virtual perante a obra analisada. Além disso, foi feita a observação e análise de hiperficcões literárias que tratam de HP, bem como de comunidades virtuais voltadas para o mesmo assunto.

2 O MAPA DO MAROTO

Neste capítulo, inicialmente serão apresentadas considerações sobre literatura e leitura, para em seguida discutir questões relacionadas à Estética da Recepção. Tal fato se justifica por considerar-se que a teoria crítica da recepção só tem sentido se houver uma clara definição desses dois pontos, de modo que possam convergir com os pressupostos teóricos a serem seguidos, haja vista que a teoria só tem efeito quando se conhece o caminho a ser trilhado.

Tendo isso em vista e considerando que é preciso estabelecer o leitor como sujeito em qualquer conceituação, os estudos relacionados à Estética da Recepção tornam-se pertinentes neste trabalho, visto que os aspectos a serem analisados na obra *Harry Potter* terão como princípio o leitor, e não somente a obra como um produto acabado. Tal ponto será explicitado nos demais capítulos, nas questões referentes às comunidades virtuais, hiperficções literárias, e-fóruns, hipertextualidade, em que o leitor será visto como um indivíduo construtor de leituras em ambiente virtual.

Assim, o leitor poderá se sentir, nesse momento, como o próprio *Harry Potter*, ao receber o mapa do maroto, e decidir por qual caminho seguir, quais as novas significações que poderá construir no decorrer de sua leitura:

Era um mapa que mostrava cada detalhe dos terrenos do castelo de Hogwarts. O mais notável, contudo, eram os pontinhos mínimos de tinta que se moviam em torno do mapa, cada um com um rótulo em letra minúscula [...] E quando os olhos de Harry percorreram os corredores que tão bem conhecia, ele notou uma coisa. O mapa mostrava um conjunto de passagens em que ele nunca entrara (O Prisioneiro, p.160).

2.1 LITERATURA E LEITURA

Discutir o que é ou não literatura vai além de uma escolha trivial e subjetiva, visto que há décadas a conceituação do termo *literatura* não é consenso entre os teóricos do assunto. De acordo com Eagleton (1983, p.1), sua determinação pode ser “como a escrita *imaginativa*, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos ainda que brevemente sobre aquilo que comumente se considera literatura veremos que tal definição não procede”.

Dessa maneira, será possível constatar, no decorrer desta discussão, que os estudos literários falam da literatura das mais diferentes maneiras no decorrer dos tempos.

Compagnon (2001) faz um importante levantamento das questões que envolvem a contextualização de literatura ao longo dos tempos. Primeiramente, o autor critica a classificação comercial da literatura, ao mencionar a catalogação grotesca que qualifica as obras literárias de acordo com o rótulo: literatura (aqui entendida como ficção entediante) e ficção. Ora, se tal classificação fosse correta, a literatura seria simplesmente considerada por meio do gosto, ou seja, quem definiria o que seria ou não entediante? No decorrer deste capítulo, será retomada a discussão acerca do gosto e seu “peso” sobre a literatura.

A partir dessa generalização, erroneamente propaga-se a idéia de que a literatura seria tudo o que não é real. Essa definição de caráter superficial não leva em consideração que a distinção entre “fato e ficção” é imprecisa, uma vez que “as palavras e os acontecimentos da realidade empírica ganham, dentro da realidade ficcional devido ao seu valor de contexto, um novo significado” (BREDELLA, 1989 p.44).

Inegavelmente, esse processo se verifica, por exemplo, na literatura inglesa do século XVIII, que abarcava em seu repertório tanto as obras ficcionais, como também os ensaios filosóficos e autobiográficos, podendo constatar-se ainda que a literatura francesa do mesmo período apresenta, no seu repertório, além dos textos fictícios, as máximas e os discursos fúnebres (EAGLETON, 1983). É possível também, em um retorno à antiguidade clássica, verificar que as sentenças e máximas eram o canal regulador do comportamento humano e da vida social. E, através da sua observação, era possível compreender o funcionamento de tal sociedade.

Assim, a literatura da metade do século XVII era definida com base na tradição clássica e explicada como uma imitação (*mimese*) de ações humanas pela linguagem, tendo

como referência as considerações feitas por Aristóteles. A literatura, para o filósofo grego, era caracterizada enquanto conceito ou modelo a ser seguido; contudo, ele excluía da poética a poesia didática e a satírica. Conforme poderá ser visto, esse modelo de estudo literário tradicional só se renovou a partir do século XIX.

Na acepção moderna, o estudo literário parte de uma abordagem histórica (o texto como documento) e de uma abordagem lingüística (a literatura como a arte da linguagem). No primeiro caso, pode-se citar a classificação filológica do século XIX, que designava que o estudo literário era via régia para a compreensão de uma nação pelas suas relações com a história. Já a linguagem utilizada no campo da literatura afastar-se-ia da linguagem comum, pois chamaria a atenção para si mesma, ao exibir uma existência concreta e, sobretudo, pela desconformidade entre significantes e significados contidos em sua essência.

Entretanto, tais abordagens não devem ser analisadas separadamente, mas em conjunto, visto que uma abordagem complementa a outra e constrói uma nova experiência de conhecimento. O conhecimento a ser adquirido, construído e transformado só se realizará na junção de ambas as abordagens, da mesma forma que a razão e a emoção precisam fazer parte de todos os seres humanos. Em separado, perdem sua essência, sua importância e se tornam somente a parte de um todo.

De tal forma, na recorrência por uma melhor conceituação para a literatura, é interessante verificar as considerações relacionadas ao *Cânone Literário*, que representa o patrimônio literário de uma nação, dado o seu aspecto de influência nas decisões sobre o que seria ou não literatura e, conseqüentemente, quais seriam os homens (autores) dignos de admiração. O cânone representaria, portanto, o reflexo de um julgamento arrogante de valor do qual se considera o que seria a “boa” literatura, partindo do pressuposto do que seria considerado “belo”.

Bosi (2006) expõe três perspectivas sobre o que seria o “belo”. Primeiramente, os filósofos empiristas consideram que o belo não está no objeto, mas na condição de recepção do sujeito. Kant ainda considera que o belo seria uma qualidade a ser atribuída aos objetos para exprimir um certo estado de subjetividade individual. Por fim, a fenomenologia considera que o objeto é belo porque realiza o seu destino, ou seja, é um objeto singular, sensível, que carrega um significado que só pode ser percebido na experiência estética.

Diante disso, fica evidente, na exposição anterior, que o tipo de julgamento realizado pelo cânone é de caráter superficial, pois os juízos de valor são subjetivos, já que, por meio do critério do gosto, não é possível interpretar toda e qualquer literatura (CANDIDO, 1973). Sendo assim, cada sociedade valoriza os elementos textuais que estão mais de acordo com o

seu contexto histórico e ideológico. Logo, a pergunta que fica é: “Existiria no mundo alguém desprovido de influências sociais e culturais, totalmente imparcial que poderia julgar o que seria bom ou não”? A única resposta é: não existe indivíduo algum no planeta que não use as próprias ideologias para julgar. Dessa forma, conclui-se nessa situação que

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar (CANDIDO, 1973, p.45).

Conseqüentemente, se a perspectiva em relação à obra se modifica segundo as questões históricas e ideológicas, verifica-se também, no Cânone, a entrada e saída de obras literárias. Aliás,

A tradição literária é o sistema sincrônico dos textos literários, sistema sempre em movimento, recompondo-se à medida que surgem novas obras. Cada obra nova provoca um rearranjo à tradição como totalidade (e modifica ao mesmo tempo, o sentido e o valor de cada obra pertencente à tradição) (COMPAGNON, 2001a, p.34).

Desse modo, os critérios utilizados para definir o que seria (ou não) literatura mudam com o tempo, pois conforme explicitado anteriormente, uma obra pode ser considerada como filosofia em um século e texto literário em outro. Em outras palavras: “a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (CANDIDO, 1973, p.53).

Ressalta-se, então, a partir do que foi apresentado até este momento, que a literatura possui uma indeterminação conceitual, não sendo possível isolar um conjunto constante de características consideradas literárias porque não haveria uma essência de literatura.

Entretanto, Eagleton (1983, p.9) vai além das questões textuais e internas da obra e afirma que “a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve 'ler' e não da natureza daquilo que é 'lido’”. Assim, a conceituação de literatura ultrapassa as demarcações de forma e conteúdo e penetra em uma dimensão, não menos complexa, que é a participação (ou não) do leitor no universo literário, como se verá a seguir.

2.2 RECEPÇÃO E EFEITO: O LEITOR COMO PERSONAGEM PRINCIPAL

Da mesma maneira que a definição de literatura adquire um caráter polêmico, e, conseqüentemente, indefinível, as questões vinculadas ao leitor também são divergentes em relação à sua importância no ato de leitura.

Compagnon (2001b) apresenta dois pólos extremos de estudos literários que se referem ao leitor: uma abordagem que o ignora totalmente e outra que o coloca em primeiro plano, ao identificar a literatura de acordo com a leitura por ele realizada.

O primeiro pólo é representado pelos estudos do *Historicismo*, que, por sua vez, remete a obra ao seu contexto original, o *Formalismo Russo*, que defende a tese de que o texto deve ser considerado em sua imanência. O segundo pólo é representado pelo *New Criticism*, segundo o qual a obra seria fechada e a leitura, estritamente objetiva.

Como é perceptível, todas essas teorias concordam em banir o leitor de qualquer vinculação com o texto literário. Portanto, para essas teorias, a obra já teria um fim próprio, não havendo qualquer vínculo comunicativo entre autor, obra e leitor, já que o último deveria ser treinado para interpretar fielmente os textos literários, como forma de conseguir superar suas limitações individuais e culturais.

Contudo, Proust (apud COMPAGNON, 2001b) é um dos que reage contra a tendência de ignorar ou adestrar o leitor, pois para ele, o texto se volta para o leitor, visto que a leitura tem a ver com empatia, projeção e identificação.

Com a *Hermenêutica Fenomenológica*, observa-se o retorno do leitor à cena literária, como também com a *Estética da Recepção*, o *Reader Response Theory* e a obra *S/Z* de Barthes. Essas abordagens teóricas ressaltam o papel e/ou o posicionamento do leitor e da literatura.

Em relação à Estética da Recepção, verifica-se que seus estudos se dividem em duas categorias: a fenomenologia da resposta pública do texto, apresentada por Gadamer e Jauss, e a fenomenologia do ato individual da leitura, propostos por Ingarden e Iser.

Considera-se, assim, a importância do leitor nas ponderações feitas por Jauss e Iser. O tratado de Jauss inicia-se quando ele expôs na Universidade de Constança uma conferência denominada *A História da Literatura como Provocação à Ciência Literária*, cujo discurso foi marcado pela ironia e provocação, deixando claro o que se propõe a discutir, isto é, a decadência dos estudos da história da literatura. Iser, por seu turno, expõe, em sua obra *O Ato da Leitura. Uma Teoria do Efeito Estético* (1996, V.1 e 1999, V.2), que os estudos referentes

à Estética da Recepção se desenvolveram na década de 60, nas universidades alemãs, a partir da decadência dos estudos literários, que consideravam apenas a perspectiva histórico-científica e política.

Os dois estudos partem do mesmo pressuposto: o de que o leitor deixaria de ser um elemento externo ao texto para se tornar, ele próprio, protagonista da leitura que realiza.

Jauss (1994) expõe três pontos importantes que se referem à decadência dos estudos da história literária, em vigor há 150 anos. O primeiro diz respeito ao fato de que, até o século XIX, escrever a história de uma literatura nacional era o apogeu da carreira de um artista, o que já não ocorre na literatura contemporânea. Já o segundo aspecto considera que a existência atual da literatura serviria apenas para o cumprimento de regras e normas. Por fim, Jauss (1994) apresenta a transformação da literatura em meros *bibelôs* de estantes.

O crítico alemão ressalta que a abordagem histórico-literária não desperta o seu devido interesse por dois motivos: as literaturas modernas são analisadas segundo uma tendência geral, sendo depois abordadas de forma individual e obedecendo a uma seqüência cronológica, de maneira que a biografia do autor e o conjunto de sua obra são separadamente analisados. Por outro lado, o historiador considera apenas a cronologia de grandes autores (vida e obra), formando um certo tipo de Cânone, o que relegaria ao esquecimento alguns autores “menores”, ou melhor, desconhecidos.

Esse encaminhamento dado à história da literatura não representaria a verdadeira História da Literatura, e sim uma pequena porção de sua verdade:

Afinal, a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente do seu posicionamento no contexto sucessório de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão (JAUSS, 1994, p.7-8).

Gervinus (*apud* Jauss, 1994) propõe que os estudos da história da literatura proporcionem uma ligação entre a obra literária e “realidade”. Procura-se, assim, desfazer o modelo estanque de se analisar o texto sem considerar o seu contexto de produção e recepção, deixando de lado os julgamentos, visto que a obra, a partir dessa concepção, não seria mais considerada um texto acabado.

Como a escolha, determinação e valoração dos fatos literários se tornaram problemáticos e complexos, os estudos literários seguiram os métodos das ciências exatas formulados pelo positivismo, que considera apenas os fatores determinantes. Desse modo, o

gosto individual passou a decidir pelo coletivo. Obviamente, essa tendência da historiografia positivista também não deu certo. Logo foi substituída por um tipo de história do espírito, que deixou de lado as questões históricas e buscou suporte na recorrência de idéias, desconsiderando as questões atuais e singulares de cada obra literária.

Jauss (1994) afirma que o que resultou da escola positivista foram duas correntes: a sociologia da literatura, cujos estudiosos foram guiados pela escola marxista, e, em contraponto, surgiu a escola idealista, que produziu o método imanentista seguido pelo formalismo. Ambas as escolas buscam compreender as obras literárias não através de uma simples descrição cronológica, e sim como caminho de ligação entre os diversos períodos literários. Esses são os pontos cruciais, nos quais ele discute a ciência literária atual.

A escola marxista visava a compreender a literatura como um reflexo da sociedade, baseando-se, sobretudo, nas questões econômicas e sociais, o que, segundo o crítico, não resolveria as antigas dúvidas referentes à relação entre literatura e sociedade, pois a obra literária era medida segundo seu testemunho da sociedade. As obras que não tivessem essa relação eram consideradas provenientes de uma burguesia decadente.

Quanto ao formalismo, que se iniciou em 1916 por meio da *Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética*, enfatizava a necessidade de a arte passar a ser considerada a partir de um processo de estranhamento do automatismo da percepção cotidiana. Os formalistas destacaram que o literário na literatura não seria determinado apenas pela oposição entre as linguagens poética e prática (sincronia), mas também pela oposição à forma procedida na série literária (diacronia).

Jauss (1994) critica tanto a escola formalista como a marxista, porque ambas não propuseram uma relação entre literatura e história que permitisse seu estudo como um todo, já que os formalistas se preocupavam apenas com as questões estéticas da obra literária e os marxistas enfocaram suas análises exclusivamente nos aspectos sociais do texto. Em relação ao leitor, a escola marxista o considera apenas na sua condição socioeconômica, enquanto a formalista o vê como alguém que deve apenas se deixar guiar pelas orientações do texto.

O crítico alemão reúne as questões literárias e históricas em seus estudos, pois compreende que o fato literário é constituído tanto de um caráter estético quanto de uma funcionalidade social. Contudo, seria imprescindível não deixar de lado sua dimensão valorativa de recepção e efeito por parte do leitor, não importando, nesse momento, o Cânone ou qualquer tipo de divisão cronológica. Passa, portanto, a ter validade somente o posicionamento do leitor como sujeito de sua leitura.

Desta forma, Jauss (1994) formula sete teses que visam a reconstruir a história da literatura. Em suas teses, ele trata do chamado *horizonte de expectativas*, em que o leitor percebe na obra a leitura de outros textos literários conhecidos, o que permitirá novas formas de avaliação para futuras leituras.

Ao referir-se à experiência literária do leitor, ele determina que a obra literária não surge em um espaço vazio e indefinido, pois o texto apresenta sinais passíveis de reconhecimento, já que haveria algo de familiar no literário que possibilitaria que a interpretação fosse realizada de maneira diferenciada por cada leitor. O caminho a seguir, então, seria que o leitor, primeiramente, recusaria o horizonte de expectativa que está sendo apresentado pelo texto para depois “destruir” o familiar e buscar o reconhecimento do não-dado como forma de construir sentido para o texto. Isso significa que “a maneira pela qual uma obra literária, no momento histórico de sua aparição, atende, supera, decepciona ou confirma expectativas de seu público inicial, oferece-nos claramente critérios para a determinação de seu valor estético” (JAUSS, 1994, p.31).

Ao considerar a atitude de apreciação dos leitores, há de se considerar, assim, a produção e o consumo das obras, sobretudo dos chamados *best-sellers*, porque a sua expansiva circulação no mercado influencia sobremaneira a atitude do leitor. Segundo Wellershoff (1997, p.47), essa literatura de massa “proporciona aos leitores maiores oportunidades de contactos sociais, o maior número de probabilidades de encontrar quem tenha lido o mesmo livro, acaba por ser o que mais honras traz ao trabalho do leitor”.

De tal modo esse sistema rotacional de obras cai no gosto do público que depois tais obras se tornam rapidamente envelhecidas, proporcionando a análise do seu efeito literário nos leitores, que passam, então, a escrever a própria história da literatura independentemente de questões acadêmicas.

Ao tratar da reconstrução do horizonte de expectativas do momento de criação da obra literária, isto é, a sua recepção no passado, Jauss (1994) faz referência ao fato de que, mesmo quando não se conhece o autor nem sua intencionalidade, esses dados não deixam de estar inscritos no pano de fundo da obra literária.

Assim, o crítico alemão discute a questão diacrônica do texto literário, conforme a qual uma obra literária deve ser inserida na história da literatura a partir da história dos seus efeitos. Isso porque a tradição literária, ao considerar apenas o cânone, deixa de lado uma determinada obra, que poderia ter passado por um longo processo de recepção pelo seu público.

Por fim, Jauss (1994) tematiza a função social da literatura, desconsiderando a análise tradicional da sociologia, que pressupõe que a obra literária seria uma experiência negativa, ao passo que se defronta com algo que não é agradável. Esse posicionamento pressupõe, por sua vez, o rompimento com a consideração referente ao reconhecimento do real dado pela sociologia literária tradicional, o que significa ao leitor que “a experiência da leitura logra libertá-lo das opressões e dos dilemas de sua *práxis* de vida, na medida em que o obriga a uma nova percepção das coisas” (JAUSS, 1994, p.52).

Conseqüentemente, a relação entre forma e conteúdo, novo e velho, proporciona ao leitor a expansão e reestruturação de seu horizonte de expectativas, ao perceber o mundo de um modo diferente. Ao leitor é dada a oportunidade de se fazer atuante no processo da história literária; afinal é ele quem constrói e dá sentido ao texto, seja na quebra de tabus dominantes ou na percepção de novas soluções cotidianas. Por essa perspectiva, poder-se-á estudar uma nova história da literatura.

Partindo das mesmas questões valorativas do posicionamento do leitor no processo de leitura, Iser (1996) pondera sobre a incapacidade existente de refletir sobre os diferentes tipos de interpretação, visto que o que se seguia era o princípio clássico da interpretação: a intenção do autor, o significado ou a mensagem da obra e o seu valor estético. As perguntas literárias eram, assim, historicamente condicionadas e o leitor, sujeito fundamental para a existência da literatura, era relegado.

A mudança da análise literária dar-se-ia no sentido de se deixar de lado o estudo da significação da mensagem do texto e partir para os efeitos da sua recepção. O texto seria, pois, analisado a partir de sua relação extra-textual e não apenas em consonância com suas questões internas.

Dois pontos passam a ser considerados nessa mudança de panorama: a *estética do efeito*, que considera a interação tanto entre texto e contexto, como entre texto e leitor, e a *estética da recepção*, que recupera as condições históricas da recepção documentada dos textos. Portanto, o texto literário deixa de ter um valor estático no tempo, e sua validade pode ser recuperada por diferentes gerações de leitores que o interpretarão mediante diferentes pontos de vista. Isso ocorre porque “o texto literário se origina da reação de um autor ao mundo e ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contido” (ISER, 1996, p.11).

O teórico alemão faz uma recuperação das questões relativas à interpretação universalista, que via na obra literária um “corpo” a ser dissecado, ou seja, seu sentido seria único e este deveria ser dado pelo crítico, que, no século XIX, funcionava como um mediador

entre a obra e o público. Dessa maneira, o leitor deveria “seguir” apenas as instruções que o texto literário traria dentro de si.

Tal ponto de vista se mostra decadente, ao passo que se deve considerar que o efeito da obra literária depende da participação do leitor e da sua leitura. Cada leitor, portanto, deve se constituir no sujeito da própria leitura.

Como Jauss, Iser (1996), defende o processo de liberdade do leitor. Assim, Iser (1996) determina que a obra deva ser considerada em conjunto, isto é, tanto seu pólo artístico (texto criado pelo autor) quanto seu caráter estético (concretizações produzidas pelo leitor) são relevantes para a criação literária. Isso significa que a obra somente adquire caráter próprio durante o processo de leitura, na consciência do leitor, que seria o verdadeiro receptor dos textos. Haveria, assim, um processo comunicativo entre o leitor e a obra literária, a qual deixaria de ser considerada um “objeto divino” e faria parte das interpretações terrenas e individuais do leitor.

Apesar de haver críticas quanto à subjetividade da interpretação proposta pelo efeito estético, Iser (1996, p.58-9) as contesta, ao afirmar que a determinação de uma obra literária como boa ou má é baseada em juízos de valor, os quais, por sua vez, seguem critérios de descrição referentes às características da obra a ser julgada.

Ao escolher o que mais gosta em uma obra literária, o leitor parte de um juízo de valor subjetivo, porém, baseado em parâmetros objetivos que o fazem julgar se algo é bom ou não. Sendo assim, torna-se impossível separar as questões referentes ao que é subjetivo e objetivo, já que ambos os conceitos estão no mesmo sujeito, que faz julgamentos a partir de seu conhecimento previamente estabelecido.

Quando se trata de resgatar o leitor para a cena principal da leitura, faz-se necessário, segundo Iser (1996), apresentar os dois tipos de leitores considerados importantes para a crítica: o leitor ideal e o leitor contemporâneo. O primeiro pode ser considerado uma ficção, já que, tendo o mesmo código do autor, a ele é dado o poder de esgotar todo o sentido do texto. Já o leitor contemporâneo dificilmente poderia ser construído, dado que a sua realização ocorreria apenas na estrutura textual e não no leitor real.

O que se pode dizer sobre o leitor, independentemente de sua conceituação, é o fato de que, para o equilíbrio na leitura, os papéis oferecidos pelo texto e as disposições habituais do leitor não podem se sobrepor. Desse modo, a estrutura do texto estabelece o ponto de vista do leitor, que considera a natureza individual de ver o mundo.

Com o estabelecimento do próprio ponto de vista sobre o texto, o leitor conseguiria constituir o *horizonte de sentido*. Por meio da imaginação, ele formularia, então, idéias e

conceitos próprios, o que ultrapassaria a interpretação usual de que o sentido estaria previamente concebido e determinado na obra.

Ao se falar de *horizonte de sentido* do leitor, é necessário considerar o *repertório* do texto, que proporcionará ao leitor os atributos do real que estão introduzidos no ficcional: “é necessário, portanto, compreender a relação entre a ficção e a realidade não mais como a relação entre seres, mas sim em termos de comunicação” (ISER, 1996, p.102).

Inegavelmente, essa proximidade entre o real e ficcional, ao contrário das críticas, possibilita o êxito no processo comunicativo entre texto e leitor, visto que o mesmo proporciona elementos que possibilitam o conhecimento da situação apresentada até o momento. Em outros termos, isso significa que “as palavras e os acontecimentos da realidade empírica ganham, dentro da realidade ficcional, devido ao seu valor de contexto um novo significado” (BREDELLA, 1989, p.144).

Por conseguinte, se a organização dos elementos do real na obra ficcional serve como mediadora entre texto e realidade, há de se considerar que essa comunicação só terá êxito se houver compreensão da ação verbal produzida pelo texto, pois dessa ação depende o sucesso ou o fracasso comunicativo.

É necessário, assim, considerar que o texto é uma instância virtual que apenas se atualiza no leitor, estabelecendo-se uma relação dialógica entre ambos. Nessa relação, o texto se torna imprevisível, com um constante *feedback* entre ele e leitor, possibilitando que sejam realizadas mudanças do significado no decorrer da leitura, devido aos efeitos que essa leitura provoca no leitor.

O texto ficcional não expõe todos os elementos de antemão para que haja um processo comunicativo claro entre texto e leitor. Isso implica dizer que o texto deve apresentar elementos que possibilitem sua interpretação pelo leitor, de modo que este faça uma vinculação entre a sua experiência de leitura e o repertório apresentado pela estrutura textual. Nesse sentido,

O grau de definição do repertório é um pressuposto elementar para que o leitor e o texto tenham algo em comum. Pois uma comunicação só pode realizar-se ali onde esse traço em comum é dado; ao mesmo tempo, porém, o repertório é apenas o material da comunicação, o que vale dizer que a comunicação vem a ser realizada se os elementos comuns não coincidem plenamente (ISER, 1996, p.131).

Conseqüentemente, as normas e convenções são verificáveis no repertório a partir do momento em que algo familiar não é mais identificável no texto, sendo que o “familiar” diria respeito a textos de outras épocas e ao contexto sociocultural, representando a realidade extra-estética da obra. Os elementos extra-textuais perdem suas convenções usuais para serem percebidos em outras relações, porém não perdem suas relações originais por completo, porque devem servir de pano de fundo para o surgimento de novas relações. Há, contudo, o desconhecimento da intencionalidade desse novo uso.

Sem dúvida, ao estabelecer o caráter dialógico entre texto e leitor, proporciona-se uma multiplicidade de leituras, que produz, em cada sentido específico, uma construção de sentido de mundo. Essa situação de “confronto” entre leituras é fundamental para que o leitor possa se sentir atuante nesse processo, na medida em que

[...] o ato de ler implica um mergulho na própria existência – esta considerada como produto das determinações não apenas internas, mas externas aos sujeitos – no resgate dos significados já produzidos ao longo da vida e no confronto destes com a proposta feita pelo autor. No processo em que se concretiza, o sujeito-leitor recupera seus conhecimentos e crenças, implementa seu raciocínio e se reorganiza marcado por uma nova interação (GUIMARÃES, 1995, p.88 *apud* SANTOS e SOUZA, 2004, p.80).

Assim, no processo de leitura o leitor poderá construir os significados do texto e compreendê-los por meio de vazios, da formulação e reformulação de hipóteses, aceitando ou não a conclusão, já que

[...] o repertório se caracteriza pela transcodificação de valores, nele se apresenta sempre um contexto de referência, que, em face das possibilidades de sentido dominantes, virtualizadas e negadas, mostra diferentes possibilidades de uso. Ao otimizar a estrutura o leitor produz uma ordem pela qual o contexto de referências do repertório se torna textualmente experimentável (ISER, 1996, p.157).

Nessa ordem de idéias, o texto não produz um único acesso de significado, mas vários, que serão escolhidos de acordo com cada leitor. Esse jogo entre autor e leitor só não terá a participação deste, quando aquele diz tudo claramente e não dá ao leitor a possibilidade de participação, isto é, o texto não deixa o hiato necessário para a produção criativa do ato de leitura.

Se é o leitor quem “dá” vida ao texto, tem-se ainda que considerar a questão da perspectividade de leitura, ou seja, a obra é lida por leitores individualmente diferentes e, principalmente, com capacidades diferentes. Logo, tais leitores apreendem situações divergentes, que, por fim, são traduzidas para sua consciência. Além disso, a leitura não é concretizada como um todo, pois apenas partes do texto são apreendidas pelo leitor, que se move dentro do texto.

O texto funcionaria como uma co-relação do dado com o não-dado, que será percebido pelo leitor por meio dos processos de *protensões* (expectativas) e *retenção* (estrutura do texto). Por conseguinte, essa movimentação do leitor no texto,

[...] se define como vértice de protensão e retenção, organizando a seqüência das frases e abrindo os horizontes interiores do texto. Cada correlato individual de enunciação prefigura um determinado horizonte que se transforma em seguida num pano de fundo em que se projeta o correlato seguinte; neste momento, o horizonte experimenta necessariamente uma modificação (ISER, 1999, p.15).

Evidenciam-se, assim, duas possibilidades para a seqüência das enunciações: a comprovação das expectativas representadas pelas situações vazias dos correlatos e o desapontamento de expectativas previamente dadas. No processo de leitura, verifica-se, então, o processo da retenção como um horizonte já estabelecido e satisfeito, mas que continua a se esvaziar por meio das múltiplas facetadas apresentadas no decorrer da leitura, proporcionando um futuro horizonte que pode ser preenchido (protensão).

A constante movimentação do ponto de vista do leitor indica a modificação da sua consciência e, conseqüentemente, das suas expectativas e a abertura de novos horizontes que possibilitam a apreensão do texto. Gombrich (*apud* ISER, 19969) define esse processo por meio de dois termos da psicolingüística: a *Gestalt* e a *Gestalten*. A primeira se refere à totalidade de sentido dada entre texto e leitor e a outra é o agrupamento de apreensões que possibilita a totalidade de sentido no texto (perspectividade). Dessa maneira, na *Gestalten* há a produção de sentido para se chegar até a *Gestalt*, cuja totalidade resulta de várias *Gestaltens*, produzindo coerência textual. Assim, é possível afirmar que “a formação da coerência é a base necessária para todos os atos de apreensão. Ela se realiza através de atividades de agrupamento que cabem ao leitor; o agrupamento identifica as relações de signos textuais e as representa enquanto *Gestalt*” (ISER, 1999, p.40).

Durante a leitura, o leitor “pensa” o pensamento do outro, isto é, são as experiências não familiares deste que orientam os leitores. Assim, devido à perspectividade em movimento, o leitor seleciona as possibilidades de leitura que mais o agradem. Contudo, a seleção de um caminho a ser seguido não exclui completamente as outras possibilidades de leitura, que apenas permanecem em um segundo plano, aguardando atualização.

O que ocorre no processo de leitura é o fato de o mundo ser constantemente dado e refutado, o que permite uma oscilação experimentada pelo leitor, que vai além das expectativas (ruptura), das surpresas (perturbação) e das decepções (obliteração). Isso porque o leitor experimenta o texto como algo real e correlato da consciência do texto.

Pode-se dizer, em linhas gerais, que o texto seria uma coerência não definitiva em constante processo de reconhecimento e negação, com escolhas e exclusões que permanecerão ocultas no texto, mas nunca serão descartadas ou consideradas erradas. Isso porque, no ato da leitura, não há escolha certa ou errada, e sim escolhas que devem ser feitas pelo leitor naquele momento em que está interagindo com o texto.

Essa interação se dá no momento em que tanto texto quanto leitor se fazem presentes um para o outro. Logo, o envolvimento entre ambos proporciona várias possibilidades de leitura, pois o tempo todo o leitor é modificado, seja na retomada do passado ou na confirmação do presente. Por sua vez, essa situação de confrontação do que o leitor já conhece com outra informação aparentemente desconhecida possibilita, antes de qualquer coisa, uma presença ativa do leitor perante o espaço do não-dado do texto.

O envolvimento do leitor no processo de leitura é defendido por Iser (1996) como uma proposta comunicativa que não é mais regulada pelos códigos dominantes. Se o processo comunicativo da leitura não ocorre mais pelos códigos dominantes, há de se perguntar: qual é o canal que regulamenta esse processo? A resposta dada pelo crítico alemão é a de que o procedimento seria regulado pelos signos imaginísticos que se “projetam” no leitor. Contudo, esse processo regulador não é tão simples quanto parece, dada a complexidade de se determinar onde começa a contribuição do leitor e onde termina a dos signos.

Esse processo, que ocorre abaixo da consciência do leitor e é por ele determinado, é chamado de sínteses passivas, que nada mais são do que as seqüências de imagens projetadas pelo leitor durante o processo de leitura. Ao mesmo tempo, a imagem pode ser considerada a representação do não-dado, como também a exposição da inovação.

Para melhor compreender a função da imagem na constituição de sentido para o leitor, Iser (1999) apresenta o exemplo das adaptações cinematográficas de obras literárias, que, por meio da representação visual, fazem com que o leitor recupere as percepções por ele

memorizadas da obra literária lida. Dessa forma, na maioria das vezes, a imagem projetada inicialmente pelo leitor durante o seu processo individual de leitura entra em choque com a transposição para o cinema, o que geralmente resulta em decepção por parte do leitor.

Isso ocorre porque, durante a leitura, têm-se as diversas facetas ou possibilidades que proporcionam a construção das personagens e do enredo, enquanto, na versão cinematográfica, tais construções são desnecessárias, pois todo texto já vem pronto, sem a possibilidade de interferência do leitor. Nesse sentido, a formação de representações se dá no processo de leitura, uma vez que, nos textos ficcionais, a totalidade de sentidos esboçados pelo leitor ocorre por meio de signos que vão além de algo dado e sempre se abrem para informações novas.

Dessa maneira, a representação das imagens permanece relacionada ao que o texto diz e no qual o autor, de forma explícita, instrui o leitor a representar algo que ele não está dizendo, mas que pode ser percebido e determinado por meio dos esquemas textuais. Tais esquemas, assim como o repertório textual, dizem respeito às normas sociais e alusões literárias que dão vida à representação do leitor e são percebidas de maneira individual e única, o que significa que as percepções imaginísticas do mesmo texto não se constituem de maneira idêntica para os sujeitos, regulando-se conforme as referências selecionadas pelo leitor (ISER, 1999).

A regulação da leitura é determinada por sua duração temporal, que condiciona a seqüência das representações, fazendo com que o leitor perceba as oposições e os contrastes visualizados durante o processo de leitura. Os objetos imaginários são, assim, distinguidos um do outro e, ao mesmo tempo, inter-relacionados para que a leitura tenha sentido.

No processo temporal, a segunda leitura definitivamente não será idêntica à primeira e assim sucessivamente; porém, os sentidos atribuídos a cada uma das leituras anteriores influenciarão os novos sentidos a serem produzidos: “o significado de um sentido só se revela quando este estabelece uma relação com uma determinada referência; o significado traduz o sentido num sistema de referências e o interpreta em vista de dados conhecidos” (ISER, 1999, p.81). Isso significa que o leitor se posiciona de maneira diferente frente ao mesmo texto porque, enquanto sujeito, ele também se modifica.

A partir dos pressupostos da estética da recepção apresentados e do reconhecimento do leitor no processo de leitura, há de se considerar o leitor como um sujeito inserido em um determinado contexto social, econômico, cultural e ideológico, fatos que, sem dúvida, influenciarão seu ponto de vista.

Durante o processo de leitura, o leitor atravessa um tipo de “cisão”, ou seja, no ato de ler, deixa de lado suas disposições pessoais e passa a ler o pensamento de outro, o que corresponde a uma divisão do indivíduo em relação ao que ele conhece e aos temas desconcertantes e não familiares. Isso justifica o fato de o leitor ter a impressão de viver uma constante transformação durante a leitura, como se ele se metamorfoseasse em outro ser, após o rompimento do sistema de referencialidade no qual está inserido, com a formulação do não-dito.

Iser (1999) discorre também sobre um importante aspecto da obra literária: a constituição da personagem, que é apresentada de modo que haja identificação do leitor para com aqueles elementos que supostamente representariam o real. Assim,

O texto ficcional é parecido com o mundo na medida em que projeta um mundo que concorre com aquele. [...] Se medimos a ficção e a realidade, tendo por critério a qualidade do que é dado, constatamos apenas que a ficção não dispõe de traços objetivos. A ficção se revela um modo deficiente e até é tida como mentira por não possuir os critérios do real, embora simule tê-los. Se a ficção for classificada só mediante critérios que definem o que é real, então seria impossível tornar a realidade por meio da ficção (ISER, 1999, p.125).

Isso implica dizer que o leitor “encontra” na literatura apenas aspectos que sejam condizentes com o seu repertório individual e que, para ele, simulam todo o aspecto do real. A literatura, na verdade, “representaria” o todo, por meio de uma pequena porção do que poderia ser o real, conforme o contexto do que seria o real para cada indivíduo. E seria, portanto, nessa (in)determinação do que é real no campo ficcional que dois pontos devem ser considerados no caráter comunicativo entre obra e leitor: os lugares vazios e as negações.

Os lugares vazios propostos por Iser (1999) são diferentes dos lugares indeterminados propostos por Ingarden. Os primeiros resultam da combinação de elementos que possibilitam o processo criativo e a construção perspectivística do leitor durante a leitura, pois o forçam a se desfazer das suas expectativas previamente construídas. Caberia, então, ao leitor preencher os lugares indeterminados com suas representações e dar concretude à obra por meio de elementos potenciais que, ao se concretizarem, podem ser atualizados.

Os lugares indeterminados devem ser eliminados e os elementos potenciais devem ser atualizados. Ambas as operações quase não são sincronizadas. Se então os lugares indeterminados são preenchidos ou complementados, isso não significa para Ingarden que eles se transformariam em estímulos para a

atualização dos elementos potenciais. Pois quem atualiza esses elementos é a emoção original [...] (ISER, 1999, p.113).

Os elementos potenciais da leitura somente são ativados por meio da emotividade do leitor, que os agita internamente, visto que o leitor “mistura-se” com o texto, voltando à “calmaria” quando consegue a conexão com a obra. Portanto, os lugares indeterminados apenas ocultariam algo, podendo estimular o leitor ou exigir que ele utilize seu repertório de conhecimento.

Por meio desse processo de representação, os lugares vazios ainda estimulam o leitor a adquirir discernimento para que se afaste dos seus padrões e de suas atitudes e possa compreender o texto que lê, já que o ficcional não é o real.

A representação significa ao leitor a possibilidade de produzir uma gama variada de sentidos para o mesmo texto, mesmo que esses sentidos provoquem a desautomatização dos seus hábitos familiares e cotidianos. Dessa maneira, o rompimento com o familiar ou com o previamente dado, proporcionado pelos lugares vazios por meio das inúmeras representações de sentido, faz com que o leitor fique mais “preso” ao texto.

A estrutura do texto seria, então, a base reguladora para a interação entre texto e leitor, assim como os segmentos do texto, que constroem uma “teia” de imagens determinadas reciprocamente com diferentes pontos de vista, tais como: perspectiva do autor, do narrador e das personagens. Desse modo, o sistema perspectivístico não representaria o objeto estético textual em sua totalidade, mas é constituído por meio das relações que estabelecem entre si (ISER, 1999).

O ponto de vista focalizado pelo leitor passa a ser o seu tema, a maneira pela qual ele concebe sentido ao texto literário. Contudo, mesmo estabelecendo um tema na leitura, isso não significa que esse seja o único e verdadeiro, posto que as demais perspectivas da obra permanecem presentes. Porém, tais perspectivas deixam de ser um lugar vazio e ganham o caráter de horizonte, “pois quando um significado é descoberto, nele ressoam outros significados por ele estimulados” (ISER, 1999, p.167)

Há de se considerar ainda o valor da negação, isto é, ao leitor são apresentadas situações que transgridem o que lhe é familiar, proporcionando novos lugares vazios que mudam sua atitude perante o texto. Por outro lado, de certa maneira, o leitor continua a ser guiado pelo texto para a posição adequada.

As formulações de sentido do texto são, assim, moldadas pela negatividade, que, por meio do não-dito, constitui o dito, o que resulta em um dos efeitos da comunicação literária

que pode ser explicado por meio de três aspectos: o formal, o conteúdo e a função de caráter de acontecimento. Tais pontos servem para evidenciar que o leitor não explica o texto; ele o experimenta.

As formulações propostas por Iser (1996 e 1999) evidenciam que o leitor exerce o papel de protagonista na leitura e, por isso, deve ser considerado como um sujeito inserido em um determinado contexto, com uma determinada história de leitura, o que lhe possibilita um papel ativo na constituição de seu ponto de vista, ou melhor, dos seus vários pontos de vista, já que o texto literário não tem um sentido único e pronto.

Conforme os apontamentos realizados sobre a conceituação da literatura e, principalmente, sobre as bases teóricas da Estética da Recepção, confirma-se a relevância de tais estudos para a análise literária, visto que passam a considerar não mais a obra literária como um texto com sentido único dado pelo autor e a ser desvendado pelo leitor, e sim como um processo de interação entre autor, obra e leitor.

Se o leitor, a partir desse momento, é considerado sujeito atuante em suas leituras, no próximo capítulo será possível perceber como podem ocorrer essas possibilidades de construção de sentidos de leitura em ambiente virtual.

3 ENTRE BRUXOS E TROUPAS

Neste capítulo, serão tratadas as questões relacionadas ao ambiente virtual, dada a sua pertinência aos estudos de recepção da obra *Harry Potter* pelos diversos indivíduos que fazem parte da cibercultura, que é o objetivo deste trabalho.

Desse modo, faz-se necessário discutir os aspectos conceituais e históricos do surgimento da Internet e suas implicações na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, serão expostas as situações de interação de leitura, proporcionadas a um novo tipo de leitor, que agora não apenas lê, mas também “navega” em um oceano gigantesco de informações.

Assim, as questões relacionadas ao ambiente virtual, relevantes nas possíveis leituras desse leitor, serão discutidas nas suas relações com as comunidades virtuais, a hiperficção literária e os hipertextos.

Portanto, como ponto de partida, já é possível considerar que a Internet não respeita fronteiras geográficas ou socioeconômicas. Assim como as questões mágicas podem ser encontradas no mundo de *Harry Potter* tanto entre bruxos, como entre *trouxas* (pessoas não-mágicas), a influência desse meio é perceptível em todos os lugares.

3.1 A MÍDIA VIRTUAL

Do mesmo modo como Harry Potter transita entre o mundo real dos *trouxas*⁶ e o mundo mágico dos bruxos, a Internet tornou-se, na atual sociedade, um tipo de “bruxo” que transita em todo o mundo, independentemente da cultura, da distância geográfica, de questões socioeconômicas ou políticas. Dessa maneira, como que por “bruxaria”, a vida do homem moderno modificou-se, pois

⁶ O termo *trouxa* (do original *muggle*) é utilizado nos livros da série *Harry Potter* para designar as pessoas que não são bruxas, conforme discutido em 4.4.3. não vinculado, dessa maneira, ao sentido negativo que tal palavra possui em Língua Portuguesa.

[...] a Internet amplia o horizonte da comunicação, da arte e da literatura. Ela integra em um mesmo sistema na modalidade, escrita, oral e visual da comunicação humana e certamente os estudos lingüísticos têm contribuído para um melhor entendimento da comunicação e de nós mesmos, na medida que avançamos, cada vez mais, rumo a formas mais complexas de nos comunicarmos, integrando palavras, som, imagens e percepções tácteis em redes digitais de comunicação (SILVA, 2005a, *on-line*)

Com o desenvolvimento da informática, é interessante retornar ao passado e comparar como eram realizados os processos comunicativos de maneira geral. Antes do advento da escrita, o conhecimento era adquirido por meio da oralidade, como uma comunidade viva, e quando um velho morria, era como se uma biblioteca inteira se queimasse. Ao se valer de uma linguagem artificial por meio de símbolos, o homem começou a se diferenciar dos animais. A seguir, têm-se os principais fatos ligados ao desenvolvimento da comunicação humana:

- 3500 a.C.** Os egípcios criam os hieróglifos
 - 4000 a.C.** Já havia serviço de correio entre chineses
 - 8000 a.C.** As primeiras inscrições em cavernas são dessa data
 - 305 d.C.** Primeiras prensas de madeira inventadas na China
 - 1450** Jornais aparecem na Europa
 - 1452** A prensa, inventada por Gutenberg, permitiu a reprodução fiel e a difusão de uma mesma mensagem.
 - 1650** Primeiro jornal diário aparece na Alemanha
 - 1835** O telégrafo elétrico é inventado por Samuel Morse
 - 1876** Alexander Graham Bell patenteia o telefone elétrico
 - 1887** Emile Berliner inventa o gramofone
 - 1894** O italiano Marconi inventa o rádio.
 - 1948** Inventado o LP de vinil de 33 rotações
 - 1888** Aparece a câmera fotográfica de filme de rolo
 - 1895** Os irmãos Lumière inventam o cinema na França
 - 1923** A televisão é inventada por Vladimir Kosma Zworykin
 - 1934** Inventado o videotape
 - 1971** Surge o primeiro disquete de computador
 - 1976** Inventado o computador pessoal Apple I
 - 1981** Vendido o primeiro PC da IBM
 - 1994** Nasce a World Wide Web
- (SUPERINTERESSANTE, 2005)⁷

Desta forma, o sistema de informação progride juntamente com a evolução do homem, que foi descobrindo e aperfeiçoando formas para registrar suas idéias e poder transmiti-las para sua geração e para as posteriores.

⁷ http://super.abril.com.br/superarquivo/2005/conteudo_365061.shtml

Por conseguinte, antes de se discutir a abrangência, e por que não, o poder da Internet na sociedade global, torna-se necessário expor os principais fatos relacionados ao seu surgimento e, assim, buscar compreender como a rede virtual alastrou-se pelo mundo inteiro quase que magicamente.

Segundo Bogo (2005), a Internet foi desenvolvida na época da Guerra Fria e era conhecida como *ArphaNet*. Ela foi utilizada para manter a comunicação entre as bases militares americanas mesmo que o Pentágono fosse atacado pelos inimigos, já que todas as informações militares estariam armazenadas naquele local. Pouco tempo depois, em 1970, quatro universidades americanas recebem autorização para se interligarem à *ArphaNet*, para assim desenvolverem suas pesquisas: Universidade da Califórnia, Universidade de Los Angeles, Universidade de Santa Bárbara, Universidade de Utah e, ainda, o Instituto de Pesquisa de Stanford, dando, assim, início ao nascimento da Internet. No ano de 1972, o *ArphaNet* já contava com 40 computadores interligados e, em 1973, foi efetuada a primeira conexão internacional com a Inglaterra e a Noruega.

Entretanto, a população em geral apenas passou a ter contato com a Internet no ano de 1990, quando o engenheiro inglês Tim Bernes-Lee desenvolveu a *World Wide Web (Rede de Alcance Mundial – www)*⁸ com a construção do ENQUIRE, tendo como propósito inicial o compartilhamento de documentos de pesquisas entre os colegas. A partir de então, a Internet expandiu-se de forma vertiginosa, com a criação de navegadores⁹ que facilitariam o acesso à rede: a *Internet Explorer* da *Microsoft* e o *Netscape Navigator*.

No Brasil, a Internet deu seus primeiros passos em 1991 por meio de uma operação acadêmica entre a Rede Nacional de Pesquisa (RPC) e o Ministério das Ciências e Tecnologias. No ano de 1993, é lançado experimentalmente esse serviço, a fim de se conhecer melhor seu campo de ação e, em 1995, verifica-se a abertura da Internet ao setor privado para a exploração comercial.

Atualmente, são mais de 40 milhões de usuários ativos conectados à Internet somente no Brasil, utilizando seus serviços de forma individual ou simultânea, conforme mostra a figura a seguir (IBOPE/NETRATINGS, 2008)¹⁰:

⁸ É um sistema de documentos em hipermídia que são interligados e executados na Internet.

⁹ Trata-se de um programa de computador que habilita seus usuários a interagirem com documentos virtuais da Internet.

¹⁰ www.ibgo.com.br

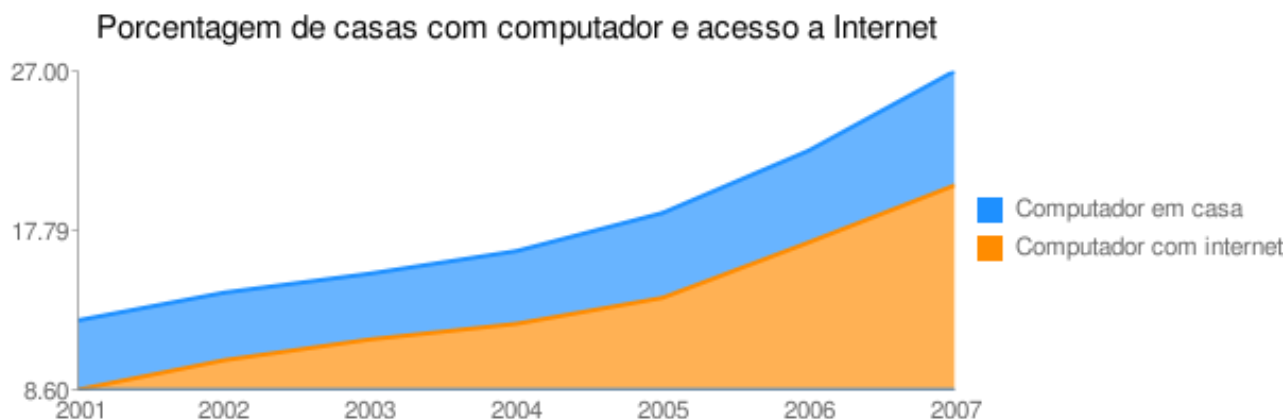


Figura 1: Porcentagem de casas com computador e acesso à Internet
 Fonte: www.tobeguarany.com/internet_no_brasil.php

A pesquisa demonstra, por meio de pesquisa apenas em âmbito nacional, que, hoje, a Internet é considerada por muitos teóricos como o mais importante veículo de comunicação da humanidade, sendo tal fato facilmente justificado na observação apresentada no quadro a seguir:

Tempo que as Novas Tecnologias levaram para atingir 50 milhões de Usuários no Mundo

Rádio	38 anos
Televisão	13 anos
Televisão a Cabo	10 anos
Computador	16 anos
Internet	4 anos

Quadro 2: Tempo que as novas tecnologias levaram para atingir 50 milhões de usuários no mundo.
 Fonte: www.abranet.org.br/historiadainternet/ocomeco.htm

Dado o seu fenômeno de expansão ilimitado e rápido, conforme verificado no quadro anterior, pode-se afirmar que “a Internet é, de uma vez ao mesmo tempo, um mecanismo de disseminação da informação e divulgação mundial e um meio para colaboração e interação entre indivíduos e seus computadores, independentemente de suas localizações geográficas” (AISA)¹¹.

¹¹ www.aisa.com.br/historia.html.

A disseminação da rede dá-se na mudança de comportamento dos indivíduos em três lugares essenciais da vida cotidiana: o lar, o trabalho e “lugares” – locais onde se fomentariam os laços sociais: bares, praças e cafés. Isso se justifica pelo fato de que a Internet está presente nas casas, no trabalho, o que resultou em uma mudança no que diz respeito às relações sociais, na medida em que as pessoas podem se comunicar com outros indivíduos mesmo sem se conhecerem ou morarem perto.

Castells (2003) considera ainda que a Internet possa ser comparada à importância da eletricidade na Era Industrial, visto que ela é hoje tão indispensável como a rede elétrica e o motor elétrico foram naquele período. Isso quer dizer que

Nosso mundo é, em boa medida, o mundo da Internet. Não se trata só de uma tecnologia, uma máquina que realiza determinado tipo de operação para obter determinado tipo de resultado. É, isto sim, um conjunto complexo de operações que alteram ou podem alterar a organização das relações sociais, tanto quanto o comportamento individual. É uma “ciência humana”, no sentido estrito: uma soma dos termos, cujo resultado ainda é cedo para estimular, mas que já se anuncia como da maior grandeza (ERCÍLIA; GRAEFF, 2008, p.75).

Assim, a imersão em uma nova tecnologia de informação resulta na inserção de novos termos que são incorporados ao cotidiano global de todos aqueles que estão direta ou indiretamente conectados à rede.

Santos (2005, *on-line*) constata que o *ciberespaço*¹² não seria uma nova realidade, “mas uma sublimação tecnológica da realidade que estamos acostumados”. A esse respeito, é possível fazer uma conexão da sublimação do real tecnológico com a transfiguração do real para o ficcional no campo literário, uma vez que ambos não se opõem ao real, mas concebem uma maneira diferente de ver a realidade. Essa nova perspectiva do real também pode ser chamada de *virtual*, assim definido por Levy (1999, p.75):

Um mundo virtual, no sentido amplo é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificam o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criações coletivas.

¹² A palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Gibson no romance de ficção científica intitulado *Neuromance*.

Ao referir-se ao mundo virtual como um campo de inteligência e criação coletiva, é possível estabelecer uma ligação com a questão da evolução e transformação desses aspectos na representação da leitura e literatura. Isso se justifica pelo fato de que principalmente a literatura busca se adaptar às novas condições virtuais, com a criação de novas maneiras de pensar e concretizar o objeto literário no ciberespaço.

Em tal âmbito, há de se pensar o aspecto de criação coletiva mencionada por Levy (1999), no que diz respeito ao livro, que representaria a inteligência coletiva transcrita por um sujeito inserido em um determinado contexto histórico-social.

Em relação aos livros, Chartier (1999) explicita que se a oralidade dos livros perdurou nos últimos séculos da Idade Média, com o sentido de assegurar a presença física de seu autor, na sociedade contemporânea, tal situação se mostra totalmente contrária, pois a passagem da cultura do papel para a digital significa a mudança das formas e dos dispositivos por meio dos quais um texto é exposto, podendo criar novos públicos e usos para ele (SILVA, 2005a, *on-line*). Nesse sentido, o universo da *web* necessita de “guia” apenas por um curto período, dado que o usuário torna-se autônomo em pouco tempo.

Levy (1999) indica duas grandes atitudes de navegação¹³, definidas como *caçada* e *pilhagem*. Ele define a atitude de *caçada* como a busca de informação precisa que o *internauta*¹⁴ deseja obter o mais rapidamente possível. Já aquele que não tem nenhum objetivo preciso e que pula de site em site, link em link e apenas recolhe coisas aqui e ali, tem a atitude de apenas fazer *pilhagem*.

Apesar das diferenças no navegar, no ambiente virtual circulam os mais distintos discursos, todos navegando no mesmo *informar*, abrindo caminho para a construção de novas experiências. Parisi (2005, p.50) expõe que a Internet seria a representação perfeita do pós-modernismo, uma vez que

Tudo circula em alta velocidade e chega a ser descartável. O pós-modernismo afeta o social, os indivíduos, as artes, as tecnologias, as ciências, o pensamento, o ambiente do homem. As pessoas passam a representar a vida. As informações são rápidas, volumosas e concretas.

Por conseguinte, em relação ao aspecto literário e da leitura, a mídia virtual ou

¹³*Navegar* é a metáfora utilizada para descrever o modo como os usuários se movimentam pela Internet. Pode-se fazer ainda uma alusão ao período das grandes navegações, já que, atualmente, as conquistas são feitas em mares tecnológicos.

¹⁴ Designação dada aos indivíduos que utilizam a rede mundial de computadores – a Internet.

eletrônica, especificamente a Internet, por meio de *e-foruns*, hiperficção literária, *hipertexto*, *blogs*, *e-mails*, *comunidades virtuais*, *e-books* e uma infinidade de outras possibilidades, proporciona aos leitores inúmeras situações que poderão determinar a maneira pela qual uma obra literária será recepcionada tanto no aspecto individual (sujeito solitário “na frente” do computador) quanto no coletivo (sujeito virtualmente conectado com outros sujeitos). Assim, a seguir, serão discutidos os aspectos referentes ao hipertexto, às comunidades virtuais em conjunto com os *e-foruns* e a hiperficção literária e suas implicações com a leitura, literatura e, conseqüentemente, com o leitor, por se adequarem melhor à temática deste trabalho: analisar a recepção da série *Harry Potter* em ambiente virtual, considerando as premissas da Estética da Recepção.

3.2 O HIPERTEXTO

Levando em conta que as transformações na sociedade contemporânea estão interligadas e são possibilitadas pelas tecnologias de informação e comunicação como a Internet, torna-se interessante compreender a forma como ocorreria a interação do sujeito no aspecto da leitura, no *locus* do ciberespaço, já que,

No contexto atual, o texto se configura como um espaço de leitura e escrita aberto, sem margem e sem fronteiras, que exige a revisão das estratégias de lidar com o escrito, constituindo-se num movimento que implica posicionamento crítico. O texto agora apresenta-se como um meio de pensar e ver o mundo, utilizando-se de uma nova sensibilidade, porquanto envolve um exercício de contínuo agir para buscar novos saberes, propondo respeito aos saberes, dos outros; provoca inquietações, exigindo posturas críticas, indagações e soluções para os desafios que incessantemente se apresentam (SILVA, 2005a, *on-line*).

O texto virtual conhecido como hipertexto se apresenta como uma das ferramentas mais criativas no que diz respeito ao processo de leitura, tornando-a uma espécie de jogo labiríntico onde se entrelaçam o mundo cultural, social e histórico do leitor com outros contextos, muitas vezes diferentes do dele.

Mas, afinal, o que é hipertexto? Pelo viés informacional, “é um conjunto de nós ligados por conexões” e, do ponto de vista literário, pode ser considerado como relações intra e extra-textuais que conduzem o leitor a uma conexão de palavras e frases cuja significação se comunica de maneira não linear. Os nós seriam as palavras, imagens, os gráficos e as seqüências sonoras que fazem parte de um texto virtual.

Na era do hipertexto, portanto, verificam-se mudanças nas práticas de leitura e escrita porque, nesse momento, o leitor tem possibilidade de, na hipertextualidade, eleger *links* entre os vários disponíveis, decidir o rumo de sua leitura e, ainda, tem o “poder” de recriar o seu texto individual.

Assim, a figura a seguir exemplifica um hipertexto:

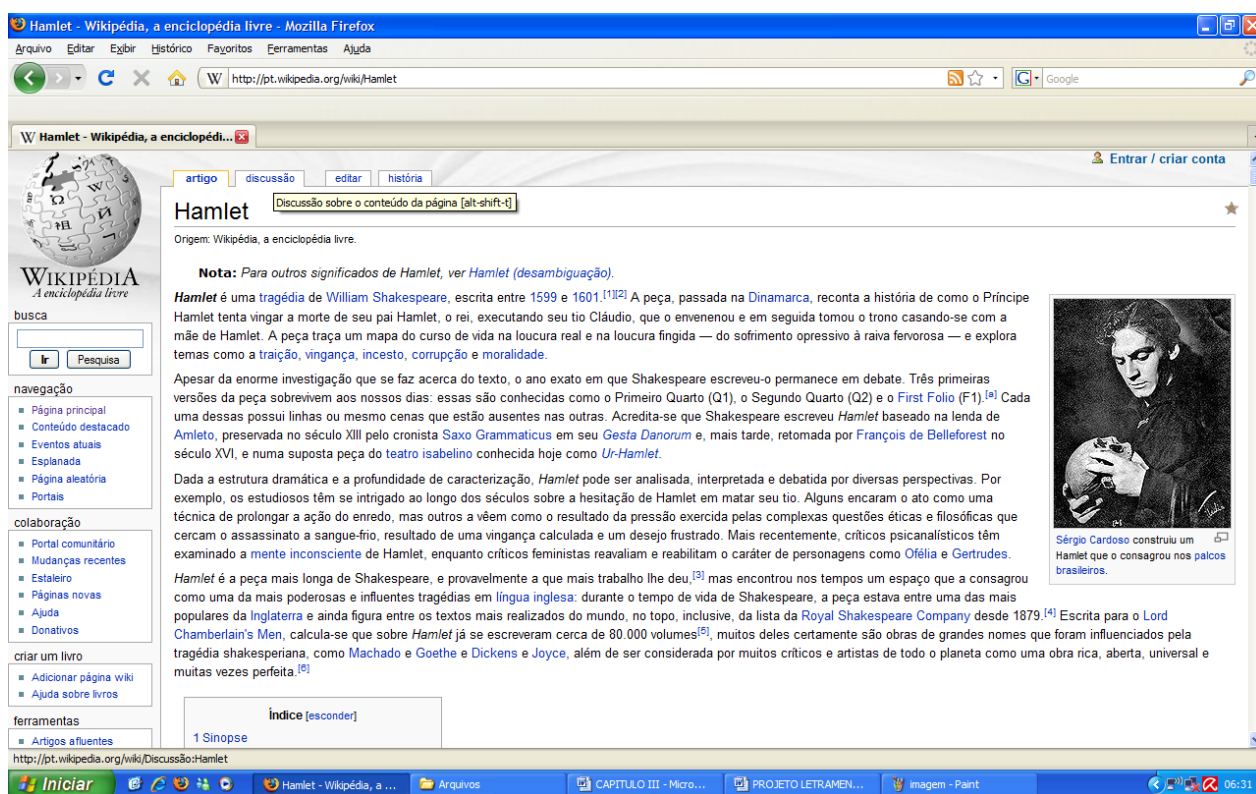


Figura 2: O Hipertexto

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamlet>

Nas páginas virtuais com hipertexto, essa possibilidade de leitura fica em destaque, com letra azul e sublinhada; além disso, quando o internauta passa o mouse por tais “aberturas” o cursor do mouse se transforma em uma “mão”, que pode ser vista como um símbolo maior da liberdade do leitor-virtual no hipertexto. É por isso que

[...] a partir do click do mouse, um link só tem sentido se for acessado pelo usuário. O novo texto é naturalmente dialógico, construído para a polifonia, o diálogo entre as diversas vozes e só tem sentido se a comunicação se estabelece [...] os percursos são pessoais, o espaço é vasto e tantos serão os textos (re) criados quanto forem os novos navegadores dessa imensa rede [...] (RAMAL, 2002, p.251).

O leitor passa a tecer uma textualidade infinita, ao mesmo tempo em que é exposto a um universo de possibilidades, que embora estejam ao alcance do usuário, são complexas, já que cada nó pode conter uma rede inteira. Por esse motivo, Eco (2000) compara a Internet a uma enchente ‘informacional’, comparação que é igualmente positiva e negativa, sendo negativa quando não se consegue selecionar qualitativamente as informações. Essa situação é criticada por Perrone-Moisés (1998, p. 206): “a superabundância e rapidez das informações na situação atual não permitem ao leitor nenhuma seleção real, comprometendo a visão crítica dos consumidores que se deparam com a efemeridade das informações virtuais e o crescente processo de massificação cultural”.

Entretanto, Lévy (1999, p.160) considera esse dilúvio informacional proporcionado pela hipertextualidade sob um viés positivo, pois “longe de ser uma massa amorfa, a Web articula uma multiplicidade aberta de pontos de vista, mas essa articulação é feita transversalmente, em rizoma, sem o ponto de vista de Deus, sem uma unificação sobrejacente”. Ou seja, qualquer caminho escolhido pelo leitor poderá ser considerado “correto”.

Ressalta-se, neste momento, que apesar de toda a discussão sobre o lado “bom” ou “ruim” da rede, não se buscará entrar nos méritos de tais julgamentos neste trabalho. Pretende-se apenas considerar os aspectos da hipertextualidade para o leitor, já que o hipertexto pode ser o paraíso ou o inferno, dependendo do uso que se faz dele.

Retomando o papel do leitor na virtualidade, Burgos (2005) expõe cinco práticas de leitura na hipertextualidade: *pesquisa*, *procura*, *vaguear*, *dirigida* e *exploratória*. O primeiro aspecto diz respeito a uma leitura exploratória em que, mesmo com o objetivo em mente, lê-se para ter uma visão geral do conteúdo. Já na *procura*, o leitor-virtual percorre o texto em busca de uma determinada informação. Quando percorre o hipertexto sem nenhum objetivo exclusivo, o leitor-virtual está apenas *vagueando*. A leitura *dirigida* é realizada com objetivos mentalizados e sua leitura tem etapas pré-estabelecidas. A *exploratória* é a leitura cujo conteúdo é explorado sem nenhuma intenção prévia por parte do leitor-virtual.

Ao se falar de leitura, é preciso fazer uma comparação relativa à maneira como se dá a leitura do livro impresso e a leitura virtual, segundo Burgos (2005).



Figura 3: A leitura na tela
 Fonte http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Megera_Domada

A leitura virtual seria realizada de maneira intuitiva, como se o leitor a explorasse sem objetivos, buscando reconhecer o conteúdo em cada área de comando, como *links*, barra de navegação, etc. (BURGOS, 2005). Chartier (1999, p.13) complementa esse ato de leitura virtual, afirmando que “a noção da falta de fluxo seqüencial e do texto eletrônico em si mesmo são [...] traços que indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas de suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”.

Em relação ao modo como se daria essa leitura no aspecto “físico” por parte do leitor, é interessante compará-la com a maneira tradicional de leitura, conforme pode ser observado na figura a seguir:

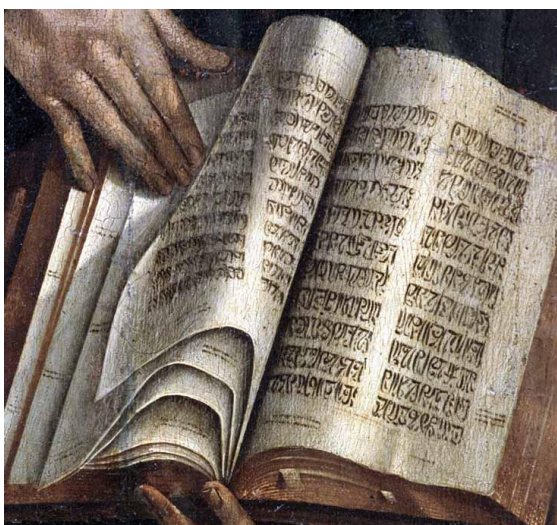


Figura 4: A leitura com o livro
Fonte: <http://paineis.org/Livro1.jpg>

Verifica-se, na figura 4, que, no livro, a leitura é realizada horizontalmente, com o desdobramento das páginas, o que obriga o leitor a seguir uma ordem linear previamente definida pelo autor. Já na tela essa leitura se torna vertical e o livro virtual corre diante dos olhos do leitor, por meio de uma leitura não-linear.

A virtualidade desafia e, ao mesmo tempo, estimula o leitor, ao mostrar que o controle da leitura está finalmente em suas mãos. Se em um livro impresso ele tinha apenas a opção de continuar ou abandonar a leitura e ainda pular trechos da narrativa, no mundo virtual esse mesmo leitor torna-se o “deus do Olimpo”, ou seja, passa a ser o “senhor supremo” do que lê ou irá ler e, ainda, poderá optar como se dará essa leitura. Santaella (1998, *on-line*) assim designa esse novo leitor-virtual:

Não mais um leitor que tropeça, esbarra em signos físicos, materiais, como era o caso do leitor movente, mas um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes, mas eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. Não mais um leitor que segue as seqüências de um texto, virando páginas, manuseando volumes, percorrendo com seus passos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multi-sequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens documentação, músicas, vídeo etc.

Nesse sentido, Lévy (1999, p.149) pondera que “o ‘texto’ dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colocar-se pelas pontas e fragmentos: transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto e móvel da web”.

Portanto, as novas práticas de leitura possibilitam ao indivíduo diversas possibilidades de conhecer e aprender, já que “as produções literárias são discutidas e disponibilizadas em *chats*, em listas de discussões, em páginas de criação coletivas e individuais e nas próprias livrarias virtuais que se encarregam de divulgar novos textos e autores” (SILVA, 2005b, *online*).

Percebe-se, então, que esse leitor-virtual torna-se sujeito ativo da própria leitura, cujos recursos e dados estão ao alcance da sua mão. Existem, assim, inúmeras formas e recursos que podem ser utilizados para que as significações de leitura de um único leitor possam ser compartilhados com outros leitores em ambiente virtual.

3.3 AS COMUNIDADES VIRTUAIS

Há um provérbio popular que diz: “diga-me com quem tu andas e eu direi quem tu és”, que pode ser reescrito no ambiente virtual da seguinte maneira: “diga-me em quais comunidades tu estás e direi quem tu és”.

Como define Lévy (1999, p.127), as comunidades virtuais são “construídas sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais”. Assim, as comunidades virtuais podem ser consideradas fontes de valores que moldam o comportamento e a organização social.

O computador torna-se, desse modo, o mediador da relação entre os indivíduos para o surgimento das comunidades virtuais e possui capacidade de aproximar e de conectar indivíduos que talvez nunca tivessem oportunidade de se encontrar pessoalmente.

Castells (2003) pondera que tais comunidades tiveram origem semelhante a dos movimentos de contracultura e dos modos de vida alternativa que nasceram na década de 60. Na década de 70, elas se propagaram com a rede Usenet, que era a mais popular forma eletrônica de organização social nas redes.

As principais comunidades virtuais, especificamente no Brasil, encontram-se no site de relacionamentos *Orkut* (Figura 5). No *Orkut*, os indivíduos criam as próprias páginas com informações pessoais (nem sempre verdadeiras), fotos, etc. (Figura 6) e passam a se comunicar com amigos que fazem parte de seu círculo de amizade cotidiana ou com outros que apenas conhecem virtualmente.

Demografia do Orkut em 6 de Novembro de 2008

	Brasil		51,18%
	Estados Unidos		17,46%
	Índia		17,40%
	Paquistão		1,01%
	Reino Unido		0,49%
	Afeganistão		0,48%
	Japão		0,43%
	Portugal		0,39%
	Alemanha		0,39%
	Austrália		0,39%

Figura 5: Ranking de usuários por país
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

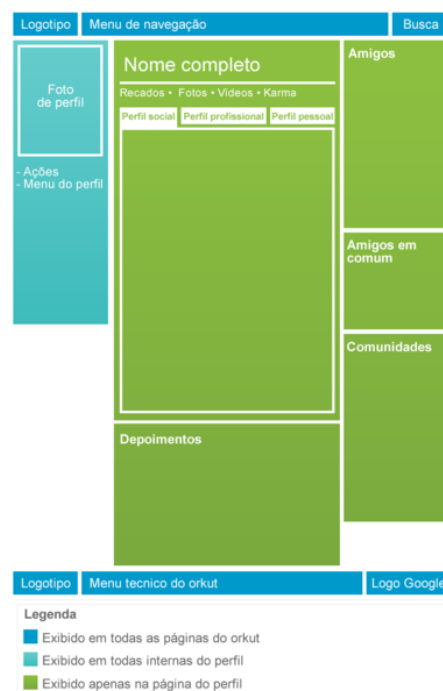


Figura 6: Layout do site *Orkut*
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

Dada a quantidade de usuários conectados ao *Orkut* no Brasil, verifica-se que

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social que não seria fundado nem sobre *links* territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos e colaboração (LÉVY, 1999, p.130).

É por meio da escolha de comunidades virtuais nas quais o usuário está inserido que ele pode se fazer reconhecer por meio de uma ou várias identidades. Dessa maneira, elas expõem determinada identidade ou papel, que cabe ao indivíduo desempenhar a cada instante de sua vida cotidiana.

Correa (2005) observa que participar de uma comunidade faz parte de uma estratégia do indivíduo para adquirir uma nova identidade, uma vez que as identidades culturais estão se fragmentando em consequência do processo de globalização, que é inerente à modernidade.

Essa sociabilidade virtual desprovida de fronteiras deve ser encarada como benéfica no que diz respeito aos aspectos literários em especial, na medida em que se possibilita a participação dos leitores, que possuem total liberdade para criar as próprias significações em relação ao texto que lêem. No próprio *Orkut*, existem várias comunidades relacionadas a obras literárias ou sobre autores, entre outros. A figura a seguir exemplifica bem esse tipo de interação:



Figura 7: Comunidade Virtual

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=1817935>

Notam-se, na figura, alguns aspectos que fazem parte da maioria das comunidades virtuais: *descrição* (apresentação do assunto da comunidade); *e-fóruns* (discussão da obra literária entre os participantes, sendo que qualquer participante pode criar um tópico para discutir); *outras comunidades relacionadas* (sugestão de comunidades virtuais relacionadas ao assunto) e *membros* (participantes da comunidade).

Nesse tipo de relação *on-line*, não se excluem as responsabilidades individuais e as *netiquetas*, que são o conjunto de leis que regem o mundo virtual, contudo não são iguais para

todas as comunidades. Tem-se ainda o direito livre a se expressar (*e-fóruns*), pois, como afirma Lévy (1999, p.128-9), “afinidades, alianças intelectuais, até mesmo amizades, podem desenvolver-se nos grupos de discussão, exatamente como entre pessoas que se encontram regularmente para conversar”. Ou seja, as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública, que estão ligadas à democracia moderna e se tornam mais participativas que as mídias clássicas (televisão, rádio, jornal).

Ao permitir maior acessibilidade no aspecto literário, são possibilitadas ao leitor novas formas de pensar e concretizar o objeto literário no ciberespaço, sem deixar de considerar que

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores (CHARTIER, 1999, p.77).

Em tal contexto, nas comunidades virtuais, é possível perceber idéias conflitantes que podem resultar na elaboração de novos saberes, construídos a partir de debates e discussões (Figura 8):



Figura 8: Discussão entre leitores-virtuais no *e-fórum*

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=1817935&tid=5205710360928491769&start=1>

Percebe-se, na figura 8, que o objeto literário pode ser debatido e reestruturado por qualquer usuário e ser discutido na comunidade virtual, de modo que o papel do crítico literário passa a ser desempenhado por poucos, dando lugar à liberdade de o indivíduo ser ele mesmo crítico das próprias leituras e das alheias.

Destarte, os significados dados pelo leitor durante a sua leitura da obra literária são por ele explicitados na escolha das comunidades virtuais e nos grupos de discussão dos quais tomará parte. Sua relação deixa de ser limitada, pois agora ele pode interagir com um grupo quase ilimitado de indivíduos que possuem os mesmos gostos. Afinal, na virtualidade, nunca se está realmente sozinho.

3.4 A HIPERFICÇÃO LITERÁRIA

Castells (2003) afirma que a cultura da Internet é a cultura de seus criadores e que, por meio de uma construção coletiva, influencia as pessoas de forma individual. De maneira contrária, o livro influencia as pessoas, primeiramente de forma isolada, para depois determinar a coletividade. Essa determinação coletiva é expressa em meio virtual através das hiperficções literárias ou simplesmente “o *fanfic*, a ficção do fã, é a ficção escrita pelos leitores que se apropriam de um texto literário canônico ou best-seller e recriam a partir destes um texto escrito, que pode ter uma limitada quantidade de palavras ou se estender a uma pequena novela” (MIRANDA, 2005, *on line*).

Nesse processo de apropriação da escrita “original”, o leitor-virtual torna-se também autor das próprias leituras, sendo que a releitura da obra estende-se, na maioria das vezes, do individual para o coletivo. Assim, a leitura e a escrita são atividades essenciais para adquirir e produzir informações. A leitura é ativa e interativa, porque o leitor reconstrói o significado do que lê, de acordo com sua visão de mundo e suas experiências de leitura.

Dessa forma, Silva (2005b, *on-line*) expõe que a hiperficção literária

[...] deixa ao leitor a opção de recompor o texto, para isso mesmo reestruturado em fragmentos. A função do autor, conseqüentemente, desloca-se no sentido do leitor que participa da composição ou da formatação do texto pela virtualidade. A cada leitor, melhor ainda, a cada leitura, um novo texto, e a autoria se faz substituir pela co-autoria (QUEIROZ *apud* MARINHO, 2001, p.181).

É possível afirmar, assim, que a hiperficção literária é um tipo de gênero textual criado no ambiente do ciberespaço, cujos textos são escritos por fãs de livros literários, que se dedicam a escrever histórias paralelas às dos livros. Os leitores determinam o começo, meio e fim de cada narrativa.

Contudo, sua autoridade de reconfiguração literária não pode ultrapassar o enredo da obra original, ou seja, precisa haver ligação entre o “velho” e o “novo”. Isso significa dizer que

O texto passa a ter inúmeros formatos e variadas significações, libertando-se da intencionalidade do autor e transformando o leitor em co-autor. Existe, portanto, um diálogo possível e real nesse novo processo estruturado de comunicação, que permite o intercâmbio, a troca de informações e de papéis (SILVA, 2005a, *on-line*)

A figura a seguir exemplifica um site de *fanfic*:

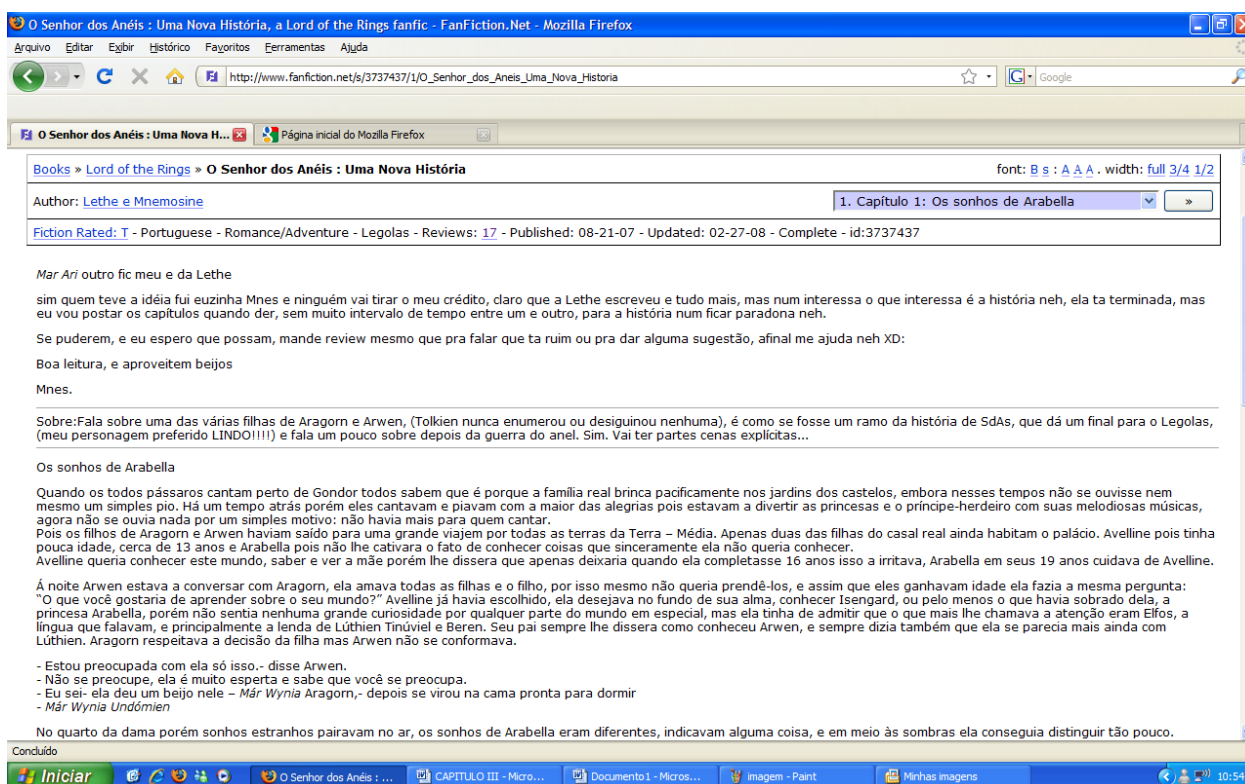


Figura 9: Site de hiperficção literária

Fonte: http://www.fanfiction.net/s/3737437/1/O_Senhor_dos_Aneis_Uma_Nova_Historia

No exemplo acima, o leitor-virtual desenvolveu uma continuação para a trilogia *Senhor dos Anéis* de J.R.R. Tolkien, narrando como seria a vida em família de Aragorn e

Arwen, já que, na obra, apenas se tem o casamento desses personagens e mais nada é dito sobre o seu futuro.

Verifica-se que, nesse aspecto, com a participação de vários usuários-escritores, ocorre uma espécie de escrita colaborativa, na qual não existe mais o “meu texto”, e sim o “nosso texto”, com uma significativa reunião de vozes, que possibilita uma construção incessante de significantes e significados. Segundo Silva (2005a), é válido considerar que “o texto renasce a cada *link* efetuado e a palavra se transforma em semente que germina, fazendo brotar uma nova página na qual o leitor, envolto num imenso vaivém, revela seu potencial criador”.

Na *fanfic*, portanto, cada um deve ser, ao mesmo tempo, leitor e autor para assim poder emitir juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas sejam, podendo, ainda, refletir sobre os juízos emitidos pelos outros.

Segundo Chartier (1999,p.153), “o texto implica significações que cada leitor constrói a partir de seus próprios códigos de leitura, quando ele recebe ou se apropria desse texto de forma determinada”. Nesse aspecto, por meio da hiperficção literária, nasce um novo tipo de leitor, que deve estar familiarizado com a articulação de diferentes linguagens na composição do texto eletrônico. Isso significa dizer que, por meio da hiperficção literária, o leitor tende a se libertar do controle do roteiro de leitura do autor no livro impresso. Logo, o leitor da hiperficção é forçado, a todo tempo, refletir sobre sua experiência de leitura (BURGOS, 2005).

Se o usuário acessa, pela primeira vez, um site de hiperficção de uma determinada obra que nunca leu, ele poderá sentir-se “tentado” a provar essa nova leitura para, só assim, ter a chance de participar da criação coletiva. De certa forma, as hiperficções, além de transformarem o leitor em autor, ainda possuem o poder de incentivar a formar outros leitores que se sintam impulsionados a se tornarem “protagonistas” no seu processo de leitura e, conseqüentemente, de criação.

Dessa maneira, conforme se constatou nas discussões propostas neste capítulo, foi possível perceber como as implicações do mundo virtual se fazem presentes na sociedade atual. Portanto, torna-se importante sua verificação no âmbito literário, tal como será realizado neste trabalho, por meio da análise da recepção da série *Harry Potter* por leitores-virtuais participantes de comunidades virtuais referentes à obra e também por meio das hiperficções literárias, quando esse sujeito torna-se co-autor do texto que lê.

4 AS ESCADAS DE HOGWARTS

Antes de iniciar a análise e discussão da recepção da série *HP* em meio virtual, faz-se necessário caracterizar o objeto literário em estudo para que, assim, se possam visualizar as nuances referentes aos modos como se realizam as diversas leituras da obra e como se apresentam os seus leitores-virtuais.

4.1 O MENINO QUE SOBREVIVEU

O fato de Harry pegar o Expresso de Hogwarts para viajar até Hogwarts possui um significado especial para a autora, J. K. Rowling, pois foi durante uma viagem entre Londres e Manchester, cidades inglesas, que a idéia da série lhe ocorreu. Na ocasião, o trem ficou parado durante horas, e foi naquele momento, dentro do expresso, que surgiu a base da série potteriana.

Nesse período, Rowling estava desempregada e vivendo de benefícios do governo. Foi nesse contexto que ela terminou seu primeiro livro, escrevendo-o em um café perto de sua casa. Inclusive, sobre seu antigo local de trabalho, Smith (2003, p.87-8) diz que

Esse tempo no Nocolson's tornou-se uma espécie de lenda, como a que ela escrevia com uma das mãos enquanto embalava Jéssica com a outra, para fazê-la dormir, e que ela preferia trabalhar em seu livro lá porque não tinha dinheiro para pagar o aquecimento em seu apartamento em South Lorne Place. Mais tarde ela viria a revelar que essas histórias eram em parte verdade, em parte imaginação: “‘É verdade que eu escrevia em cafés com minha filha dormindo ao meu lado. Pode soar muito romântico, mas claro que não é nada romântico (...) O exagero vem quando eles dizem: ‘bem o apartamento dela não tinha aquecimento’. Eu não estava lá pelo calor! Estava realmente em busca de um bom café e de não ter que interromper o fluxo das idéias para me levantar e fazer mais café para mim mesma”.

Antes de publicar o primeiro livro, nove editoras britânicas recusaram a sua obra, alegando ter muitas páginas para um livro infanto-juvenil, até que a editora britânica *Bloomsbury* aceitou publicar o primeiro livro da série: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (1997), e que lhe rendeu um adiantamento de apenas 2500 libras esterlinas (cerca de R\$ 8.260,00). E, ironicamente, antes do lançamento do livro, o editor Barry Cunningham aconselhara J. K. Rowling para que mantivesse um emprego fixo, pois, segundo ele, ela não tinha grandes chances de fazer dinheiro com livros infantis (NEL, 2001).

Contudo, apesar do pouco dinheiro inicial, seu sucesso já havia sido profetizado pela personagem da professora McGonagall nas primeiras páginas do volume inicial: “ele será famoso [...] haverá livros escritos sobre Harry Potter, cada criança saberá o seu nome” (*A Pedra Filosofal*, p.19). A autora, por meio de sua personagem, apenas não contava que o sucesso do livro também ganharia vida na grande tela do cinema.

Estimulada pelo sucesso do seu primeiro livro, Rowling produziu uma série com mais 6 livros sobre as aventuras do jovem bruxo, além de escrever mais 3 obras relacionadas à série¹⁵: *O Quadribol através dos séculos* (2001), *Animais fantásticos e onde habitam* (2001) e *Contos de Beedle, o Bardo* (2008). Já a versão cinematográfica adaptou os cinco primeiros dos sete livros, embora haja expectativa de que ocorram versões fílmicas dos demais livros da série.

Tais produções audiovisuais foram dirigidas por diferentes diretores: Chris Columbus (*Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Harry Potter e a Câmara Secreta*), Alfonso Cuarón (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*), considerado pela crítica especializada e pelos fãs como a melhor das adaptações, Mike Newell (*Harry Potter e o Cálice de Fogo*) e David Yates (*Harry Potter e a Ordem da Fênix*), o que demonstra a diversidade de “olhares” na condução da adaptação. Contudo, a própria J.K. Rowling é quem supervisiona os roteiros e, inclusive, foi quem selecionou o elenco de atores que iriam “dar vida” às suas personagens.

Em pouco tempo, a autora recebeu diversos prêmios pelos seus livros. O quadro a seguir destaca as principais honrarias recebidas por J.K. Rowling por seu trabalho como escritora, cidadã britânica e pelo auxílio prestado a instituições de caridade:

¹⁵ Todo o dinheiro arrecadado com a venda desses livros é revertido para a caridade, especificamente para a instituição *Comics Relief* da qual a autora faz parte.

ANO	PRÊMIOS
1998	<p><i>Harry Potter e a Pedra Filosofal:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>British Book Award;</i> ➤ <i>Young Telegraph Paperback of the Year Award;</i> ➤ <i>Sheffield Children's Book Award;</i> ➤ <i>Guardian Children's Fiction Prize;</i> ➤ <i>Children's Book Award;</i> ➤ <i>Bookseller Author of the Year;</i> ➤ <i>Carnegie Medal;</i> ➤ <i>Livro Infantil do Ano no British Book Awards;</i> <p><i>Harry Potter e a Câmara Secreta:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Nestlé Smarties Book Prize (categoria de 9 a 11 anos);</i> ➤ <i>Livro Infantil do Ano no Whitbread Award.</i>
1999	<p><i>British Booksellers Association Author</i></p> <p><i>Por Harry Potter e a Pedra Filosofal:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Prix Sorciere (prêmio francês);</i> ➤ <i>American Booksellers Book Award.</i> <p><i>Harry Potter e a Câmara Secreta:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Melhor Livro para 'Jovens Adultos'</i> ➤ <i>Association Notable Book Award,</i> ➤ <i>American Library Award,</i> ➤ <i>Guardian Children's Fiction Prize</i> ➤ <i>Children's Book Award</i> ➤ <i>Livro Infantil do Ano no British Book Awards</i> ➤ <i>Sheffield Children's Book Award</i> ➤ <i>Scottish Arts Council Children's Book Award</i> <p><i>Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Nestlé Smarties Book Prize (categoria de 9 a 11 anos),</i> ➤ <i>Melhor Livro do Ano no Los Angeles Times</i> <p style="text-align: center;"><i>Livro Infantil do Ano do no The Whitbread Award</i></p>
2000	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Nomeada pela Rainha Elizabeth como <i>Officer of the British Empire</i> (Oficial do Império Britânico), tornando-se Lady J. K. Rowling. ➤ Dra. <i>Honoris Causa</i> em Letras pela Universidade de Exeter, onde se formara em Francês e Línguas Clássicas em 1987 ➤ Prêmio <i>British Booksellers Association Author</i> <p><i>Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Melhor Livro Para 'Jovens' Adultos no Booklist Editors' Choice</i> ➤ <i>American Library Association Notable Book</i> ➤ <i>Sheffield Children's Book Award</i> ➤ <i>Guardian Children's Fiction Prize</i> ➤ <i>Children's Book Award</i> ➤ <i>Carnegie Medal</i> ➤ <i>Livro Infantil do Ano do célebre The Whitbread Award</i> <p><i>Harry Potter e o Cálice de Fogo:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ <i>Livro Infantil do Ano no W H Smith Book Awards</i>

	➤ <i>The Blue Peter Book Awards</i>
2001	<i>Harry Potter e o Cálice de Fogo:</i> ➤ <i>Children's Book Award</i> ➤ <i>Prêmio Hugo Award</i> ➤ <i>Scottish Arts Council Children's Book Award</i> ➤ <i>Livro Infantil no FCBG Book Award</i>
2002	➤ <i>Whitbread Children's Book of the Year Award</i> , por <i>Prisioneiro de Azkaban</i>
2003	<i>Harry Potter e a Ordem da Fênix:</i> ➤ <i>WH Smith People's Choice Award</i> ➤ <i>Livro do Ano no British Book Awards</i>
2005	➤ Homenageada com um quadro na <i>Nacional Portrait Gallery</i> (Galeria Nacional de Retratos) em Londres, pintado por Stuart Pearson Wright.
2006	➤ Recebe o título de Dra. <i>Honoris Causa</i> em Direito, pela Universidade de Aberdeen ➤ <i>Greatest Living British Writer</i> (por toda a saga <i>Harry Potter</i>) <i>Harry Potter e o Enigma do Príncipe:</i> ➤ <i>Entrou para o Livro dos Recordes, sendo considerado o Livro Vendido Mais Rápido da História.</i> ➤ <i>Royal Mail Awards</i> (categoria infantil, de 8 a 12 anos) ➤ <i>Livro do Ano no British Book Awards</i>
2007	➤ <i>Golden Blue Peter Badge</i> ➤ <i>Pride of Britain</i> por inspirar mães solteiras e aspirantes a autores por sua história de luta para chegar ao sucesso ➤ <i>Order of the Forest</i> (Ordem da Floresta) da <i>Markets Initiative</i> , uma organização canadense de proteção ao meio ambiente, pela impressão de <i>Harry Potter e as Relíquias da Morte</i> com papel reciclado. ➤ <i>Entertainer of the Year</i> , da revista <i>Entertainment Weekly</i> . ➤ <i>Wired Rave Award</i>
2008	➤ <i>Autora do Ano</i> , pelo <i>National Children's Choice Book Award</i> . ➤ Nomeada embaixadora do <i>National Council for One Parent Families</i> (Conselho Nacional para Famílias de Pais Sozinhos), instituição de caridade que ajuda pais sozinhos.

Quadro 3: Principais prêmios recebidos por J.K. Rowling.

Fonte: <http://clubedoslugue.com/conteudo/livros/jk/index.php?page=honrarias>

De maneira geral, cada livro da série narra um ano da vida de Harry Potter na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde ele aprende a usar magia e preparar poções. E é nesse mundo mágico que ele enfrenta o seu maior desafio: evitar que o bruxo das trevas, Lord Voldemort (assassino de seus pais) tome o poder. O jovem bruxo tem ao seu lado dois grandes e inseparáveis amigos, o bruxo sangue-puro¹⁶ Rony e a intelectual Hermione que,

¹⁶ São os bruxos que descendem de uma linhagem familiar em que não há “mistura” com sangue de não-bruxos.

juntos, lutam para vencer o mal.

À primeira vista, o enredo pode parecer conhecido e, de certa forma, infantil. Contudo, talvez o que torne os livros interessantes é o fato de que em HP um mundo inteiro foi desenvolvido, com direito à política (leis regidas pelo Ministério da Magia), tratamento de saúde (Hospital *St Mungus* para doenças e acidentes mágicos), sistema monetário (com 3 moedas: galeões, sicles e nucleos), esporte (*Quadribol*, uma espécie de futebol praticado com vassouras) e outros detalhes que fazem desse mundo mágico, apresentado nos sete volumes e nos 5 filmes lançados, uma realidade próxima do leitor. Inclusive, os cenários das histórias se encaixam com algum lugar próximo a Londres. Assim, as personagens vivem no mesmo mundo e tempo de seus leitores e, também, envelhecem juntamente com eles.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, volume inicial da série, é apresentada, nos primeiros capítulos, a vida do órfão Harry Potter, que vive com seus tios, os Dursley, e com seu primo Duda. Harry é maltratado pelos tios, que o colocam para dormir em um armário embaixo da escada até que um dia recebe uma carta misteriosa, mas seus tios o impedem de ler e fogem para diversos lugares, como tentativa de impedir a chegada das cartas. Na noite do seu décimo primeiro aniversário, ele recebe a visita do meio-gigante Rúbeo Hagrid, que lhe revela sua história: quando tinha apenas um ano, o bruxo das trevas, Lord Voldemort, matou seus pais e, quando tentou matá-lo, algo deu errado: Voldemort perdeu seus poderes sem conseguir matar Harry e este apenas ganhou uma cicatriz na testa em forma de raio. Assim, ele ficou conhecido no mundo bruxo como *o garoto que sobreviveu*.

Com a ajuda de Hagrid, o protagonista é introduzido em um mundo de magia e inicia seus estudos na tradicional escola de magia e bruxaria de *Hogwarts*. Nesse local, o jovem bruxo conhece seus dois melhores amigos: Ron Wesley e Hermione Granger. Após muitos acontecimentos estranhos e uma seqüência de investigação do trio de amigos, Harry tem seu segundo confronto com Lord Voldemort, que, em busca da imortalidade, tentava roubar a *Pedra Filosofal*, mas é impedido pelo herói.

A série continua com *Harry Potter e a Câmara Secreta*, que descreve o segundo ano de Harry em Hogwarts. Ele e seus amigos investigam misteriosos ataques e os relacionam com enigmáticos acontecimentos que ocorreram há 50 anos na escola. Ao pesquisarem mais sobre a história da escola, os amigos descobrem a lenda da *Câmara Secreta*, um esconderijo subterrâneo de um antigo mal. Pela primeira vez, Harry percebe que o preconceito racial existe no mundo bruxo e descobre que Voldemort tem como propósito destruir todos os

trouxas e os sangues-ruins¹⁷, buscando a supremacia dos sangues-puros¹⁸. Ele também está chocado, ao saber que é Ofidiglota, ou seja, domina a língua das serpentes, um raro dom, dominado apenas pelos bruxos das trevas. O romance termina após o bruxo salvar a vida da irmã mais nova de Ron, Ginny Weasley, derrotando um basilisco¹⁹, comandado por um jovem Voldemort, que estava imortalizado nas páginas de um diário.

O terceiro romance, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, é o único livro que não trata diretamente de Voldemort. Em vez disso, Harry tem de lidar com o fato de ser constantemente vigiado, pois o perigoso assassino, Sirius Black (suspeito de ser cúmplice de Voldemort no assassinato de seus pais), escapou da prisão de Azkaban. Com a intenção de proteger Harry, Dementadores, horríveis criaturas capazes de destruir a alma humana, são designados para cuidar da escola. Com a chegada do professor Remo Lupin, o protagonista aprende medidas defensivas contra tais criaturas que o afetam fortemente. Ele descobre que tanto Lupin como Black eram amigos íntimos de seu pai e que Black, seu padrinho, foi injustamente condenado.

Durante seu quarto ano de escola, em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, Harry é forçado a participar de um perigoso torneio bruxo, o Tribuxo. O enredo centra-se na tentativa do herói em descobrir quem o obrigou a competir no torneio e por que. Um ansioso Harry é guiado através do torneio pelo Professor Alastor Moody. A partir desse volume, inúmeros mistérios são resolvidos e outros conflitos aparecem. O romance termina com o ressurgimento de Voldemort e a morte de um estudante.

No quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Phoenix*, Harry tem de enfrentar o recém-ressurgido Voldemort. Em resposta ao ressurgimento de Voldemort, Dumbledore reativa a Ordem da Phoenix, uma sociedade secreta que trabalhava para derrotar Voldemort e seus Comensais da Morte e proteger Harry. Apesar da tentativa de Harry e Dumbledore de atestarem o retorno do bruxo do mal, o Ministério da Magia e muitos outros no mundo mágico se recusam a acreditar que Voldemort havia retornado. Buscando fazer valer a sua versão, o Ministério nomeia Dolores Umbridge como a nova diretora de Hogwarts. Ela transforma a escola em um quase-regime ditatorial e se recusa a permitir que os alunos aprendam a se defender contra as artes das trevas. Uma antiga profecia envolvendo Harry e Voldemort é revelada. No clímax do romance, o protagonista e seus amigos enfrentam

¹⁷ Termo pejorativo para designar aqueles que não descendem de famílias com sangue 100% bruxo.

¹⁸ Ao fazer referência à busca da pureza racial apregoada por Lord Voldemort, a autora faz uma alusão a Adolf Hitler e sua louca busca pela pureza ariana.

¹⁹ Em todos os volumes da série, a autora faz referências a diversas lendas e mitos anglo-saxões, egípcios e outros.

Voldemort e os Comensais da Morte na Sala dos Mistérios do Ministério da Magia, tentando proteger a profecia.

O sexto livro, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, mostra claramente que Voldemort está conduzindo outra guerra bruxa, que se tornou tão violenta que, mesmo os trouxas começavam a sentir alguns de seus efeitos. No início do romance, o herói tropeça em um velho livro de poções, repleto de anotações e recomendações, assinado por um misterioso escritor, o Príncipe Mestiço. Em encontros secretos com Dumbledore, Harry descobre detalhes da vida do bruxo das trevas e também revela o fato de que a alma de Voldemort foi dividida em diversas *horcruxes*, ou seja, estão em itens encantados e escondidos em vários locais, sendo que somente com a sua destruição Voldemort pode ser morto.

Harry Potter e as Relíquias da Morte, o último livro da série, começa imediatamente após os acontecimentos do sexto livro. Com a morte de Dumbledore, Voldemort completa sua ascensão ao poder e ganha o controle do Ministério da Magia. Harry, Ron e Hermione abandonam a escola, para que possam encontrar e destruir as horcruxes restantes do Voldemort. Para garantir a própria segurança, bem como a de sua família e amigos, eles são forçados a se isolar. O livro culmina em uma gigantesca batalha em Hogwarts. Harry, Ron e Hermione, em conjunto com membros da Ordem da Phoenix e de muitos professores e alunos, defendem Hogwarts de Voldemort, de seus Comensais da Morte e de várias criaturas mágicas. Vários personagens principais são mortos na primeira fase da batalha. Em um esforço para salvar os sobreviventes, o herói se rende a Voldemort, que tenta matá-lo. A batalha recomeça com a chegada de pais de alunos de Hogwarts, de estudantes e moradores da aldeia próxima, Hogsmeade, para reforçar a Ordem da Phoenix. Com a última horcrux destruída, Harry é capaz de matar Voldemort. Um epílogo descreve a vida dos personagens sobreviventes e revela que a paz voltou a reinar no mundo bruxo.

Apesar do fim da série, verifica-se, ainda, que os livros não caíram no esquecimento, devido a alguns fatores determinantes, tais como: o poderoso marketing que envolve a divulgação dos livros, o meio virtual por meio do qual as comunidades sempre buscam renovar as discussões sobre a série, além das hiperficções literárias que perpetuam o desejo dos leitores de dar continuidade aos volumes, tornando-os quase que narrativas infinitas. Ainda vale ressaltar o fato de que todos os filmes sobre a série ainda não foram lançados e que, a cada temporada cinematográfica, a saga de *HP* ressurgiu com tanto poder quanto o de uma Fênix.

4.2 A SÉRIE *HARRY POTTER* NA CIBERCULTURA

De maneira geral, a circulação de leitores e divulgadores da série *HP* em meio virtual é quase que imensurável, pois, ao se digitar o nome “Harry Potter” no site de busca *google* (www.google.com.br), tem-se 89.200.000 resultados de sites relacionados ao assunto: livros, filmes, comércio, notícias, entrevistas, entre outros.²⁰ Não importa como, mas *HP* mostra-se presente em diferentes contextos.



[Oclumência » Notícias, fotos, fórum e entretenimento \(Harry Potter\).](#)

30 Mar 2009 ... Portal sobre o mundo da série **Harry Potter**, inclui notícias, fotos, fórum, astros, e livros.

www.oclumencia.com.br/ - 43k - 5 horas atrás - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

[Especial Harry Potter e o Enigma do Príncipe | Oclumência](#)

O especial do filme **Harry Potter** e o Enigma do Príncipe tem orgulhosamente o objetivo de reunir todas as informações oficiais sobre o filme, ...

www.oclumencia.com.br/enigmadoprincipe/ - 5k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

[Mais resultados de www.oclumencia.com.br »](#)

[Especial Harry Potter - Filmes, livros, personagens, bruxaria e ...](#)

Harry Potter é um dos mais recentes fenômenos da literatura infanto-juvenil, assim como também dos cinemas mundiais. Visando sempre agradar o público em ...

www.cinemacomrapadura.com.br/especiais/harry_potter/ - 8k -

[Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

[Web site Oficial do Harry Potter](#)

Site oficial do **Harry Potter**! Trailers e clips do filme e os bastidores em Hogwarts. Os bruxos e bruxas de JK Rowlings – **Harry Potter**, Rony Weasley, ...

harrypotter.pt.warnerbros.com/home.html - 3k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

[UOL - Harry Potter](#)

Divulgação. “**Harry Potter** e o Enigma do Príncipe” terá Voldemort criança ... 16h57 - : Dublê de Daniel Radcliffe fica ferido em cena do último “**Harry Potter**” ...

criancas.uol.com.br/harrypotter/ - 17k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

[Harry Potter - Guia de Harry Potter](#)

Guia que relaciona e comenta os melhores sites de **Harry Potter** da Internet mundial. Um Guia SobreSites.

www.sobresites.com/harrypotter/ - 20k - [Em cache](#) - [Páginas Semelhantes](#)

Figura 10: Pesquisa virtual sobre *HP*

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?searchFor=A&q=harry+pot>

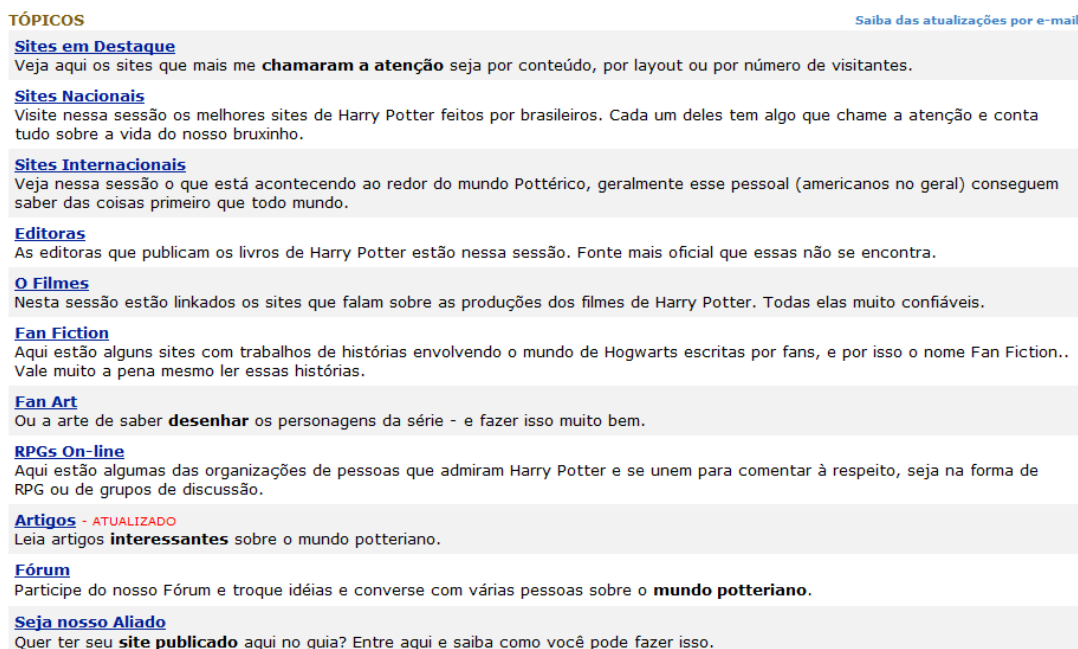
Percebe-se, assim, que, por meio dessa sociedade em rede, tudo está praticamente conectado, havendo então a necessidade de escolher caminhos. Contudo, tais caminhos não

²⁰ Ressalta-se que os valores apresentados sobre a busca do nome *Harry Potter* podem sofrer mudanças significativas, dado ao fato de que, diariamente, novos conteúdos sobre a série são adicionados em meio virtual.

são tão fáceis de serem seguidos, principalmente por se encontrarem em meio virtual, pois o hipertexto pode levar o *internauta* a destinos infinitos, já que seu conteúdo nunca é encerrado ou plenamente delimitado.

Por meio da hipertextualidade, o leitor-virtual constrói uma textualidade infinita, pois ao buscar informações sobre a série, ele faz, primeiramente, uma visualização de identificação geral, verificando quais as informações que aquela página apresenta, por exemplo. Logo em seguida, ele deverá decidir e escolher, entre os mais diversos assuntos sobre *HP*, além de poder ver imagens e vídeos relacionados ao pequeno bruxo.

Dessa maneira, o leitor-virtual sente-se com todo o “poder” nas mãos. Ao escolher um *link*, outra janela se abre com novas opções:



TÓPICOS [Saiba das atualizações por e-mail](#)

[Sites em Destaque](#)
Veja aqui os sites que mais me **chamaram a atenção** seja por conteúdo, por layout ou por número de visitantes.

[Sites Nacionais](#)
Visite nessa sessão os melhores sites de Harry Potter feitos por brasileiros. Cada um deles tem algo que chame a atenção e conta tudo sobre a vida do nosso bruxinho.

[Sites Internacionais](#)
Veja nessa sessão o que está acontecendo ao redor do mundo Pottérico, geralmente esse pessoal (americanos no geral) conseguem saber das coisas primeiro que todo mundo.

[Editoras](#)
As editoras que publicam os livros de Harry Potter estão nessa sessão. Fonte mais oficial que essas não se encontra.

[O Filmes](#)
Nesta sessão estão linkados os sites que falam sobre as produções dos filmes de Harry Potter. Todas elas muito confiáveis.

[Fan Fiction](#)
Aqui estão alguns sites com trabalhos de histórias envolvendo o mundo de Hogwarts escritas por fans, e por isso o nome Fan Fiction.. Vale muito a pena mesmo ler essas histórias.

[Fan Art](#)
Ou a arte de saber **desenhar** os personagens da série - e fazer isso muito bem.

[RPGs On-line](#)
Aqui estão algumas das organizações de pessoas que admiram Harry Potter e se unem para comentar à respeito, seja na forma de RPG ou de grupos de discussão.

[Artigos](#) - ATUALIZADO
Leia artigos **interessantes** sobre o mundo potteriano.

[Fórum](#)
Participe do nosso Fórum e troque idéias e converse com várias pessoas sobre o **mundo potteriano**.

[Seja nosso Aliado](#)
Quer ter seu **site publicado** aqui no guia? Entre aqui e saiba como você pode fazer isso.

Figura 11: Opções de escolhas hipertextuais
Fonte: www.sobresites.com/harrypotter

Cada escolha do leitor-virtual desencadeará um novo processo de leitura-pesquisa e, assim, sucessivamente. Essa liberdade de escolha se torna mais global, graças “às redes eletrônicas que ampliam essa possibilidade, tornando mais fáceis as intervenções no espaço de discussão da virtualidade” (CHARTIER, 1999, p.18).

A hipertextualidade se apresenta como um labirinto virtual, pois cada escolha poderá levar a um novo caminho e assim quase que infinitamente, dependendo das escolhas feitas.

Na série, a personagem Harry Potter também se sente confusa quando se depara com várias escadas:

Havia cento e quarenta e duas escadas em Hogwarts: largas e imponentes, estreitas e precárias; umas que levavam a um lugar diferente às sextas-feiras; outras com um degrau no meio que desaparecia e a pessoa tinha que se lembrar de saltar por cima. Além disso, havia portas que não abriam a não ser que a pessoa pedisse por favor, ou fizesse cócegas nelas no lugar certo, e portas que não eram portas, mas paredes sólidas que fingiam ser portas (*A Pedra Filosofal*, 2000, p.116).

Da mesma forma que Harry Potter tenta se concentrar para encontrar o caminho certo para suas aulas, o leitor-virtual também precisa decidir qual o melhor percurso seguir na sua “viagem” em rede.

Neste capítulo, será realizada a análise da recepção da série *Harry Potter* em meio virtual, cuja escolha das “escadas” responsáveis por conduzir nossa leitura ocorrerá, mais especificamente, a partir dos seguintes itens: questionários enviados a leitores da série que participam de comunidades sobre os livros; seleção e observação de comunidades virtuais referentes à obra; e, ainda, *fanfics* escritas analogamente aos volumes da série.

4.3 O MENINO BRUXO NAS COMUNIDADES VIRTUAIS

As comunidades virtuais podem ser consideradas como grandes agrupamentos sociais inseridos no contexto da cibercultura. Desse modo, escolheu-se observar e analisar as comunidades que estejam localizadas no site de relacionamentos *Orkut*, visto que esse é, atualmente, o maior meio de comunicação e, porque não, de busca na identificação entre pessoas de todas as idades, com diferentes perfis sociais, econômicos, culturais e geográficos.

Verifica-se a existência de mais de 1000 comunidades relacionadas à série *HP*, que tratam de diferentes assuntos relacionados aos livros: personagens, lugares citados nos livros, a autora e os filmes.²¹ A figura a seguir expõe uma parte dessas comunidades:

²¹ Ressalta-se novamente que o número de comunidades vinculadas à série *HP* também se modifica quase que diariamente, devido ao sucesso da obra dentre seus leitores.

comunidade - Brasil



Harry Potter Brasil
 Categoria: Artes e Entretenimento (291.799)
 Local: Brasil
 Para os fãs de Harry Potter.

Trailer - Enigma do Príncipe:
br.youtube.com/watch?v=6znjg7gWa1M
 Estréia: 17/07/09 ...

comunidade - Brasil



Harry Potter
 Categoria: Artes e Entretenimento (177.867)
 Local: Brasil
 Harry Potter, o maior fenômeno literário e cinematográfico de todos os tempos, iniciado em 1997 com o lançamento de "A Pedra Filosofal", já teve seus 7 livros traduzidos para mais de 63 idiomas, entre...

comunidade - Brasil



Sou Viciado(a) em Harry Potter
 Categoria: Artes e Entretenimento (138.361)
 Local: Brasil
 :: Comunidade OFICIAL dos Viciados em Harry Potter ::

Comunidade destinada a todos os fãs da série **Harry Potter...**

comunidade - Brasil



Eu adoro Harry Potter
 Categoria: Outros (95.559)
 Local: Brasil
Fãs de todo o mundo... Entrem!!!

A comunidade pede uma ajuda ai pra galera q adora harry potter...

... a banda DEJAHU, parceira da comunidade, tah participando d uma promoção d...

Figura 12: Pesquisa de comunidades sobre *HP* no *Orkut*

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch.aspx?searchFor=A&q=harry+potter>

Dada a grande quantidade de comunidades inseridas em tal contexto, decidiu-se analisar as comunidades virtuais que possuíssem maior relação com o aspecto da leitura e também dispusessem de um grande número de usuários associados: *Harry Potter Brasil* e *Eu adoro ler Harry Potter*. Essa escolha se justifica pelo fato de que a comunidade virtual *Harry Potter Brasil* traz conteúdos relacionados aos livros, filmes, jogos, *fanfics* e a outra comunidade trata especificamente do aspecto da leitura dos livros.

A comunidade *Harry Potter Brasil* possui 291.799 membros e foi criada em 21 de março de 2004, tendo como proposta tratar da série sob diferentes aspectos. É interessante observar que seus moderadores²² criaram perfis com nomes de personagens da série: *Minerva* (professora de Transfiguração), *Remus* (professor de Arte e de Defesa Contra as Trevas), *Arthur* (chefe da família Wesley) e *Gui* (irmão mais velho de Rony). Resta saber quais os

²² Usuários responsáveis pela criação e manutenção da comunidade.

fatores que puderam resultar nessa identificação, visto que a personagem Gui somente recebe maior destaque na trama do último livro da série, sendo citado poucas vezes nas demais obras.

Por meio de *hiperlink*, é possível ler notícias relacionadas à série *HP* que estejam em evidência no momento em que o usuário acessa tal comunidade. Por exemplo, na ocasião da observação dessa comunidade, a notícia em evidência era a seguinte: *Saga de Harry Potter estimula leitura e aquece mercado literário*. Ao clicar em tal *link*, abre-se uma nova página, a do *Correio da Bahia*, na qual o usuário encontra a matéria jornalística na íntegra. A esse respeito, pode-se afirmar que as ferramentas virtuais (*links* e hiperlinks) são importantes para despertar e incentivar a leitura, pois possibilitam um caráter dialógico entre texto e leitor (PIRES, *on-line*).

Além de proporcionar outras leituras, a comunidade analisada traz os fóruns, que podem ser considerados como espaços democráticos para a discussão de inúmeros assuntos relacionados à série:

Fórum
 Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Harry Potter Brasil > Fórum

pesquisar este fórum: [pesquisar](#)

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) primeira | < anterior | próxima > | última

tópico	autor	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Descobrir seu patrono é Fácil !!	†† Felipe †	751	09:27
<input type="checkbox"/> Se vc fosse um dos meninos...	Alexandre	7	09:07
<input type="checkbox"/> [FIXO] Sauna de Hogwarts - Canto Glbts	Ky Kinney	1891	06:40
<input type="checkbox"/> ---> Indicações das Entrevistas da Semanal! <---	∞IgOrro∞	444	03:18
<input type="checkbox"/> Contagem progressiva de membros...	Bruno	194	03:17
<input type="checkbox"/> [Provisório] Chat Sala Precisa :)	Minerva	36888	03:16
<input type="checkbox"/> se vc pudesse mudar o final da historia?	☉Harry	28	03:01
<input type="checkbox"/> Defina Harry Potter em até 3 palavras	Miguéezim	26	02:27
<input type="checkbox"/> Entrega de Livros HP a R\$9,90 do Submarino	ΆяI\$Tσя	748	01:59
<input type="checkbox"/> Preciso de uma ajuda, pessoal...	Vitor	8	01:57
<input type="checkbox"/> [FIXO/Jogo] Quiz de Harry Potter	Arthur	15719	01:29
<input type="checkbox"/> [OFF] Temas do Cinema	Bruno Sofrozine	120	00:27
<input type="checkbox"/> Harry Potter: o Perigo Oculto do Menino-Bruxo	. Дяма Queei	64	00:06

Figura 13: Fórum da comunidade *Harry Potter Brasil*

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommTopics.aspx?cmm=30890>

É interessante destacar que cada tópico traz, logo a seguir, o nome de seu autor, no sentido de buscar maior seriedade para as discussões, independentemente do fato de o perfil apresentado ser um *fake*²³ ou não.

²³ Denominação dada a perfis que são criados com informações falsas.

Na figura 13, vêm-se os mais diversos assuntos levantados pelos participantes da comunidade para que outros leitores-virtuais possam se sentir parte da série. E alguns desses tópicos se destacam justamente por fazerem uma referência direta ao enredo. Isso se torna possível porque a estrutura do texto propicia o estabelecimento do ponto de vista do leitor e cada tópico representaria a maneira pela qual esse indivíduo vê a obra.

No livro *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, Harry sente-se enfraquecido todas as vezes em que os dementadores²⁴ se aproximam dele, fazendo com que, na maioria das vezes, ele desmaie na frente de toda a escola. Na tentativa de ajudar Harry a se livrar da influência negativa desses seres, o professor de Defesa e Arte contra as Trevas, Lupin, decide ensiná-lo a se proteger:

- Então... o Prof. Lupin apanhou a varinha e fez sinal para Harry imitá-lo. – O feitiço que vou tentar lhe ensinar faz parte da magia muito avançada, Harry, muito acima do Nível Normal de Bruxaria. É chamado o Feitiço do Patrono.

[...]

- Bem, quando ele funciona corretamente, ele conjura um Patrono, que é uma espécie de antidementador, um guardião que age como um escudo entre você e o dementador.

[...]

- Como uma fórmula mágica, que só fará efeito se você estiver concentrado, com todas as suas forças, em uma única lembrança muito feliz.

[...]

- A fórmula é a seguinte – Lupin pigarreou para limpar a garganta – *Expecto patronum*. (O Prisioneiro, p.194).

Com o intuito de fazerem parte da narrativa que lêem, os leitores-virtuais que acessassem o tópico *Descobrir o seu patrono é fácil* poderiam, assim como na série, conjurar o próprio Patrono, que assumiria a forma de um animal:

²⁴ Os dementadores são criaturas mágicas que protegem a prisão bruxa de Azkaban, sendo conhecidos por “sugar” toda a felicidade daqueles que se aproximam. A autora da série expôs em entrevista que essas criaturas representariam a depressão e que os “criou” em referência ao período de dificuldades por qual passou.

Descobrir seu patrono é Facil !!

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Harry Potter Brasil > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 843

primeira | < anterior | próxima > | última


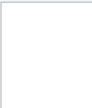



	<p>↑↑Felipe Descobrir seu patrono é Facil !! Eh assim..Tente lembrar de algo que seja relmente uma lembrança feliz. Depois fale com gosto "EXPECTO PATRONUM" , então o primeiro animal que aparece na sua mente eh o seu patrono. Não se esqueã de falar neste topico qual o seu patrono ^^</p>	10/09/07
	<p>↑↑Felipe Então eh Foca, pois foi o primeiro q vc escreveu na sua lista.</p>	10/09/07
	<p>*~Naty gato</p>	10/09/07
	<p>o e c ele escreeu fora da ordem q viu!! hsuaushauhsuasuhaushuahu</p> <p>eu falo vem o cervo pq lembro do harry e do filme shuahsuahusa</p>	10/09/07
	<p>João Rodrigo Então o meu é um Leão! Foi o primeiro que veio na minha cabeça!</p>	10/09/07

Figura 14: Fórum da comunidade *Harry Potter Brasil*

Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=30890&tid=2554286403924334339&kw=descobrir+o+seu+patrono+%C3%A9+facil>

Nota-se que cada leitor-virtual, à sua maneira, busca “criar” o seu patrono, de acordo com as especificações do livro lembradas pelo leitor Felipe. A proposta inicial para que cada um criasse seu próprio patrono, apenas não foi seguido por um dos membros que respondeu: “eu falo vem o cervo pq lembro do harry e do filme” o que demonstra uma busca por identificação do leitor para com a personagem que mais se identifica.

Além de buscar fazer parte da narrativa, tornando-se “participante” de determinadas situações do enredo, no fórum pode-se encontrar, ainda, referência a um lugar onde as personagens da série se encontravam para poder treinar magia: a *Sala Precisa*. Isso ocorre no quinto livro, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*.

Chat - Sala precisa - Harry Potter Brasil

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Harry Potter Brasil > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 2.175

primeira | < anterior | próxima > | última



Ordem da Fênix

Chat - Sala precisa - Harry Potter Brasil

Sejam bem-vindos HPBianos.

O Chat é para fazer amigos, conhecer pessoas, para os novatos se enturmarem, falar de Harry Potter ou qualquer assunto que desejarem.

Para melhor acomodá-los, a sala pode transformar-se no ambiente que quiserem.

Aproveitem.

Atenciosamente,

Ordem da Fênix.

12 jul (2 dias atrás)

Figura 15: Fórum da comunidade Harry Potter Brasil

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=30890&tid=5357586838344753456>

A *Sala Precisa* é, na verdade, um aspecto importante no enredo, pois é nesse espaço que *Harry Potter* lidera um grupo de alunos de Hogwarts para ensiná-los a se defender das artes das trevas, já que tal disciplina, dirigida por Dolores Umbridge, segue as regras do *Ministro da Magia*. Este, por sua vez, não quer que os alunos aprendam a se defender das artes das trevas, pois ele nega que o mal tenha retornado. O lugar torna-se, portanto, um espaço de conspiração e rebeldia por parte dos alunos que seguem Harry:

- Dobby conhece o lugar perfeito, meu senhor! – disse satisfeito. – Dobby ouviu os outros elfos falarem quando chegou a Hogwarts. Nós o conhecemos com o nome de Sala Vem e Vai, meu senhor, então a Sala Precisa.

[...]

- Por que é uma sala em que a pessoa só pode entrar – disse Dobby sério – quando tem real necessidade dela. Às vezes existe, às vezes não, mas quando aparece está equipada para atender à necessidade de quem procura. (A Ordem, p.319).

Por isso, a denominação *Sala Precisa* é o aspecto que torna chamativo esse tópico do fórum: “O chat é para fazer amigos [...] falar de Harry Potter ou qualquer assunto que desejarem. Para melhor acomodá-los, a sala pode transformar-se no ambiente que quiserem”. Assim, ao aceitar, nesse espaço, participar do *chat*, o leitor-virtual estará, assim como Harry Potter e seus amigos, interagindo em um lugar especial do enredo.

Se a *Sala Precisa* somente aparece para aqueles que precisam, os leitores que decidem fazer parte desse tópico realmente o fazem por acreditarem que, naquele ambiente virtual, estarão conseguindo resolver suas necessidades, ou seja, vêm no fórum um espaço para participar da obra que admiram.

Dos tópicos apresentados na figura 13, talvez o mais interessante seja o que trata da

discussão de leitores sobre o último livro da série. Em *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, o volume final da saga, o herói bruxo consegue, finalmente, destruir Lord Voldemort e a ordem volta a se estabelecer tanto no mundo bruxo quanto no trouxa. E os leitores finalizam a leitura com um Harry adulto e casado com Gina, que, em companhia de seus amigos Rony e Hermione (também casados), encontram-se na estação de trem, onde levam seus filhos para pegar o *Expresso de Hogwarts*:

“E você não quer acreditar em tudo o que ele lhe conta sobre Hogwarts,” acrescentou Harry. “Ele gosta de rir, o seu irmão.” Lado a lado, eles empurraram adiante o segundo carrinho, ganhando velocidade. Assim que eles se aproximaram da barreira, Alvo estremeceu, mas não houve colisão. Então, a família apareceu na plataforma nove-e-meia, que estava enevoadada pelo espesso vapor que saía do escarlate Expresso Hogwarts. Figuras indistintas fervilhavam na névoa, entre as quais Tiago já desaparecera (*As Relíquias*, p.474).

É natural que fãs da série proponham outros finais para a saga, como se constata na figura a seguir:

se vc pudesse mudar o final da historia?

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Harry Potter Brasil > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 28 primeira | < anterior | próxima > | última

Harry 00:21 (9 horas atrás)

se vc pudesse mudar o final da historia?
se vc pudesse mudar o final da historia, como ficaria ??
Meu Final -

Harry ressuscitaria todos aqueles que mereciam com a pedra da ressurreição,Rony e Hermione Morariam no msm Bairro do Harry, Harry viraria Prof de Defesa contra artes das trevas e diretor °!! Sirius ressuscitado Casava e tinha harry como filho, e Cho casava com Cedrico, e Harry e Gina Casados Comandariam Hogwarts!!!(é bom sonhar!)

**Capa nas costas
Varinha na mão
Magia na veia
E Harry potter no coração...**

Tiago de Souza 00:25 (9 horas atrás)

Harry morreria.

→ Cássio 00:27 (9 horas atrás)

Harry Morreria.[2]

Gabriel Cobain 00:30 (9 horas atrás)

deixava o Snape vivo, ele adora Lhamas

Harry 00:31 (9 horas atrás)

Isso que eu chamo de final de historia msm viu ~~~ sem chances de continuar se ele morrer :S

Figura 16: Resposta de leitores-virtuais em fórum

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=30890&tid=5317965361457199632&na=1>

É interessante notar as diferentes perspectivas para o final da saga do jovem bruxo. A primeira proposta apresentada no fórum é a do *internauta Harry*²⁵, que, dentre os acontecimentos apontados por ele como importantes para um novo final, destaca-se a importância que esse leitor-virtual dá à volta de personagens que “morreram” durante a narrativa. Esse indicativo de um final verdadeiramente feliz mostra a sua possível identificação com tais personagens.

Constatou-se, nesse tópico, que dois leitores destacam que Harry deveria morrer no final do livro, o que pode ser justificado nas palavras de Cani (2008, p.186) da seguinte maneira:

Os adeptos dessa interpretação se mostravam sempre muito seguros de si e ainda mais impacientes para ler essa narrativa trágica: ‘Eu sei; ele vai morrer no final’, os olhos brilhantes de excitação, e às vezes acrescentava: ‘Ele deve morrer’, ou ainda, ‘Ela precisa fazer com que ele morra. O único argumento proposto para justificar essa afirmação era tornar o ciclo progressivamente mais sombrio.

Sem dúvida, os *esses* finais diferentes do texto original justificam a ação do leitor que, durante a sua leitura, por meio da sua perspectiva, buscou formular e reformular hipóteses. Afinal, o leitor se sente com esse direito criativo.

Contudo, no último tópico da figura 17, *Harry Potter: o Perigo do menino-bruxo*, demonstra-se outra perspectiva atribuída à série: a de ser uma literatura demoníaca.

²⁵ Nota-se que, com a utilização de *Nick* com o nome do protagonista da série, já se demonstra a identificação do leitor com a obra estudada.

. ДРАМА QUEEN 26 mar

Harry Potter: o Perigo Oculto do Menino-Bruxo
 Fantasia inocente ou fascinação perigosa?
 [[O livro me pareceu que foi escrito por Rita Skeeter]]:

O livro **Harry Potter: o Perigo Oculto do Menino-Bruxo** (2001) - **Richard Abanes** - É o volume 1 da serie "fascinação Perigosa" que mostra o "lado mau dos livros de J. K. Rowling". Ele apresenta uma análise da obra da escritora por meio da ótica evangélica. Segundo o autor, **Harry Potter** e sua turma podem incentivar as crianças a praticarem magia negra e outras práticas **do ocultismo**¹. Ele também afirma que a história passa coisas ruins, como o ato de Mentir, humor negro, violência (etc . . .) e varias vezes repetindo essas afirmações, tornando o livro chato e repetitivo (Fala, fala e não diz nada).
 (Só acrescentando: A "critica" foi feita baseada nos 4 primeiros livros da serie - lançados na época até então).

¹: **Ocultismo** (ou Ciências Ocultas) é um conjunto de teorias e práticas cujo objetivo seria desvendar os segredos da natureza, **do** Universo e da própria Humanidade. O ocultismo trata de um tipo de conhecimento que está além da esfera **do** conhecimento empírico, o que é sobrenatural e secreto.

Bom eu queria saber se mais alguém aqui na comunidade já leu esse livro (Não recomendo) Ou algo **do** tipo ? E se vocês realmente acreditam nessa de Ocultismo nos livros ?

- Bem Já vou deixar aqui a minha opinião:

Eu acredito sim que JK fez uma enorme pesquisa para dar mais realidade a história, independente de que meios ela tenha recorrido, Mas **Harry Potter** não passa de uma Fantasia que nos envolve e cativa, nos fazendo desejar realmente fazer parte dela, e se as pessoas estão cegas por suas religiões e crenças para perceber isso não podemos fazer nada. Agora fazer acusações de que os personagens passam uma imagem antiética e maus exemplos, é porque o cara não sabe **do** que esta falando.
 Esse livro veio parar em minhas mãos na semana passada, e fiquei feliz em me livrar dele ! =>

Mikaella 26 mar

Não nunk li mas mesmo assim eu penso em **harry** potter como um modo de me divertir e nao como um ocultismo(escreve assim?O.o) gosto muito de hp e nao vejo "maldade" em nada aff mais cada um pensa de um jeito aki na comu tem até um tópico sobre isso sabe? mas nao levo a sério essas pessoas

Carol 26 mar

ain eu fiz intercambio no interior **do** interior dos eua e lá tipo eles nao deixavam as crianças chegarem nem perto de coisa de **harry** potter! e eu ficava tipo, nossa tadinhas, vao ser privadas dos livros... q fatalidade!
 sinto muito por elas nao puderem ter a chance de ler... lá no sul dos eua onde eu morei eles acham q HP é coisa **do** demo =P

Figura 17: Resposta de leitores-virtuais em fórum

Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=30890&tid=5317514883700567959&kw=harry+potter%3A+o+perigo+do+menino+bruxo>

A criadora desse tópico do fórum, *Drama Queen*, expõe o conteúdo de um livro chamado *Harry Potter: O perigo oculto do menino bruxo*, que por uma visão evangélica, apontaria os malefícios da série para seus leitores, tal como insinuações ao satanismo e ao ocultismo. Ela pergunta aos demais participantes se eles concordam com essa ótica e todos respondem que não.

Tais insinuações são visíveis desde que a série se tornou um fenômeno literário mundial e passou a ser considerada “amiga” constante de muitas crianças e adolescentes. Determinou-se a perspectiva de que *HP* poderia estimular os jovens leitores ao ocultismo. Dantas (2001) apresenta, de forma clara, essa “polêmica”, que se iniciou com o lançamento dos primeiros livros da série:

Ele não tem voz cavernosa, mãos em forma de garras nem pés virados para trás. Não recebe sacrifícios com sangue de virgens nem surge de repente em meio a um pentagrama de fogo. É um menino alvo, de cabelos pretos, olhos azuis vivos e óculos de aros redondos, que lhe conferem certo ar intelectual. A cicatriz em forma de raio estampada na testa, no entanto, dá a pista. Harry

Potter, o menino bruxo criado em ficção pela escritora inglesa J.K. Rowling, teria parentesco com o tranca-porta, o coisa-ruim, o asmodeu. Ou seja, com o Diabo. Há quem acredite nisso - e o grupo se torna maior a cada dia. Nos últimos meses, vários pastores protestantes e padres católicos têm-se dedicado a alertar os fiéis para o que julgam uma iniciação à bruxaria e ao satanismo.

É interessante observar a fala da leitora-virtual *Carol*, que expõe uma experiência pessoal nos Estados Unidos sobre a negatividade que a série tem em determinadas regiões onde o conservadorismo religioso é forte. E essa indignação religiosa se motiva pelo fato de Rowling utilizar em sua obra palavras tais como: feitiços, bruxas, bruxaria, adivinhação, etc., o que resulta na forte objeção desses livros pelos muitos cristãos conservadores.

A opinião da leitora-virtual *Drama Queen* também é interessante, pois ela argumenta que a autora da série fez pesquisas para que pudesse dar mais realismo à narrativa e que as informações veiculadas no enredo são apenas fantasia. Sobre a relação entre ficção e realidade, Iser (1996, p.102) observa que “se a ficção não é realidade não é porque careça de atributos reais, mas sim porque é capaz de organizar a realidade de tal modo que esta se torna comunicável; por isso a ficção não se confunde com aquilo que ela organiza”. Contudo, o aspecto da funcionalidade do real no ficcional, como propõe Iser, nem sempre é bem aceita. Uma das críticas lançada a Rowling e sua obra é o fato de não existir uma linha nítida entre a realidade e a ficção, como expõe Stoltz (2005, *on line*):

[...] é apenas mais um dos motivos pelos quais Harry Potter é perigoso para as crianças. Se adultos já têm uma certa dificuldade em fazer distinção entre o real e o imaginário, imagine então o quão mais difícil é essa tarefa para as crianças! [...] Isso é o que está acontecendo com muitas crianças pensando que Harry Potter, seus amigos e sua escola são reais [...] Se a autora encoraja essa confusão entre o real e o fantástico é porque ela compreende e deseja os resultados negativos que se seguirão.

Um outro ponto levantado por críticos é o fato de a série *Harry Potter* apresentar “coisas” que coincidem com o mundo real, como, por exemplo, o fato de o cenário das histórias se encaixar em algum lugar próximo a Londres:

Harry nunca estivera em Londres antes.

[...]

Passaram por livrarias e lojas de músicas, lanchonetes e cinemas, mas nenhuma loja parecia vender varinhas mágicas. Aquela era uma rua comum cheia de gente comum. Seria realmente possível que houvesse montes de ouro de bruxos enterrados a quilômetros abaixo dali? (A Pedra, p.62)

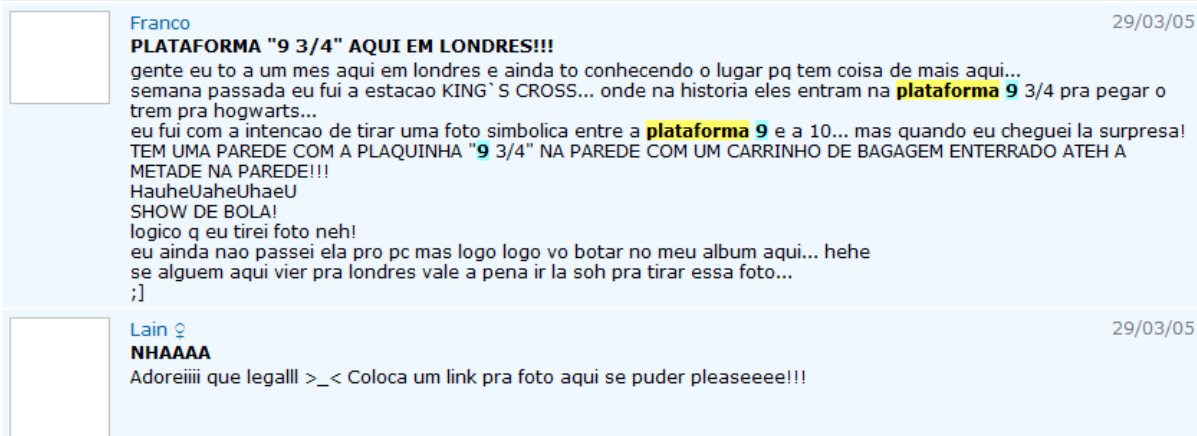
A crítica dirigida à série pela falta de delimitação entre o real e o ficcional, por outro lado, não é encarada negativamente pelos leitores-virtuais, conforme pode ser exposto na figura a seguir:

PLATAFORMA "9 3/4" AQUI EM LONDRES!!!

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Harry Potter Brasil > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 10

primeira | < anterior | próxima > | última



Franco 29/03/05
PLATAFORMA "9 3/4" AQUI EM LONDRES!!!
gente eu to a um mes aqui em londres e ainda to conhecendo o lugar pq tem coisa de mais aqui... semana passada eu fui a estacao KING`S CROSS... onde na historia eles entram na plataforma 9 3/4 pra pegar o trem pra hogwarts... eu fui com a intencao de tirar uma foto simbolica entre a plataforma 9 e a 10... mas quando eu cheguei la surpresa! TEM UMA PAREDE COM A PLAQUINHA "9 3/4" NA PAREDE COM UM CARRINHO DE BAGAGEM ENTERRADO ATEH A METADE NA PAREDE!!!
HauheUaheUhaeU
SHOW DE BOLA!
logico q eu tirei foto neh!
eu ainda nao passei ela pro pc mas logo logo vo botar no meu album aqui... hehe
se alguem aqui vier pra londres vale a pena ir la soh pra tirar essa foto...
;]

Lain ♀ 29/03/05
NHAAAA
Adoreiiii que legalll >_< Coloca um link pra foto aqui se puder pleaseeee!!!

Figura 18: Resposta de leitores-virtuais em fórum

Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=30890&tid=9714260&kw=plataforma+9+3%2F4>

O participante do fórum *Franco* divide com os demais leitores-virtuais a surpresa e emoção que ele sentiu quando ao visitar a Estação King's Cross em Londres ele se deparou com “uma parede com a plaquinha 9 ¾ na parede com um carrinho enterrado ateh a metade da parede”, tal como no mundo ficcional:

Chegaram à estação de King's Cross às 10:30h. Tio Valter jogou a mala de Harry num carrinho e empurrou-o até a estação para ele.

[...]

Harry olhou para trás e viu um arco de ferro forjado no lugar onde estivera o coletor de bilhetes, com os dizeres *Plataforma nove e meia*. Conseguiu. (A Pedra, p.82 e 84).

Conforme o depoimento exposto na figura 18, leitores se empolgam com algo que eles

apenas imaginam durante o processo de leitura ou visualizam no filme e que agora faria parte da cidade de Londres, que, até então, era apenas o pano de fundo da narrativa.

Essa possibilidade de debate sobre a obra, sobre seus aspectos positivos e a polêmica que suscita mostra que a leitura propicia ao leitor a descoberta e redescoberta de diferentes significações, tornando-se ele mesmo o próprio condutor na leitura do texto literário. Isto é, quando se fala na atribuição de sentidos dados pelo leitor à obra, deixa-se de lado a norma clássica de busca de significação da obra, que já a concebia pronta dentro do próprio texto. Ora, se assim fosse, o leitor não teria a chance de intervir no objeto literário, o que já não acontece no debate sobre outro final da série, pois se o texto em si já fosse definitivo, como esses leitores poderiam demonstrar interesse por outro desfecho, sem ser aquele escrito pelo autor? A resposta pode ser encontrada nas palavras de Iser (1996, p.48), ao afirmar que

[...] a interpretação não deveria revelar apenas o sentido do texto a seus leitores, mas sim escolher como seu objeto as condições da constituição de sentido. Nesse instante, ela deixa de explicar uma obra e, em vez disso, revela as condições de seus possíveis efeitos. Se ela mostra o potencial de efeitos de um texto, desaparece a concorrência fatal que teve de enfrentar quando tentou impor ao leitor a significação apresentada como a mais concreta ou melhor.

Ao sair das “fronteiras” textuais impostas pelo autor, o leitor sente-se participante ativo do que lê, mesmo que tenha consciência de que aquela nova significação atribuída ao texto não será “encadernado”. Isso é o que pode ser verificado na “fala” do leitor-virtual que propôs a enquete e que, ao responder a própria pergunta, expressa no final: “é bom sonhar”. Mesmo sabendo que o desfecho proposto por ele ficaria apenas no plano virtual, é possível observar nesse momento a valorização da imaginação criativa do leitor, independentemente da sua aceitação ou não.

A partir dessa constante abertura de horizontes proporcionados pela leitura, é possível afirmar que, na leitura da série *HP*, os leitores interagem com o texto através de diferentes perspectivas e em vários momentos.

Outro tópico interessante a ser discutido, em referência ao fórum, é o que propõe um *quiz*, uma espécie de jogo entre os leitores-virtuais membros da comunidade:



[FIXO/Jogo] Quiz de Harry Potter
Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > Harry Potter Brasil > Fórum: > Mensagens

mostrando 1-10 de 15.719 primeira | < anterior | próxima > | última

Arthur 27/11/08
[FIXO/Jogo] Quiz de Harry Potter
Pronto! Se você não tem nada pra fazer e/ou adora quizzes sobre Harry Potter, aproveite o tópico.
Esse tópico é FIXO para Quiz de Harry Potter, portanto, todos os outros tópicos com o mesmo objetivo serão apagados. Vale lembrar que outros jogos ainda são proibidos na comunidade.

Como jogar

1 - Um membro começa postando uma pergunta/charada/enigma, quem souber responde, e junto com a resposta faz outra pergunta/charada/enigma, que será respondida por outro membro, que também fará sua pergunta/charada/enigma. E assim vai seguindo o jogo.

2 - As perguntas tem que ter a ver com Harry Potter, obviamente.

Bom, acho que é só isso. Aproveitem!
:)

Dan 27/11/08
São sete: Diário, Taça, Nagini, Harry, Medalhão, anel e diadema
Quem foi Nobby Leach?

Remus 28/11/08
Ministro da Magia de 1962 a 1968.
Em quais idiomas o nome "Voldemort" significa "Vôo da morte" e "roubar a morte"?

~Carter 28/11/08
Voldemort significa "vôo da morte" em Latim e Francês, e "roubar a morte" em Francês e Catalão
Qual era a profissão do Pai do Colin Creevey?

Figura 19: Quiz sobre *Harry Potter*

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=30890&tid=5273395510814665089>

A interação entre os leitores da série permite verificar como a leitura não se deu de maneira superficial, já que, para participar desse tópico, os participantes devem ter conhecimento do enredo, tanto para responder à questão feita anteriormente quanto para formular uma nova pergunta.

Já na comunidade *Eu adoro ler Harry Potter*, tem-se um número menor de integrantes, 54.935, e foi criada em 14 de novembro de 2004. Vale ressaltar que muitos usuários fazem parte de diversas comunidades relacionadas aos livros da série e que, possivelmente, os mesmos sujeitos fariam parte dessa comunidade e da citada anteriormente.

Como descrição, ela se define da seguinte maneira:

[...] uma comunidade, pra todos aqueles que curtem pra caramba os livros do bruxinho mais famoso do mundo: **HARRY POTTER!!**
Galera...
comunidade pra quem tb gosta de ler esse livro maravilhoso....

Verifica-se, na “fala” de abertura da comunidade, que o leitor já demonstra a sua opinião sobre a série ao caracterizá-la como “livro maravilhoso”.

Assim como na comunidade analisada anteriormente, constata-se a existência de um fórum com diversos tópicos referentes aos livros. Contudo, o tópico *continue a história com 5 palavras* despertou a atenção por se tratar de uma espécie de jogo interativo entre obra e leitor. Nele, os membros devem continuar a história a partir do momento finalizado anteriormente:

The screenshot shows a forum thread with the following content:

- Thread Title:** [JOGO] continue a história com 5 palavras
- Navigation:** Início > Comunidades > Outros > Eu adoro ler Harry Potter > Fórum: > Mensagens
- Page Info:** mostrando 1-10 de 121 | primeira | < anterior | próxima > | última
- Post 1:** User *uchiha hyuuga* (20 jan) posted "[JOGO] continue a história com 5 palavras" and "é só continuar a história". The post includes the text "SEM MUITA PUTARIA começaram" and "Harry estava na casa dos Dursley quando.....". A note says "(Obs: ñ precisa ser 5 palavras)".
- Post 2:** User *Helena Denise* (20 jan) replied "Chegou Dobby e chamou ele...".
- Post 3:** User *яяяúјј* (20 jan) replied "“Não volte para Hogwarts...” disse."
- Post 4:** User *uchiha hyuuga* (20 jan) replied "e harry disse: mais eu tenho que voltar seu coisa".
- Post 5:** User *≈ Cyndi* (20 jan) replied "Não chame Dobby assim meu senhor...".

Figura 20: Fórum da comunidade *Eu adoro ler Harry Potter*
Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=742261&tid=5293269879419199009>

Nesse tópico, a participação do leitor-virtual é integral, pois ele deve ter conhecimento da série; assim, a partir da sua leitura da obra, poderá dar continuidade à história:

Uchicha hyuug: Harry estava na casa dos Dursley quando...
Helena Denise: Chegou Dobby e chamou ele...
Araújo: Não volte para Hogwarts...”disse.

Os participantes do quiz exposto na figura 20 deverá saber que os *Dursley* são os tios de Harry e que Dobby é um elfo doméstico²⁶ que, desde o livro *A Câmara Secreta*, busca ajudar Harry nas mais diferentes aventuras.

Sobre tal recurso, pode-se dizer que esse tipo de atividade expõe a experiência de leitura estimulada pelo texto cuja atuação ocorre em consonância com as experiências extra-textuais, constituindo, assim, uma espécie de discurso entre autor, leitor e obra, no qual o ambiente virtual atuaria como mediador nesse processo. O meio virtual como mediador nessa relação literária discursiva pode ser definido como uma espécie de “sujeito” ativo, pois apesar de não haver um indivíduo constituído, concretizado, tem-se a relação de vários sujeitos que dialogam entre si, usando como meio o computador.

Assim, esse mediador cede espaço não apenas para uma voz, mas para várias vozes que se encontram, independentemente de questões culturais, sociais, etárias e geográficas, algo que dificilmente poderia acontecer em um ambiente “real”. Desse modo, “contrariamente ao que nos leva a crer a vulgata midiática sobre a pretensa ‘frieza’ do ciberespaço, as redes digitais interativas são fatores potentes de personalização ou de encarnação do conhecimento” (LÉVY, 1999, p.162).

A interatividade proporcionada pelo ambiente virtual também faz com que os leitores da série *HP* possam atuar com seus significados de leitura por meio das enquetes disponibilizadas nessa comunidade. Essas enquetes podem ser criadas por qualquer membro, desde que sejam aprovadas pelo moderador da comunidade. As pesquisas em destaque na tela principal da comunidade mudam constantemente, mas o leitor-virtual pode acessar as criações anteriores apenas clicando no ícone: *ver todas as enquetes*.

Por meio das enquetes, os leitores-virtuais buscam obter informações com outros leitores-virtuais sobre determinadas situações ou aspectos que considere interessantes ou importantes:

²⁶ Os elfos domésticos são criaturas mágicas que trabalham como “escravos” para os bruxos. Eles são fiéis aos seus donos, com exceção de Dobby, que trai seu dono para ajudar Harry.

Pesquisas

Início > Comunidades > Outros > Eu adoro ler Harry Potter > Pesquisas

	pergunta	autor	votos	abrir data	fechar data
<input type="checkbox"/> votar	Qual versão da luta no dep dos mistérios vc gostou mais?	Alex Negreiros	7	24 mar (4 dias atrás)	
<input type="checkbox"/> votar	Pq vc gosta taanto de HP???	Isah	33	16 mar	
<input type="checkbox"/> votar	quem vc mais gosta	Pedro	41	12 mar	24 abr (em 3 semanas)
<input type="checkbox"/> votar	Qual nome do pai do Harry você prefere	Gãß@iê£	95	3 mar	
<input type="checkbox"/> votar	Qual(is) livro(s) do HP vc mais gostou??	***Tiagaaooo	245	2 mar	
<input type="checkbox"/> votar	Se existe o filme dos tres irmaosvc assistiria?	Diiih	73	28 fev	
<input type="checkbox"/> votar	Em qual livro Harry mais brigou com Hermione e Rony?	Alex Negreiros	105	24 fev	
<input type="checkbox"/> votar	que vassoura vc teria?	ø▶▶Lu1z gUg@◀◀ø	124	21 fev	
<input type="checkbox"/> votar	qual dos 7 é mais legal?	Gabriel	162	11 fev	
<input type="checkbox"/> votar	Quantos Livros do Harry Potter vc ja leu?	Diegø Αλεχαιδεε	196	3 fev	

Figura 21: Enquetes da comunidade *Eu adoro ler Harry Potter*

Fonte: <http://www.orkut.com.br/Main#CommPolls.aspx?cmm=742261>

É possível averiguar, nas perguntas das enquetes expostas na figura 21, que elas são de caráter subjetivo, isto é, assim como o criador da enquete, o participante também responderá, considerando o próprio juízo de valor sobre a série.

Ao analisar tais comunidades virtuais, não há como fugir da questão referente aos juízos de valor sobre a obra literária. O julgamento da série, apresentado pelos leitores, apesar de trazer algumas semelhanças relativas às respostas, não é, de maneira alguma, uniforme. Isso implica dizer que os indivíduos que postam suas opiniões estão inseridos em contextos diferentes, o que os impossibilita de verem a obra pelo mesmo viés; conseqüentemente, essa multiplicidade de pontos de vista logra enriquecer a discussão literária.

Contudo, tais enquetes não são de caráter aberto, pois elas já possuem alternativas que devem ser escolhidas como resposta. Nesse momento, percebe-se que não há uma total liberdade do leitor-virtual em seu “voto”, já que ele deve escolher entre as opções determinadas por outro leitor-virtual da saga. E, muitas vezes, as alternativas previamente dadas não se adéquam à sua leitura individual. A figura a seguir exemplifica essa liberdade vigiada do leitor-virtual, com a apresentação de uma pergunta subjetiva: “quem vc mais gosta”.

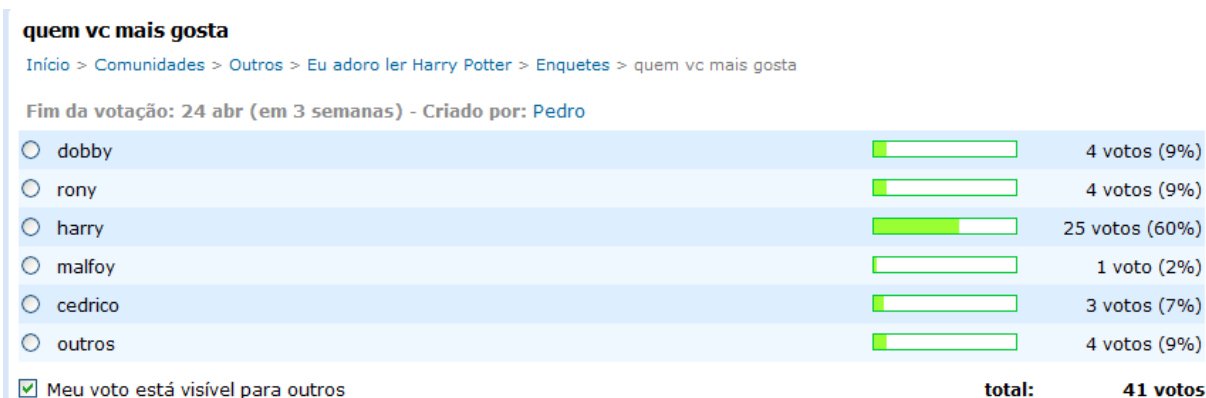


Figura 22: Resposta de enquete virtual

Fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults.aspx?cmm=742261&pid=1196326057&pct=1236848705>

O criador da pesquisa, neste caso, baseou-se nas próprias escolhas de personagens para definir quais seriam os mais populares. Mesmo apresentando o item “outros”, o que realmente prevalece é o seu juízo de valor.

Observou-se e discutiu-se, até este momento, o aspecto do julgamento estético da série, a partir do juízo de valor dos leitores-virtuais. É importante ressaltar que não se pode julgar esta ou aquela obra como melhor ou pior e a série *HP* deve ser entendida a partir da sua relação com leitores de um determinado contexto, visto que

[...] os conceitos estéticos não são sempre referenciais, de modo que desenvolvem sua capacidade funcional sempre que se afastam do rigor do conceito; ou seja, os conceitos estéticos devem ser necessariamente conceitos abertos, não definidos (ISER, 1996, p.60).

Portanto, o juízo de valor do leitor está vinculado à sua participação na produção da intencionalidade textual, ou seja, é o leitor quem faz a atualização do que lê e como lê. Nesse sentido, Lévy (1999, p.151) considera que “[...] a interação e a imersão típicas das realidades virtuais ilustram um princípio de imanência da mensagem ao seu receptor, que pode ser aplicada a todas as modalidades do digital: a obra não está mais distante e sim ao alcance da mão”.

Assim, ao ler, o leitor “encontra”, em seu caminho fictício, certos atributos do real (conforme já exposto anteriormente), o que pode ser exemplificado na figura a seguir:

que vassoura vc teria?

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Outros](#) > [Eu Adoro Ler Harry Potter](#) > [Enquetes](#) > que vassoura vc teria?

Criado por: [Lu1z gUg@](#)

<input type="radio"/>	firebolt	<div style="width: 86%;"></div>	282 votos (86%)
<input type="radio"/>	cleanweep	<div style="width: 2%;"></div>	9 votos (2%)
<input type="radio"/>	comet 260	<div style="width: 3%;"></div>	11 votos (3%)
<input type="radio"/>	outra? qual?	<div style="width: 7%;"></div>	24 votos (7%)

Meu voto está visível para outros

total: 326 votos


[<< voltar para pesquisas](#)

[votar](#)


[denunciar spam](#)

[ocultar resultados e comentários](#)

comentários

 **Ingrid**
se o orçamento tivesse um pouquinho + curto uma Nimbus 2001

firebolt

 **Joana**
Sinceramente? Desde que voasse eu já ficava feliz... mas podia ser uma firebolt kkkkk

outra? qual?

Figura 23: Resultado da enquete: *Que vassoura você teria?*

fonte:

<http://www.orkut.com.br/Main#CommPollResults.aspx?cmm=742261&pid=1236584853&pct=1235226958>

No mundo mágico de HP, as vassouras possuem um valor como o atribuído a carros, tendo inclusive “marcas”: “Era uma Firebolt, idêntica à vassoura de sonho que Harry tinha ido ver todas as manhãs no Beco Diagonal” (O Prisioneiro, p.182) e, assim como os automóveis, novos modelos são “lançados” no decorrer da série: “Bluebottle: uma vassoura para toda a família – segura, confiável, equipada com alarme anti-roubo...” (O Cálice, p.81), ou seja, existe na série uma constante busca de identificação do mundo fictício com o real, conforme pode ser visto nos comentários de leitores-virtuais, expostos na figura 23.

Em vista das considerações apontadas, foi possível perceber, nas comunidades observadas, assim como em outras que não fizeram parte deste estudo, que grande parte de seus membros adotam novas identidades, ou seja, assumem os papéis das personagens e se “batizam” como tais. São inúmeros os membros chamados *Ginny Wesley*, *Severus*, *Minerva*, *Tonks*, *Hermione*, etc., o que ressaltaria o “poder” da obra sobre seus leitores, que buscam, dessa forma, fazer parte da série.

Essa identificação dos leitores-virtuais com as comunidades relacionadas à obra é, conforme se observou cada vez maior, já que, por meio dela, é possível que o leitor possa expor o seu prazer literário e ainda relacionar-se com outros leitores.

4.4 LEITORES-VIRTUAIS DE HARRY POTTER

Conforme discutido anteriormente, as comunidades virtuais tornaram-se grandes centros de agrupamentos sociais que, embora destoem da relação do tipo “face a face”, devem ser vistas sob o viés positivo das relações humanas entre indivíduos que estão distantes entre si. Essa nova maneira de se relacionar é justificada por Hall (2001, p.75 *apud* SILVA, 2007, p.3.) da seguinte maneira:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as ‘identidades’ se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades as quais parece impossível fazer uma escolha.

Por essa razão, as comunidades virtuais são centros de relação entre indivíduos que buscam identificação entre si, no que diz respeito aos seus gostos e às suas crenças pessoais que, muitas vezes, são tão fragmentadas que fazem com que a mesma pessoa faça parte de inúmeras comunidades.

Nesse sentido, será exposta a seguir a caracterização dos leitores-virtuais entrevistados, com a apresentação do seu perfil social, econômico e cultural, dos seus hábitos de leitura e de suas impressões de leitura sobre a série *HP*.

4.4.1 Perfil socioeconômico

Em relação ao sexo, a maior parte dos entrevistados é do sexo feminino (71%), o que vai na contramão de uma pesquisa²⁷ que demonstrou que dos 14,3 milhões de internautas brasileiros, 53,78% eram homens e o restante, mulheres. No entanto, no que diz respeito à pesquisa realizada com esses leitores-virtuais, é possível dizer que as mulheres se tornaram

²⁷ www.softwarelivre.org/news/1754

mais dispostas a participar da pesquisa, mas isso não exclui a idéia de que também seja grande o número de indivíduos do sexo masculino que fazem parte das comunidades virtuais sobre *HP*.

No que se refere à localização geográfica em que moram os entrevistados, percebeu-se que a concentração de moradia deu-se, em maior número, nas regiões sudeste (São Paulo, 40%, Minas Gerais, 30% e Rio de Janeiro, 20%) e sul (Rio Grande do Sul, 10%).

O dado exposto constata o fato de que essas regiões detêm maior importância no aspecto econômico, o que pode facilitar o acesso a computadores e, conseqüentemente, à Internet. Entretanto, o resultado obtido demonstra apenas um pequeno percentual de internautas do Brasil, visto que, independentemente da facilidade ou não de acesso à Internet, nos quatro cantos do país existem indivíduos conectados à rede, a não ser nas regiões mais isoladas, cujo acesso às novas tecnologias ainda se encontra limitado.

Outro fator importante a se considerar relaciona-se à faixa etária dos leitores-virtuais entrevistados: 60% têm entre 11 e 20 anos e 40% entre 21 e 31 anos.

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE²⁸, em relação ao acesso à Internet no ano de 2005, constatou-se que a média de idade dos internautas era 28 anos de idade. Nesse aspecto, verifica-se, após a pesquisa, que a idade média dos leitores-virtuais que responderam ao questionário estaria abaixo da faixa etária destacada, o que pressupõe que a idade mínima de uso da Internet está diminuindo no decorrer dos anos.

É interessante ressaltar que, além de demonstrar o percentual de idade dos entrevistados, a pesquisa expõe outro fato interessante: a série *HP* é lida por sujeitos de diferentes idades, situação justificada por Cani (2008, p.182), ao afirmar que

A fórmula mágica de Rowling é diferente, crianças, adolescentes, pós-adolescentes, jovens adultos ou simplesmente adultos amam *Harry Potter* da mesma maneira e pela mesma razão. [...] E a obra traça ao mesmo tempo neste mundo um caminho difícil para crescer, que diz respeito a todos os leitores, quer sejam adultos ou não formalmente.

A assertiva de Cani (2008) auxilia a desfazer a idéia de que os livros seriam uma leitura destinada apenas ao público juvenil, pois parte dos entrevistados está além da faixa etária pré-adolescente ou adolescente.

²⁸ http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=846

O resultado da entrevista validou, nesse aspecto, o senso geral de que os indivíduos solteiros acessam mais a rede do que os casados, visto que, 80% dos internautas entrevistados são solteiros.

As respostas obtidas em relação ao estado civil dos entrevistados demonstram que a Internet pode ser vista como um ambiente em que vários usuários buscam ocupar seu tempo, mantendo relações, seja de amizade ou de paquera, com outros indivíduos, mesmo que estes estejam do outro lado do planeta.

No que diz respeito ao grau de escolaridade dos entrevistados, percebeu-se uma grande variedade de nível escolar: 60% estão no nível superior, 20% no ensino médio e 20% no ensino fundamental II.

A partir dos resultados, é possível constatar que existe uma grande diversidade em relação ao grau de escolaridade dos entrevistados, o que leva a pensar, nesse caso, que quanto maior o grau de instrução maior a proporção de usuários da Internet.

Outro fator fundamental para se perceber a inserção da Internet na sociedade é por meio da verificação econômica de seus usuários, aqui no caso, através da análise da renda mensal dos entrevistados que estão assim distribuídos: 80% de 3 a 10 salários mínimos, 10% de 10 a 20 salários mínimos e 10% até 3 salários mínimos.

A maior parte dos entrevistados está inserida, economicamente, na classe C (média), pois, segundo a Fundação Getúlio Vargas, “é considerado um membro da classe C quem faz parte de uma família com renda mensal média entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807”.²⁹

O aspecto econômico vincula-se, mesmo que indiretamente, ao grau de escolaridade dos pais dos entrevistados, pois o contexto de origem poderá influenciar o nível educacional dos leitores-virtuais que responderam ao questionário. Constataram-se, a partir das respostas disponibilizadas, em relação ao grau de escolaridade do pai os seguintes dados: 60% possuem curso superior, 30% cursaram o ensino médio e 10% estudaram até o ensino fundamental II. As informações obtidas sobre o grau de escolaridade da mãe foram que 40% possuem ensino superior, 40% estudaram até o ensino médio e 20% cursaram até o ensino fundamental II.

A partir dos dados coletados, é possível dizer que o fato de 60% dos pais e 40% das mães possuírem ensino superior pode justificar a ocorrência de que a maior parte dos entrevistados fazia ou faz parte de algum curso de graduação, dada a influência do ambiente familiar na educação escolar.

Os tipos de instituição de ensino nas quais os entrevistados estudaram ou estudam

²⁹ <http://professor-joelazevedo.blogspot.com/2009/02/classe-media-cresce-e-atinge-538-da.html>

qualificou-se da seguinte maneira: 40% todo em escola pública, 20% todo em escola privada, 20% a maior parte em escola privada, 10% a maior parte em escola pública e 10% metade em ambas as escolas.

A distribuição da rede educacional em que os entrevistados estudaram ou ainda estudam demonstra equilíbrio entre o ensino público e o privado, sem grandes discrepâncias que justifiquem maior uso da Internet entre os indivíduos inseridos em contexto de educação particular em relação àqueles provenientes do ensino público.

Sem dúvida, o acesso à Internet se mostra mais fácil quando o indivíduo possui computador em seu próprio domicílio e assim, não precisa ter horários fixos para sua utilização. A maior parte dos entrevistados, 70%, possui apenas um computador com acesso à Internet e apenas 30%, têm mais de um computador com acesso à Internet, o que tornar interessante observar que nenhum dos lares dos entrevistados deixa de ter computador. Isso demonstra como o computador e, mais ainda, a Internet se faz presente no cotidiano familiar.

Os entrevistados ocupam suas horas livres de acordo com as seguintes atividades: TV (28%), Internet (18%), Cinema (18%), Leitura (18%), Bares e Boates (9%) e Música (9%).

Os dados obtidos comprovam que os entrevistados responderam mais de uma alternativa em relação ao que fazem em suas horas livres. A televisão continua sendo o meio que mais os “entretém”; entretanto, tanto a leitura quanto a Internet, com 18% cada, são a segunda opção de diversão dos entrevistados. O fato de o uso da Internet não estar caracterizado como o primeiro item de atividades da hora de lazer dos entrevistados leva-se a supor que os mesmos não a consideram como uma atividade realizada apenas esporadicamente, e sim como algo feito cotidianamente. Nessa medida, transitar na cibercultura tornou-se tão corriqueiro e comum que deixou de ser algo especial.

Apesar de ter sido possível verificar que os entrevistados preferem assistir TV no tempo livre, constatou-se, inversamente, que o meio que utilizam para se manter informados é aquele que é veiculado pelo meio virtual (57%), TV (31%), Jornal escrito (6%) e Revistas (6%).

Tal fato demonstra que eles passam grande parte do tempo conectados e, ainda, é possível considerar nesse aspecto o fato de a Internet veicular, de uma maneira mais veloz do que outros meios de comunicação, todos os tipos de notícias, sejam em âmbito local, nacional ou internacional.

Dessa maneira, por meio da caracterização dos dados expostos, é possível confirmar a premissa de que o meio virtual, em especial nas comunidades virtuais, estabelece contato com

uma grande diversidade de indivíduos, no que diz respeito ao aspecto social, econômico e cultural.

Nesse sentido, há de se considerar que, quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna universal. Por outro lado, torna-se também menos totalizável, pois segundo Lévy (1999, p.120), “por meio dos computadores e das redes, as pessoas mais diversas podem entrar em contato, dar as mãos ao redor do mundo”.

4.4.2 Hábitos de leitura dos leitores-virtuais entrevistados

A segunda parte do questionário respondido pelos leitores-virtuais dizia respeito aos seus hábitos de leitura. Dos leitores-virtuais participantes da pesquisa, todos responderam que gostam de ler. Em relação aos livros lidos entre os anos de 2007 e 2008, excetuando-se os livros da série *HP*, obteve-se que 50% dos entrevistados leram mais de oito livros, 40% leram entre três e cinco livros e 10% leram entre seis e oito livros.

Nota-se, que os leitores-virtuais são leitores que possuem o hábito da leitura, o que é um ponto positivo, visto que, conforme pesquisa realizada pelo Ibope Inteligência em 311 municípios brasileiros entre novembro e dezembro de 2007, apenas 45% da população do país não têm o hábito de ler³⁰. A pesquisa ainda aponta alguns fatores determinantes para que muitas pessoas prefiram ver televisão a ler, tais como: baixa renda familiar, baixa escolaridade e idade mais elevada. Constata-se, na comparação com esses dados, que os entrevistados apresentam um perfil socioeconômico e etário diferenciado em relação ao que foi apresentado, como fatores que influenciam no hábito da leitura. Sendo assim, há de se considerar que a leitura ainda está ligada ao fator econômico.

Assim, ao se constatar que os entrevistados possuíam o hábito da leitura, buscou-se averiguar quais são os gêneros literários que mais lhes agradam: aventura (25%), policial e detetive (25%), romance (19%), outros (13%), auto-ajuda (6%), não-ficção (6%) e ficção científica (6%).

É importante salientar que todos os entrevistados responderam que apreciam mais de um dos gêneros literários que lhes foram apresentados no questionário. Isso significa que eles

³⁰ Informações retiradas do site: <http://www.cenpec.org.br/modules/news/article.php?storyid=675>

buscam diversificar suas leituras, o que lhes possibilita perceber e comparar os diferentes tipos de textos.

Como os leitores-virtuais entrevistados demonstram ler com certa frequência; perguntou-se, ainda, onde costumam adquirir seus livros: livrarias (25%), empresto de amigos e familiares (25%), baixo da internet (15%), sebos (15%), biblioteca da escola (10%) e biblioteca pública (10%).

É interessante verificar, no gráfico anterior, que os meios geralmente utilizados para a obtenção de livros, quais sejam, bibliotecas escolar e pública, aparecem em último lugar, enquanto 25% apontam o acesso à livraria, dados que expõem que os entrevistados preferem ser proprietários de seus livros. Contudo, a prática de ser dono de livros possibilita a venda ou troca desses livros em sebos, espécies de livrarias que comercializam livros usados com preço mais acessível. Ressalta-se, atualmente, que existe a possibilidade de comprar um livro usado por meio da Internet, acessando o site www.estantevirtual.com.br, que possui um acervo com mais de 15 milhões de livros de sebos de todo o país, configurando-se como mais um meio incentivador da leitura.

Ainda em relação à resposta anterior, foi possível verificar que, sobre à forma de aquisição dos livros, os entrevistados responderam a mais de uma das alternativas. Entretanto, uma das formas de aquisição, que é a alternativa “baixo da internet”, destaca-se, se considerarmos que vivemos em uma sociedade de informação. Tal meio de obtenção da obra literária é de certa forma polêmica, pois, como argumentam alguns críticos, há o problema dos direitos autorais, já que, ao “baixar” o livro, o leitor-virtual apropria-se individualmente dos textos em meio eletrônico sem qualquer custo.

Essa apropriação é considerada pelos editores como uma espécie de falsificação digital, visto que ela não é autorizada nem pelo autor nem pela editora. Por outro lado, o meio virtual tornou-se, ainda, uma espécie de “corrente solidária” entre leitores que não possuem determinada obra literária. Como exemplo, pode-se citar o caso de um estudante francês, que disponibilizou *on-line* uma tradução em francês do último livro da série *HP*, dada a demora para que a versão francesa estivesse disponível aos leitores. O autor dessa tradução não autorizada foi detido e acusado de falsificação, mas logo foi liberado, pois o advogado de defesa alegou que o jovem não agiu estimulado por fins lucrativos, a não ser pelo mérito de tornar a obra um domínio público global.

A esse respeito, ao refazer o histórico sobre como se dava o controle e a falsificação de obras no século XVIII, Chartier (1999, p.66) faz uma interessante pergunta referente à situação contemporânea: “e agora, dois séculos depois, como preservar os princípios do

direito do autor na grande confusão eletrônica, quando a obra toma uma multiplicidade de formas, cada vez mais difíceis de apreender?”. A única resposta possível, no momento, é que cada país está criando a própria legislação para controle de crimes virtuais, não havendo, portanto, um consenso em como agir nessa situação.

Indagou-se ainda a esses leitores-virtuais quais seriam os aspectos que eles mais levam em consideração para escolher um livro. As respostas indicam que a opinião de amigos, a resenha apresentada e até a capa são fatores determinantes na escolha dessa leitura. Contudo, a seguinte resposta destacou-se: “levo em conta se o todo (composto por assunto, qualidade de impressão, nome do livro, autor editora) me agrada ou não. Valorizou muito a sinopse e o texto de apresentação da contracapa (parte de trás) para a escolha” (L.L.K, 19 anos)³¹. Verifica-se o fato de essa leitora-virtual considerar os aspectos exteriores à obra literária como um pré-requisito para sua escolha como leitora, o que leva a supor que as editoras começaram a se preocupar com esses aspectos ao publicar um livro, pois muitos leitores podem simplesmente escolher um livro “pela capa”. É interessante expor uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, realizada de 29 de novembro a 14 de dezembro de 2007, que apresenta o perfil do leitor brasileiro, em especial a sua maneira de escolher os livros a serem lidos:

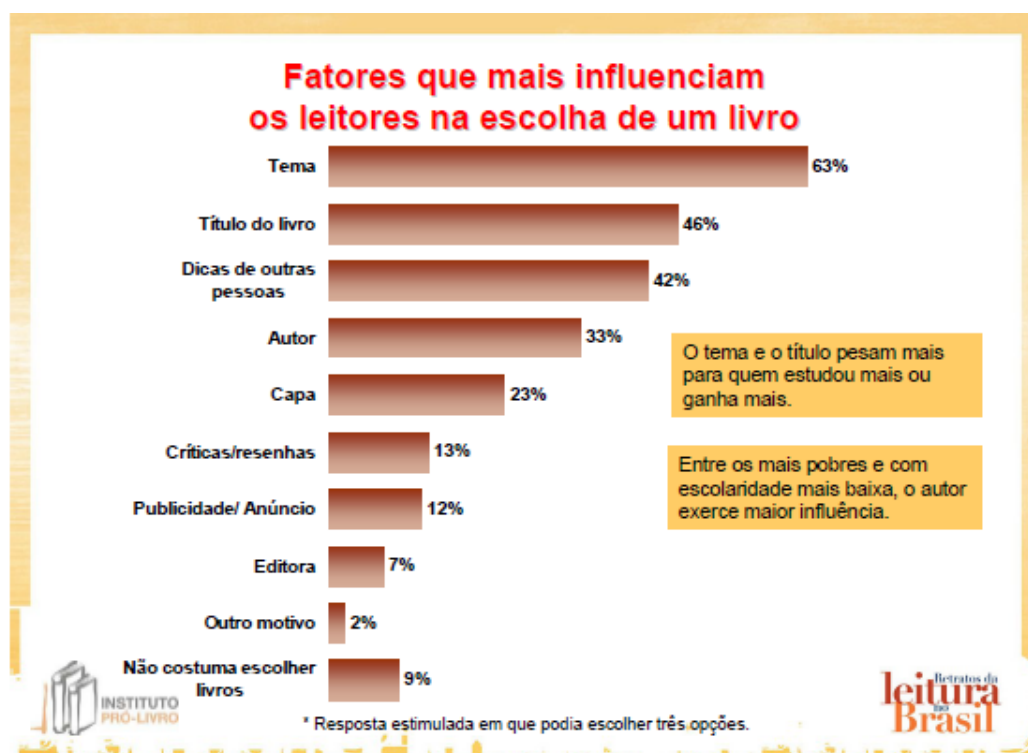


Figura 24: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - Instituto Pró-Livro
Fonte: www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf

³¹ O uso das iniciais garante o direito à privacidade do entrevistado.

Ao se comparar as opções destacadas pelos leitores-virtuais entrevistados com as respostas apresentadas pela pesquisa do Instituto Pró-Livro, observa-se que, apesar de terem sido realizadas em ambientes diferentes e com diferença de público, tais pesquisas demonstram que há uma semelhança nos fatores que mais influenciam os leitores brasileiros escolhem seus livros.

Independentemente da maneira como se dão as escolhas dos leitores-virtuais em relação às suas leituras, eles apontaram quais os livros que não gostaram de ler e quais gostariam de ler:

Já leu algum livro de que não gostou?	Qual livro gostaria de ler, mas nunca leu?
<i>Os seis signos da luz</i> de Susan Cooper <i>Alice no país das Maravilhas</i> de Lewis Carroll <i>O Demônio e a Srta. Pryn</i> de Paulo Coelho <i>Assassinato do Expresso Oriente</i> de Agatha Christie <i>Os doze mandamentos</i> de Sidney Sheldon <i>Heróis e Vilões – Por dentro das mentes brilhantes da história</i> <i>Clarissa</i> de Érico Veríssimo	<i>As Crônicas de Nárnia</i> de C.S. Lewis <i>Harry Potter e as Relíquias da Morte</i> de J.K. Rowling <i>O caçador de Pipas</i> de Khaled Hosseini <i>Crepúsculo</i> de Stephenie Meyer <i>Lua Nova</i> de Stephenie Meyer <i>Eclipse</i> de Stephenie Meyer <i>O Mago</i> de Fernando Morais <i>A mulher de Pilatos</i> de Antoinette May <i>O guardião de memórias</i> de Kim Edward <i>Ismael</i> Coleção completa de Jeffery Deaver <i>Pronto Socorro Psicológico</i> <i>A Divina Comédia</i> de Dante <i>Crítica da Razão Pura</i> de Kant <i>O Príncipe</i> de Maquiavel <i>Marley e Eu</i> de John Grogan <i>A Menina que roubava livros</i> de Markus Zusak

Quadro 4: Leituras “ruins” e leituras que os entrevistados desejam fazer

Verifica-se, nas respostas, que alguns entrevistados desejam ler vários livros, sendo poucos os livros indicados como leituras “ruins”. Vale destacar três respostas relacionadas a esses tópicos, que podem indicar um pouco mais do que seria o perfil dos leitores contemporâneos. A seguir, a primeira resposta a ser comentada: “o *Demônio e a Srta. Pryn* de Paulo Coelho, não atendeu as minhas expectativas” (N.B.A, 17 anos). Ao justificar o fato de não ter gostado do livro, percebe-se que o leitor, ao buscar uma leitura, já vai com expectativas previamente formuladas, talvez por informações recebidas ou mesmo por acreditar que tal obra atenderia às suas necessidades. Já L.L.K, 19 anos, respondeu: “*Heróis e Vilões – Por dentro das mentes brilhantes da história*. Não gostei porque o livro é muito

maçante, entediante, não tem uma leitura interativa”. Ao falar da interatividade da leitura, a leitora-virtual, provavelmente, não conseguiu estabelecer a relação autor-obra-leitor.

Em relação a essas respostas que justificam as leituras “ruins”, deve-se considerar que a leitura é dada como um processo de interação do leitor com seu contexto, e “se a recepção do texto recorre às capacidades refletivas do leitor, influi igualmente – talvez – sobretudo, sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção” (JOUVE, 2002, p.19). Portanto, há de se ponderar que tais obras, provavelmente, não despertaram a emotividade de seus leitores nem a identificação, o que dificultou sua boa receptividade.

Ao falar que o livro *Clarissa* foi a leitura que menos a interessou, A.P.D., 18 anos, apresenta a seguinte justificativa: “[...] embora possa estar cometendo um sacrilégio para os mais conservadores”. A entrevistada parece ter conhecimento da importância que se credita à leitura de obras ditas canônicas, como necessárias e divinas, e que seu “pecado” recorre no fato de não reconhecer aquele livro como uma leitura “boa” sob o ponto de vista dela, ou seja, “se afirmamos [...] que uma obra literária é boa ou má, então formamos um juízo de valor. Mas quando necessitamos fundamentar esses juízos, utilizamos critérios que, na verdade, não são de natureza valorativa, mas que descrevem características da obra em causa” (ISER, 1996a, p.58-9). Assim, ao se considerar a subjetividade dos juízos de valor para decidir na escolha de livros e nas críticas que serão produzidas, não existe uma verdade absoluta, e sim verdades individuais.

Buscou-se, por fim, verificar, em relação aos hábitos de leitura dos entrevistados, se esses leitores-virtuais pertencem a uma família que possua o hábito da leitura. Todos responderam que a família costuma ler, em especial os seguintes tipos de leitura: livros (31%), revista (31%), notícias pela internet (19%), jornal (13%) e outros (31%).

Conforme é possível observar, a leitura é um hábito que faz parte da cultura familiar, independentemente do gênero textual que se costuma ler. A pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (2007) ressalta que, enquanto 60% dos leitores se habituaram a ver os pais lendo, no caso de não-leitores esse número se inverte: 63% nunca ou quase nunca viam isso em casa. Assim, em ambas as pesquisas, ressalta-se a importância que a família tem na formação de leitores, principalmente na infância, pois segundo Cerrillo (2005, p.5),

O hábito da leitura voluntária é adquirido em casa, e não na escola, sendo uma consequência da vontade de ler, que foi reforçado com a prática da leitura na família. O mais eficaz para uma criança ler é provavelmente ver a leitura: por exemplo, ver seus familiares adultos lendo. Então, para se criar

hábitos de leitura, estariam em primeira instância, pois, a família; mas, o que os pais lêem?; Há incentivo da leitura em casa? ³²

Assim, é possível dizer que a partir do momento em que a criança cresce em um ambiente onde a leitura é estimulada, tem-se a grande chance de ela se tornar um adulto leitor e, principalmente, um leitor crítico.

4.4.3 Impressões de leitura da série Harry Potter

Se anteriormente buscou-se definir um perfil de leitura dos leitores-virtuais participantes da pesquisa, nesse momento, buscar-se-á verificar a recepção da série *HP* no que diz respeito aos elementos da obra como enredo, personagens, entre outros, que podem determinar os motivos que tornam a série tão popular.

Antes de caracterizar a obra por meio das respostas dos leitores-virtuais, primeiramente foi necessário averiguar como chegaram até a leitura dos livros, ou seja, o que os levou a ler a série *HP*: filmes (50%), indicação de amigos e/ou familiares (30%), influência da mídia (10%) e outros (10%).

Percebeu-se que a maioria dos leitores-virtuais conheceu os livros por meio dos filmes sobre a série, o que demonstra o impacto de outros meios de comunicação como fatores também determinantes da leitura.

Perguntou-se, a seguir, quais livros da série já teriam lido, e apenas um dos leitores-virtuais entrevistados não leu todos os sete livros da série, justificando que sua leitura depende da disponibilidade da biblioteca da escola e do empréstimo de amigos.

Em relação à impressão que a obra causou na primeira leitura desses leitores-virtuais, as seguintes respostas se destacaram:

³² “El hábito de la lectura voluntaria suele adquirirse en casa, no en la escuela, siendo una consecuencia de la voluntad de leer, que se ha podido reforzar con la práctica de la lectura en la familia. Lo más eficaz para que un niño lea es, probablemente, que vea leer: para él es un ejemplo ver leer a sus familiares adultos. En la creación de hábitos lectores estables estaría, en primera instancia, pues, la familia; pero, ¿leen los padres?, ¿se fomenta la lectura en el hogar?” (Tradução da autora).

Aparentou ser uma história muito coerente e muito bem escrita, que mostrava o mundo bruxo de um ponto de vista bem diferente [...] (G.B.A, 14 anos).

Apesar de ser uma história utópica, a linguagem rica e a construção do enredo pela autora, prenderam minha curiosidade no fato de querer desvendar sempre o que ia acontecer capítulo após capítulo (N.B.A., 17 anos).

Encantamento e desejo de entender as informações incompletas da história (F.G.A, 22 anos)

A partir das respostas apresentadas, percebe-se que a obra causou impacto positivo nos leitores-virtuais em sua primeira leitura. Isso demonstra que a leitura é uma interação dinâmica que existe entre texto e leitor, como observa Iser (1999, p.13): “a relação entre o texto e leitor se caracteriza pelo fato de estarmos diretamente envolvidos, ao mesmo tempo, de serem transcendidos por aquilo que nos envolvemos”.

Os leitores-virtuais entrevistados informaram que as impressões causadas pela primeira leitura da série não mudaram durante a leitura dos outros livros da saga, e que muitos continuam a reler os livros após a publicação do último livro da saga potteriana.

Buscou-se determinar com os entrevistados quais dos sete livros seriam, na opinião deles os melhores: *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (25%), *Harry Potter e o Cálice de Fogo* (24%), *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (17%), *Harry Potter e a Ordem da Fênix* (17%) e *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (17%).

Alguns dos leitores-virtuais entrevistados escolheram mais de um livro da série e um deles afirmou ser impossível escolher apenas um título, pois, na opinião dele, todos seriam bons. Entretanto, verificam-se, nos dados obtidos, que nenhum dos entrevistados escolheu os dois primeiros livros da saga, o que pode ser explicado pelo fato de os livros iniciais apresentarem muitas lacunas em relação ao enredo, já que, como afirma F.G.A (22 anos), “HP e o Prisioneiro de Azkaban e HP e o Cálice de Fogo, são os dois livros que narram mais a história dos pais e dos outros personagens. Ou seja, menos ação e mais explicação”.

Desse modo, a aceitação ou não da argumentação desenvolvida durante a narrativa justifica-se, segundo Thérien (1990, p.10 *apud* JOUVE, 2002, p.22), pela perspectiva de que

O sentido no contexto de cada leitura é valorizado perante os outros objetos do mundo com os quais o leitor tem uma relação. O sentido fixa-se no plano imaginário de cada um, mas encontra, em virtude do caráter forçosamente coletivo de sua formação, outros imaginários existentes, aquele que divide com os outros membros de seu grupo ou de sua sociedade.

Portanto, percebeu-se que a maioria dos entrevistados leu todos os livros da série, e tal constatação leva ao questionamento dos motivos que fazem a saga de *HP* ser tão popular, o que, para os leitores-virtuais, justifica-se pelos seguintes fatos:

Os melhores amigos. A briga entre a Sonserina e outras casas de Hogwarts. As coisas sonsa que o Rony diz ou faz, etc (C.D., 12 anos).

Eu imagino que seja a história que envolve qualquer um, não conheço ninguém que tenha lido e não gostado, o modo de trabalhar com as palavras da autora (M.M.S., 18 anos).

Idéia inicial brilhante (A.P.D., 18 anos).

O que se pode verificar, com as respostas, é que a estruturação dos livros da série traz consigo certas convenções que surgem no repertório do leitor, o que talvez seja um dos motivos que faz da obra um grande sucesso em todo o mundo. Sob esse aspecto, Aguiar (2005, p.12) afirma ainda, como motivo do sucesso, o fato de que,

Ao entrarem em contato com a obra, as crianças leitoras são conduzidas, pelas pistas do narrador, a um universo mágico, novo, mas nem tanto, porque moldado à luz dos contos de fadas tradicionais e, por isso mesmo, seguro e acolhedor. Por outro lado, as indicações de leituras sugerem desafios, não-ditos, mistérios. Da combinação de conhecido e desconhecido surge o encantamento do texto e, por essas vias, as crianças desenvolvem uma atitude leitora como não víamos desde os tempos de Monteiro Lobato.

Entretanto, os motivos que levaram a série a se tornar popular também chamaram a atenção de críticos, como Harold Bloom, que afirma que os livros de J.K. Rowling seriam umas das obras mais mal escritas que ele já lera (MOURA, 2003). Sob esse aspecto, perguntou-se aos entrevistados se eles conheciam alguém que criticasse a série *HP* e quais os motivos de tais críticas. Todos responderam que conhecem pessoas que criticam a saga e destacaram inúmeros motivos, tais como: idéia simplória, livro popular, linguagem pobre, não passa mensagem “boa”, é infantil, etc.; contudo, alguns leitores-virtuais ressaltaram que os tais críticos muitas vezes se baseiam apenas nos filmes sem nunca terem lido os livros, ou simplesmente possuem uma idéia preconceituosa sobre a série, dado o seu conteúdo relacionado ao mundo da magia.

Um dos motivos que pode também estar relacionado ao fenômeno mundial de *Harry Potter* é o fato de as personagens representarem diferentes aspectos da natureza humana, já

que, para Iser (1996, p.142), “uma variedade de normas de época é introduzida no texto e apresentada como um princípio respectivo que orienta os protagonistas mais importantes”. Conseqüentemente, questionou-se os leitores-virtuais se eles se identificavam com algum personagem e por qual motivo. As respostas foram diversificadas: Hermione Granger e Gina Wesley (“uma porque é sábia e estudiosa, a outra porque é vaidosa” - C.D., 12 anos); Rony e Dumbledore (“Rony e Dumbledore. Rony pela simplicidade, por umas sacadas espertas e certa sabedoria, ousou dizer. Dumbledore pela serenidade e sabedoria que eu gostaria de ter” – A.P.D, 18 anos) e ainda, Harry Potter, Severus Snape, etc.

Sendo Harry Potter o herói da saga, os leitores-virtuais entrevistados o consideram como um herói corajoso e determinado:

Não diria exatamente que ele é um herói, pelo fato de ser bastante ajudado. Mas digo que é muito corajoso, pois mesmo sendo bastante novo, tomou atitudes bastante sensatas e maduras em diversos momentos de risco. Sua precocidade impulsionada por sua sociedade é apreciável, e isso define o seu caráter (N.B.A, 17 anos)

Um herói diferente. Ele não é um mocinho típico, nem o chamado herói pitoresco. Uma personagem, que acerta e erra, como uma pessoa normal (F.G.A, 22 anos).

Um garoto normal, que se apaixona, que sente raiva, tem inimigos, amigos e grandes companheiros, não faz o tipo de coitadinho pelo que aconteceu no seu passado (M.M.S., 18 anos).

De acordo com as respostas, é possível dizer que Harry Potter representa um herói contemporâneo, que não possui uma, mas várias identidades, assim como os indivíduos da atual sociedade. Desse modo, ao falar que o herói “sente raiva” ou se apresenta como um “garoto normal”, o leitor desfaz o estereótipo do herói virtuoso, apregoadado pela literatura infanto-juvenil em geral, e destaca mais o binarismo bem x mal dos indivíduos. Assim,

[...] A série *Harry Potter* pode ser vista como participante de uma ideologia contemporânea individualista baseada na construção de si mesmo com liberdade para explorar, ‘apreciar’ e lutar dentro de um mundo de opções, não mais limitado pela tradição histórico-religiosa [...] Em outras palavras, Harry é o modelo de autonomia e construção de si próprio; mais como indivíduo (HEIDEGGER, 1927/1962) que implicou uma construção sócio-

cultural de subjetividade, ele constitui-se como um indivíduo ‘em’ sociedade (FTZCLARENCE, 2004 *apud* READING, 2006, p.104).³³

Em relação ao pano de fundo da história, tem-se, em *HP*, o mundo da bruxaria, que, muitas vezes, já esteve presente na literatura mundial. Todavia, os leitores-virtuais entrevistados concordam que o mundo da bruxaria de *HP* difere dos demais narrados. E alguns dos pontos pelos quais eles caracterizam a série como distinta dos enredos até então por eles conhecidos são os seguintes:

É completamente diferente. Parece quase plausível devido à excepcional “levada” ou condução de enredo da autora (B.S.P., 31 anos).

[...] em todos os contos de fadas que tem a bruxaria, eles são malvados, e em Harry Potter, mostra que são pessoas normais (M.M.S., 18 anos).

[...] É apresentado no HP um mundo dos bruxos que levam uma vida normal, porém com encantamentos. Nada de maldade ou um submundo (F.G.A., 22 anos)

Em relação ao termo *bruxo* apontado pelos entrevistados, há de se afirmar que, em *Harry Potter*, J.K. Rowling diverge da conceituação da mulher-bruxa, longamente difundida após a perseguição ao gênero feminino na Idade Média e descreve, no decorrer de sua narrativa, que as bruxas e os bruxos são pessoas normais e comuns, não apresentando nenhuma característica que as diferenciem das demais: “Madame Malkin era uma bruxa baixa, gorda e sorridente, toda vestida de lilás” (A Pedra, p.70).

Desse modo, outros aspectos anteriormente considerados maléficos no contexto da bruxaria, tanto no período medieval quanto no literário, encontram-se desvinculados na série, conforme perceberam os leitores-virtuais entrevistados. Por conseguinte, por meio de suas experiências de leitura, o leitor poderá identificar que os aspectos da bruxaria narrados em *Harry Potter* são totalmente adversos dos preceitos usualmente difundidos, como se verifica

³³ [...] the *Harry Potter* series can be viewed as participating in a contemporary individualist ideology of the construction of self as set free to explore, ‘enjoy’ and struggle within a world of options, rather than herself as constrained by historical religious traditional [...] In other words, Harry models for his readers apparent autonomy and choice in self-construction; rather than Being (Heidegger, 1927/1962) implicated in socio-culturally constructed subjectivity, he is an individual ‘in’ society (FTZCLARENCE, 2004 *apud* READING, 2006, p.104). (Tradução da autora).

na caracterização das bruxas descritas nos contos de fadas e em outras obras literárias, por exemplo.

Conseqüentemente, as normas e convenções são verificáveis no repertório a partir do momento em que algo familiar não é mais identificável no texto, ou seja, o “familiar”, que diz respeito a textos de outras épocas, ao contexto sociocultural e representaria a realidade extra-estética da obra “abrem” novas possibilidades de leitura. Entretanto, ressalta-se que os elementos extra-textuais, ao saírem de suas convenções usuais para serem percebidos em outras relações, não perdem suas relações originais por completo, porque devem servir de pano de fundo para o surgimento de novas relações.

Durante a leitura, os leitores, muitas vezes inconscientemente, buscam na obra semelhanças com o que já haviam lido anteriormente. Nesse sentido, os entrevistados conseguiram identificar quais seriam as influências de contos de fadas, mitos e lendas em *HP*: bruxas que voam em vassouras, bicho-papão, lobisomens, mitologia grega, fadas, gigantes, unicórnios, sereianos (espécies de sereias), zumbis, centauro, etc. Esse tipo de reconhecimento intertextual traz à tona suas experiências literárias e sua capacidade de reconhecer, em uma diferente obra, aspectos vistos anteriormente.

Considerando, ainda, a obra literária como uma transposição do real para o plano imaginário, é possível ao leitor buscar identificação com a obra que lê, como forma de transpô-la para a sua vida real. Assim, perguntou-se aos leitores-virtuais se eles achavam que as situações apresentadas no livro se pareciam, em alguma coisa, com a vida real. As seguintes respostas foram pertinentes aos objetivos da pesquisa:

Acho que a rivalidade entre os alunos na escola, é um ponto (C.D., 12 anos).

[...] tudo pode ser comparado à vida real, porém visto de um outro ângulo, com novos costumes, mas mesmos hábitos (N.B.A, 17 anos).

Algumas coisas sim, são baseadas nas pessoas comuns, em histórias comuns, mas com magia (L.L.K., 19 anos).

As relações interpessoais são absolutamente humanas, em essência. A autora mostra relações entre personagens bastante ricas e subjetivas (A.P.D., 18 anos).

Inegavelmente, essa proximidade entre real e ficcional possibilita o êxito no processo comunicativo entre texto e leitor, visto que proporciona elementos que permitem o

conhecimento da situação apresentada até o momento, já que “as palavras e os acontecimentos da realidade empírica ganham, dentro da realidade ficcional, devido ao seu valor de contexto um novo significado” (BREDELLA, 1989, p.144).

Assim, com a leitura dos livros da série, conforme se verificou nas respostas, o leitor poderá construir os significados do texto e compreendê-los por meio de vazios, da formulação e reformulação de hipóteses, já que

[...] o repertório se caracteriza pela transcodificação de valores, nele se apresenta sempre um contexto de referência, que, em face das possibilidades de sentido dominante, virtualizadas e negadas, mostra diferentes possibilidades de uso. Ao otimizar a estrutura o leitor produz uma ordem pela qual o contexto de referências do repertório se torna textualmente experimentável (ISER, 1996, p.157).

O reforço na busca pela identificação do plano real com o imaginário se deu no fato de que todos os leitores-virtuais responderam que conhecem pessoas com as mesmas personalidades das personagens: Neville, Rony, Hermione, Gina, Snape, Duda.

Em alguns casos específicos, a transposição do fictício para o real se dá além da imaginação criativa do leitor, como ocorre com as adaptações cinematográficas. Como se trata de uma obra literária conhecida mundialmente, a saga de *HP* também foi transposta para a tela do cinema, pois se tornou lugar comum a adaptação de obras literárias para o meio cinematográfico. Verifica-se que a maior parte dessas adaptações ocorre em maior grau quando se trata de *best-sellers*, que já possuem um grupo de leitores cativos. Segundo Diniz (2005), tornou-se difícil a produção de um filme oriundo de um *script* original, pois atualmente a maior parte dos filmes é baseada em narrativas literárias.

Nos questionários, aferiu-se que todos os leitores-virtuais entrevistados assistiram aos filmes adaptados da série de livros *HP* e alguns expuseram sua opinião sobre a comparação da adaptação cinematográfica com as impressões de leitura realizadas:

Bons, mas em comparação aos livros sempre deixam algo a desejar (G.B.A., 14 anos).

Bons, mas não tão quanto os livros, e isso é compreensível, já que a leitura específica e detalha muito mais as situações e percepção dos momentos de emoção (N.B.A, 17 anos).

Os filmes são horríveis. Cortam partes importantes da história que dão sentido ao enredo (F.G.A, 22 anos).

As afirmações acima podem ser consideradas do ponto de vista de que o leitor, ao conhecer a obra literária e sua adaptação fílmica, leva em conta o próprio julgamento de valor, tendo, assim, a noção de fidelidade ou não do filme em relação ao texto literário (ARRUDA, 2007). Nesse sentido, Iser (1999) refere-se ao filme como um meio que neutraliza a composição possibilitada pela leitura, pois, ao ler, o leitor trabalha com a categoria de uma representação não dada, que é criada individualmente no processo de leitura. A imagem proporcionada pelo cinema torna-se, assim, objeto de comparação com a idéia pré-existente na imaginação do leitor, o que leva o leitor-expectador a considerar o filme como uma visão empobrecedora do texto literário e, portanto, decepcionante.

A própria autora da série, J.K. Rowling, também fala sobre a questão da adaptação de seus livros para o cinema, afirmando que o desejo era que o filme fosse fiel ao livro; contudo, ela mesma aceita o fato de que algumas situações não funcionariam na tela e que a única determinação solicitada foi para que o enredo não mudasse muito (FRASER, 2000).

No entanto, apesar dos julgamentos de não fidelidade do filme aos livros, há de se considerar que a influência da adaptação cinematográfica nos leitores-virtuais foi grande, haja vista o fato de que, conforme já dito, grande parte dos entrevistados leu os livros depois de ver os filmes.

Os entrevistados foram questionados sobre outro ponto polêmico, que diz respeito ao uso do termo *trouxa*, para designar os não-bruxos, que, no Brasil, possui uma conotação de certa forma pejorativa:

Na verdade acho bem estranho esse termo, mas gostei, faz parte dessa “criatividade” da J.K. Rowling, que recria o mundo para dar vida aos seus personagens” (N.B.A, 17 anos).

Uma visão crítica e preconceituosa, perante as pessoas de raça ou cultura diferente. Similar com realizamos perante as pessoas diferente de nós (A.M., 28 anos).

Um pouco insultório, imagino que outro termo seria mais aplicável (M.M.S, 18 anos).

Legal, mas parece um xingamento (C.D., 12 anos)

Sem dúvida, a escolha do termo para *muggle* se deu por uma opção da tradutora, devido ao fato de o texto fonte ter sido escrito em língua inglesa. Segundo Ibaños e Oliveira (2005, p.98),

Os recursos significativos da língua permitem que, por trás de um adjetivo que está funcionando como nome, encontre-se um nome especial que carrega uma função conotativa. Embora *mug* em inglês britânico signifique uma pessoa facilmente enganável, a conotação dada no texto é de que simplesmente serem os Muggles as pessoas não mágicas, que preferem permanecer ignorantes ao que se passa nos outros possíveis mundos, fora de sua realidade. “Trouxa”, por outro lado, denota sempre um caráter pejorativo e ainda é tratado como substantivo comum, tendo sido ignorado o uso de maiúsculas, que caracteriza um grupo especial.

Outros tipos de situações consideradas problemáticas na tradução são apresentados por J.K. Rowling (FRASER 2000, p.16):

Acabei de receber cópias do primeiro *Harry* traduzido para o japonês - é lindo. Mas a versão com a qual fiquei mais impressionada foi a grega. Às vezes encontro pequenas e estranhas aberrações. Na versão espanhola, o sapo de Neville [Longbottom] - que o menino vive perdendo - foi traduzido como "tartaruga", o que, com certeza, faz com que seja mais difícil de perder. E não há nenhuma menção de um local com água onde ela pudesse viver. Não quero pensar muito nisso... Na versão italiana, o Professor Dumbledore foi traduzido como "Professore Silencio", O tradutor viu o *dumb* (mudo) no nome e se baseou nisso. Na verdade, *dumbledore* é uma palavra do inglês arcaico para "mamangava". Eu a escolhi por causa da imagem que tenho desse mago do bem, sempre andando e cantarolando para si mesmo, e eu adorava o som da palavra também. Para mim, "Silencio" é uma contradição total. Mas o livro é muito famoso na Itália - então obviamente isso não incomoda os italianos!

Por se tratar de uma série conhecida mundialmente, tais diferenças semânticas na tradução acontecem, visto que o tradutor, na maioria das vezes, busca adequar o texto fonte ao contexto da língua para a qual traduz, o que nem sempre resulta em uma significação adequada ou mais semelhante ao original.

Apesar dos pontos polêmicos, dada a grande receptividade da obra, indagou-se aos leitores-virtuais se eles se sentiram incentivados a ler outros livros depois de terem lido a série *HP* e 80% dos entrevistados responderam que afirmativamente.

É possível verificar o aspecto positivo da leitura da obra como fator relevante na formação do leitor, pois, segundo Ceccantini (2005, p.24), “*Harry Potter* convida à discussão

não apenas da ‘guerra das culturas’, mas também do problema do leitor em formação, particularmente aquela que se dá num país de tradição iletrada como o nosso [...]”. Tal argumento reforça a justificativa de que a inserção da obra em um contexto de poucos leitores poderá auxiliar no crescimento de leitores em formação e também na aproximação daqueles que ainda se mantêm distantes do “mundo” literário.

Finalmente, por ter se tratado de um questionário sobre a série de livros *HP* respondido por leitores-virtuais participantes de comunidades virtuais no *Orkut*, indagou-se se eles costumam trocar informações com outros leitores da série:

Sim, pois é interessante saber se as outras pessoas tiveram o mesmo ponto de vista de algo que você leu (G.B.A., 14 anos)

Claro, os fóruns permitem grandes discussões entre os leitores (A.M., 28 anos).

Sim. Pois assim acabo descobrindo novas coisas da série (C.D., 12 anos).

Sim, é sempre bom saber ponto de vista de outrem em relação a algo que você gosta. As visões em relação ao assunto sempre apresentam certas divergências, que muitas vezes, merecem destaque (N.B.A., 17 anos).

Sim, pois é muito interessante ver a visão dos outros perante a mesma leitura (F.G.A., 22 anos).

Adoro, principalmente os jogos que tem nos fóruns, pois daí dá pra saber quem sabe mais sobre os livros (V.A.O., 17 anos).

Gosto, porque é interessante saber como as outras pessoas pensam, se perceberam os mesmos erros que eu, se interessam-se pelas mesmas coisas que eu... (M.M.S., 18 anos)

Sim, pois cada um tem seu ponto de vista... é diferente a interpretação de cada um, e também os personagens preferidos, os filmes... é bem interessante conversar. (L.L.K., 19 anos).

Adoro conversar sobre a série é quase tão bom quanto a leitura propriamente dita. (A.P.D., 18 anos).

Não, eu prefiro apenas ler os fóruns sem me intrometer nas conversas (B.P.S., 31 anos)

Em vista das respostas dos leitores-virtuais, há de se considerar os *e-fóruns* como uma importante ferramenta para a interação entre obra e leitor, visto que, nesses espaços, os internautas podem discutir diversos assuntos e, no caso da literatura, eles podem funcionar como meios a serem observados, no que tange à recepção e influência de uma obra literária

em leitores, como é o caso de *HP*. Esse tipo de troca de informações permite que a obra permaneça viva, seja ela canônica ou *best-seller*, pois quem dá vida ao objeto literário é o leitor. Independentemente das escolhas que faz o leitor, conforme se verificou, ele sempre colocará, em primeiro lugar, o seu juízo de valor, o que poderá resultar no esquecimento de uma determinada obra ou na valorização de outra.

4.5. AS FANS FICS POTTERIANAS

As hiperficções literárias, conhecidas mais como *fanfics*, podem ser consideradas como um espaço de criação literária de um leitor em ambiente virtual. Isto é, o leitor-virtual tem possibilidade de se tornar co-autor da própria história que leu, ao produzir uma narrativa do tipo *fanfic*. A atividade criativa, na cibercultura, torna-se, assim, uma importante ferramenta a favor do leitor, pois no meio virtual, reescrevem-se outras significações para a obra literária. Como consequência, a noção de autoria da obra original cede lugar a um leitor virtual, que é também co-autor, havendo, portanto, uma apropriação individual dos textos em meio eletrônico.

A partir dessa criação contínua e, muitas vezes, coletiva, características da hiperficção literária, Chartier (1999) contrapõe essa situação, ao expor que, no século XVIII, a originalidade da propriedade literária tinha suas bases asseguradas no direito natural, pois, assim, o autor seria reconhecido como proprietário de suas obras, ou seja, o livro era o seu bem material, o exemplo máximo de sua genialidade expressiva.

Dessa maneira, as *fanfics* tornaram-se um espaço onde os fãs de determinadas obras reúnem-se para mudar o final de um livro, acrescentar personagens ou até ressuscitar outros que foram “mortos” pelo autor, ou seja, escrever uma *fanfic* é fazer a própria história, tomando como base uma narrativa já criada. Assim, Georgakopoulos (*on-line*), ao falar sobre as *fanfics*, afirma que

O gênero tomou conta da internet e ganha novos autores a cada minuto. Muitos continuam histórias de livros, outros criam novos episódios de seriados de TV e alguns até misturam um e outro. Tudo é válido para exercitar a escrita e a imaginação, menos plagiar. Uma das duas únicas regras que devem ser seguidas ao escrever uma fic é dar crédito aos verdadeiros autores dos personagens “emprestados”. A outra é colocar a

censura para deixar avisado o conteúdo da fic sem causar problemas para leitores mais jovens.

Ao considerar a *fanfic* como um novo gênero literário, Miranda (2005) destaca que a crítica literária se põe na defensiva quando se trata do aparecimento de novos gêneros textuais; contudo, essa atitude é negativa, visto que o surgimento de um novo modelo textual representaria, no contexto pós-moderno, o levantamento de novas questões e, também, soluções para o pensamento literário.

Em relação ao surgimento do “novo” no âmbito literário, Zappone e Wielewicki (2003, p.28) assim se posicionam sobre a relação entre literatura e outros meios:

Um texto literário serve de argumento para a criação de outros textos literários, dialogando entre si [...] A linguagem literária é traduzida em outras linguagens, aguçando o senso crítico e a criatividade de leitores, espectadores e ouvintes. Em contato com essas diversas leituras, o público encontra sugestões para suas próprias produções de significado.

Assim, é possível dizer que às muitas formas pelas quais se expressa a literatura na sociedade contemporânea correspondem as muitas faces de uma sociedade multicultural. Desse modo, por meio da virtualidade, há uma maior interação entre diferentes grupos sociais.

Dessa forma, pode-se inicialmente considerar que as *fanfics* estão revolucionando a relação autor-obra-leitor, pois tais narrativas virtuais demonstram que a história contida em um livro é sempre criadora de novos sentidos a cada leitura. Isso se justifica, devido ao fato de que “se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção” (JOUVE, 2002, p.19).

Nesse sentido, pesquisou-se, no site de pesquisa *google*, as *fanfics* relacionadas à série de livros de *HP* e chegou-se ao número aproximado de 713.000 hiperficções literárias sobre a saga do pequeno bruxo em meio virtual. Ressalta-se que a pesquisa sobre as *fanfics* potterianas teve como resposta *sites* brasileiros e de outros países, o que fortalece a idéia central de que a internet possibilita uma interação que “não respeita as fronteiras”. Sobre essa constatação da variedade de hiperficções literárias, Pelisoli (*on-line*) afirma que

Atualmente, grande parte dessas *fanfics* fala sobre as personagens da obra de Rowling – às vezes, inventando novos acontecimentos no mesmo espaço e tempo; em outras, procurando preencher os vazios do texto original, seja fazendo relações ou de forma criativa – e são postadas na rede em *websites* específicos ou naqueles cujo tema seja a própria série *Harry Potter*.

Dado o grande número de possibilidades que se abrem ao leitor-virtual, Silva (2005c, *on-line*) afirma que as informações proporcionadas pela cibercultura “[...] surgem como novas ferramentas de comunicação e interação, instaurando outros paradigmas nas relações entre autores, textos e leitores”.

Assim, o fenômeno das *fanfics* sobre *HP* oferece a oportunidade de explorar o trabalho dos fãs como co-autores e observadores participantes, na criação e circulação cultural de produtos, em conjunto com os livros da série. Portanto, dada a grande variedade de *fanfics* apresentada na pesquisa inicial, decidiu-se por analisar o site *Aliança 3 Vassouras*³⁴, em virtude da originalidade de seu nome e da relação que apresenta com a obra desde a própria denominação, pois, na série *HP*, o *Três Vassouras* é uma espécie de estalagem localizada no povoado fictício de Hogsmead, próximo a Hogwarts, sendo o local onde a maioria das personagens se reúne quando está fora da escola de bruxaria: “– Vamos fazer o seguinte – sugeriu Rony com os dentes batendo, vamos tomar uma cerveja amanteigada no Três Vassouras?” (O Prisioneiro, p. 165).

Ao “batizar” o site de *fanfic* com o nome de um lugar da obra, seus criadores buscam recriar o ambiente textual, fazendo com que os leitores-virtuais ou co-autores-virtuais sintam-se como as próprias personagens do livro:

³⁴ O site de *fanfic* analisado *Aliança 3 Vassouras* não está mais disponível desde o mês de julho. Tal fato expõe o aspecto da efemeridade das informações disponibilizadas na Internet.

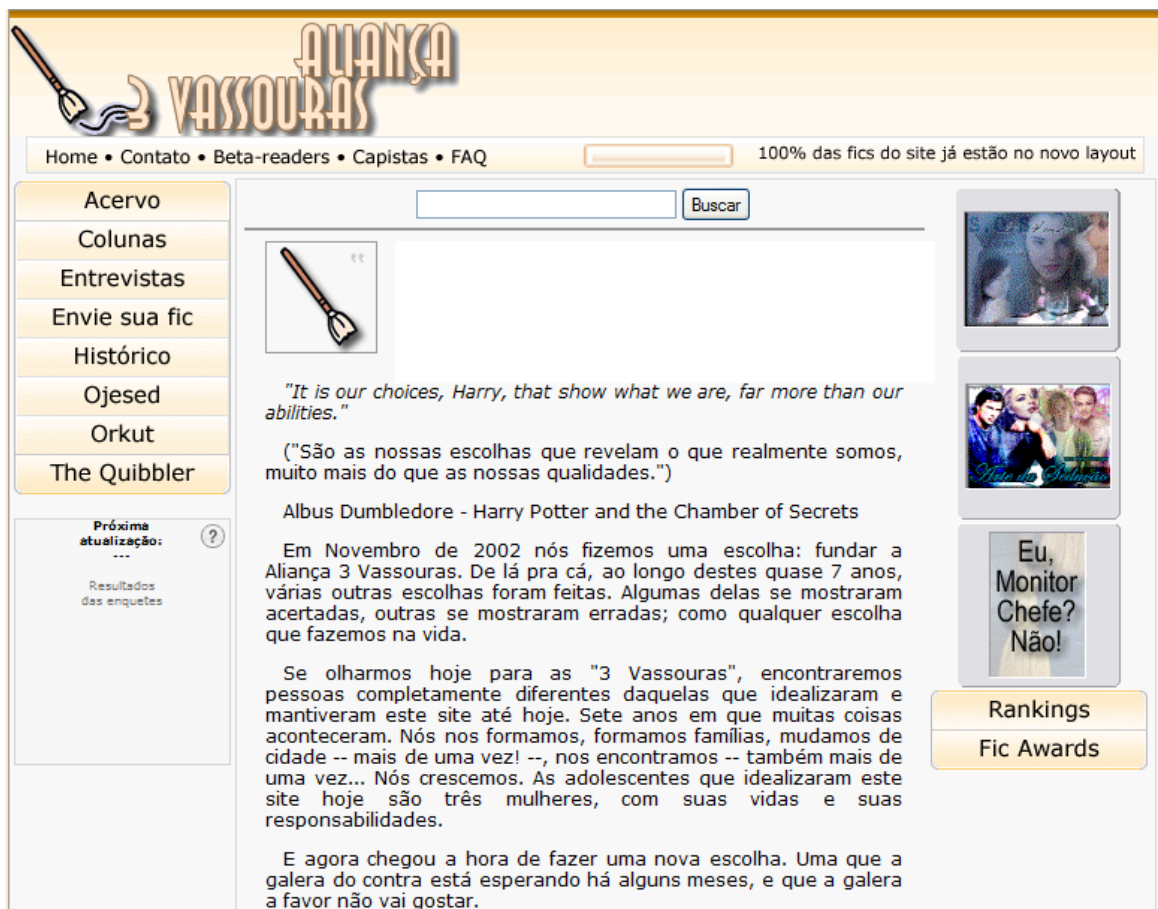


Figura 25: Layout do site de *fanfic* Aliança Três Vassouras

Fonte: <http://www.alianca3vassouras.com/>

Conforme se observa na figura 25, tem-se a página inicial do site de *fanfics* Aliança Três Vassouras, onde há a apresentação dos tópicos que podem ser visitados pelos leitores-virtuais; além disso, seus criadores expõem uma espécie de conversa com seus usuários.

Ao clicar no ícone *acervo*, o leitor-virtual deparar-se-á com um acervo de 3.421 fics escritas por diversos leitores. Percebe-se uma grande variedade de fics, que, basicamente, tratam de personagens da obra (conforme será discutido no decorrer desta análise). Com o intuito de organizar a pesquisa do leitor-virtual, os criadores do site organizaram as *fanfics* de acordo com os seguintes critérios:

<p>Orientação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • FemmeSlash [43] • Hétero [2.545] • Mista [17] • Slash [221] 	<p>Classificação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Livre [1.435] • 12 anos [585] • 14 anos [709] • 16 anos [76] • 18 anos [616] 	<p>Status:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Completa [2.190] • Hiatus [1.158] • Incompleta [73]
<p>Gêneros:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Amizade [52] • Angst [36] • Aventura [269] • Comédia [624] • Drama [923] • Família [21] • Geral [813] • Mistério [18] • Paródia [38] • Romance [2.241] • Suspense [105] 	<p>Spoilers:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pedra Filosofal [196] • Câmara Secreta [54] • Prisioneiro de Azkaban [105] • Cálice de Fogo [702] • Ordem da Fênix [1.091] • Enigma do Príncipe [757] • Relíquias da Morte [516] 	
<p>Formato:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Drabble [5] • Ficlet [52] • LongFic [1.830] • ShortFic [1.063] • SongFic [471] 	<p>Observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Em Hogwarts [831] • Fundadores [16] • Marotos [435] • Nova Geração [58] • Pós-Hogwarts [594] • Universo Alternativo [262] 	
<p>Idioma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Inglês [1] 		

Figura 26: Classificação das *fanfics*

Fonte: <http://www.alianca3vassouras.com/acervo.html>

É interessante ressaltar a divisão das *fanfics* em gêneros, tal como ocorre com as tipologias textuais impressas. É como se dentro do gênero maior, que seriam as próprias *fanfics*, pudessem se encontrar espécies de subgêneros que compõem cada fic. Ao seguir essa catalogação, sem dúvida, a mesma *fic* pode ser enquadrada em diferentes critérios, o que poderia também atrapalhar o leitor-virtual, caso a *fic* escolhida faça parte de outra caracterização que não agrade ao leitor.

Os criadores do site buscaram, por meio dessa ordenação, facilitar as escolhas do leitor-virtual, dando caminhos a serem seguidos. Contudo, apesar da tentativa de delimitar o percurso que ele poderá seguir, demonstra-se que isso não é tão fácil quanto parece. Isso se justifica pela ocorrência de que, no papel, o leitor pode interferir através de anotações e recortes em um texto que já está realizado. Porém, na tela, há uma gama infinita de possibilidades de interação do leitor com o texto.

Esse tipo de interação entre leitor e obra torna-se evidente no “diálogo” existente entre

duas *fans fics* que, além de se basearem na série *HP*, também utilizam como “inspiração” um poema retirado do filme *10 coisas que eu odeio em você*.³⁵

10 COISAS — OU MAIS — QUE EU ODEIO EM VOCÊ
por [Nwym-chan](#)

Paródia do poema do filme *10 Coisas Que Eu Odeio Em Você*. Poema escrito de Lily Evans para James Potter.

Ship: James Potter e Lily Potter | **Classificação:** G | **Gênero:** Paródia | **Spoilers:** 5 | **Capítulos:** 1 | **Status:** Completa | **Idioma:** Português | **Observação:** Marotos | **Publicada em:** 01/05/2006 | **Atualizada em:** 01/05/2006

Disclaimer: Alguns personagens, lugares e citações pertencem a J.K. Rowling, Scholastic Books, Bloomsbury Publishing, Editora Rocco ou Warner Bros. Entertainment. Essa estória não possui fins lucrativos.

N/A: Este fanfiction é apenas uma paródia do poema do filme "10 Things I Hate About You", porém **contem** simples insinuações - coisas que, quem não leu, nem notara, achoe eu - de **Harry Potter e a Ordem da Fênix**.

10 Coisas - ou mais - Que Eu Odeio Em Você

Odeio o modo como fala comigo

E como anda pela escola

Odeio o modo como voa na vassoura

E o seu cabelo desmazelado

Odeio seu pomo-de-ouro roubado

E como consegue chamar minha atenção com ele

Eu odeio tanto isso em você que até fico doente

E sou capaz de defender um sonserino

Odeio como está sempre divertido

Figura 27: *Fanfic com paródia*

Fonte: <http://www.alianca3vassouras.com/12/1223.html>

³⁵ Poema original do filme *As 10 coisas que eu odeio em você*:

"Odeio o modo como fala comigo / E como corta o cabelo / Odeio como dirige o meu carro / E odeio seu desmazelo / Odeio suas enormes botas de combate / E como consegue ler minha mente / Eu odeio tanto isso em você / Que até me sinto doente / Odeio como está sempre certo / E odeio quando você mente / Odeio quando me faz rir muito / Mais quando me faz chorar... / Odeio quando não está por perto / E o fato de não me ligar / Mas eu odeio principalmente / Não conseguir te odiar/Nem um pouco / Nem mesmo por um segundo / Nem mesmo só por te odiar".

10 COISAS — OU MAIS — QUE EU AMO EM VOCÊ

por [Nyym-chan](#)

Resposta de James a Lily da paródia *10 Coisas - Ou Mais - Que Eu Odeio Em Você*. Paródia do poema do filme *10 Coisas Que Eu Odeio Em Você*.

Ship: James Potter e Lily Evans Potter | **Orientação:** Hétero | **Classificação:** Livre | **Gênero:** Paródia | **Spoilers:** 4 | **Formato:** ShortFic | **Capítulos:** 1 | **Status:** Completa | **Idioma:** Português | **Observação:** Marotos | **Publicada em:** 23/04/2006 | **Atualizada em:** 23/04/2006

Disclaimer: Alguns personagens, lugares e citações pertencem a J.K. Rowling, Scholastic Books, Bloomsbury Publishing, Editora Rocco ou Warner Bros. Entertainment. Essa estória não possui fins lucrativos.

N/A: Este fanfiction é apenas uma paródia do poema do filme "10 Things I Hate About You", porém **contem** simples insinuações - coisas que, quem não leu, nem notara, achoe eu - de **Harry Potter e a Ordem da Fênix**.

10 Coisas - Ou Mais - Que Eu Amo Em Você

Amo como você anda pela escola

E como parece iluminar tudo

Amo o modo como se veste lá

E o seu cabelo ruivo

Amo seu caderno impecável

E como consegue ser melhor do que eu

Eu amo tanto isso em você que até fico doente

E não me canso de convidá-la dementemente

Figura 28: *Fanfic com paródia*

Fonte: <http://www.alianca3vassouras.com/11/1178.html>

O primeiro aspecto a ser analisado nas *fanfics* acima destacadas é o fato de elas apresentarem como personagens *Lily Evans* e *James Potter*, os pais de Harry Potter que, na narrativa, já estão mortos. A menção a eles na série é apenas no sentido de explicar algumas situações que estão se desenrolando na narrativa. Em nenhum momento nos livros, tais personagens fazem parte, diretamente, do enredo principal. Nesse aspecto, reside a criatividade do leitor que, somente a partir de algumas informações disponibilizadas pela autora sobre os pais do protagonista, cria outra narrativa na qual eles estão vivos e ainda se encontram na adolescência, estudando na escola de Hogwarts. Ou seja, o leitor procura preencher os vazios do texto original, com sua própria imagem ou perspectiva do que poderia ter sido a vida dos pais dele.

É interessante perceber, no poema exposto na figura 27, como esse leitor-autor conseguiu se valer das poucas informações disponibilizadas sobre os pais de Harry Potter, utilizando-as de maneira coerente com o que foi apresentado no enredo da série. No momento em que retoma a história dos pais de Harry Potter, nos livros, os leitores deparam-se,

inicialmente, com referências a um James Potter³⁶ destemido e leal a seus amigos, portanto digno da afeição de seu filho, mas, com o decorrer da narrativa, podem-se ver outros lados da sua personalidade.

Assim, ao criar um poema como se fosse a própria mãe de Harry, Lily Evans³⁷, esse leitor deixa claro o conhecimento de tais informações textuais, com destaque para o verso: “Eu sou capaz de defender até um sonserino”, situação que Harry Potter presenciou ao “penetrar” em uma lembrança do professor Snape durante as aulas de Oclumência³⁸, o que justifica o verso exposto. Enquanto estudavam na escola de Hogwarts, o pai de Harry e seus amigos Lupin, Sirius Black e Pedro Pettigrew gostavam de atormentar o então também aluno Snape, que pertencia à Casa da Sonserina³⁹ e, em uma dessas “brincadeiras”, Snape é defendido por Lily Evans:

– Lave sua boca – disse Tiago friamente – *Limpar!*

Bolhas de sabão cor-de-rosa escorreram da boca de Snape na hora, a espuma cobriu seus lábios, fazendo-o engasgar, sufocar...

– Deixem ele em PAZ.

[...]

Era uma das garotas à beira do lago. Tinha cabelos espessos e ruivos que lhe caíam pelos ombros e olhos amendoados sensacionalmente verdes – os olhos de Harry.

A mãe de Harry. (A Ordem, p.524).

É a partir dessa lembrança vista por Harry que ele começa a desfazer a imagem de pai heróico que inicialmente tinha em mente, pois, nos primeiros volumes, o narrador não esclarece a verdade sobre seu pai, sendo somente no quinto livro que o jovem bruxo se depara com a verdade: “seu pai foi tão arrogante quanto Snape sempre acusara de ser” (O Cálice, p.527).

Assim, o poema criado por esse leitor representa coerentemente as ações e os comportamentos da personagem Tiago Potter vista por Lily Evans durante as alusões ao passado dos pais de Harry e que são evocados durante os livros da série.

A intertextualidade encontrada na *fic* demonstra ainda que esse leitor-autor não se valeu apenas do texto-fonte, *HP*, mas também de outro tipo de narrativa, no caso, de um trecho retirado de um filme. Além de usar como referência um filme para a sua criação, cita,

³⁶ Na versão portuguesa da série, o nome do pai de Harry Potter é Tiago Potter.

³⁷ Na versão portuguesa da série, o nome da mãe de Harry Potter é Lílian Evans Potter.

³⁸ Trata-se do poder de bloquear a própria mente, ou seja, impedir que outros bruxos tenham acesso às suas memórias.

³⁹ Uma das quatro Casas de Hogwarts (Grifinória, Corvinal e Lufa-Lufa) fundada por Salazar Slytherin, reservada aos bruxos hábeis e maliciosos, descendentes de família “puro-sangue” (sem cruzamento com trouxas).

ainda, a paródia transcrita a seguir, que, desta vez, vale-se da música *Calhambeque* do cantor Roberto Carlos, como alusão ao fato de a vassoura da personagem Tiago (pai de Harry Potter) ter quebrado, de modo que ele pegou emprestado a moto de seu amigo Sirius:

Mandei minha vassoura pro concerto outro dia
Pois á muito tempo um trato ela pedia
Agora eu vou chorar
Sem minha vassoura pra voar
Minha vassoura-Ferrou!
Quero concertar minha vassoura
Com muita paciência o Sirius me emprestou
Sua moto voadora que tanto lhe custou
Enquanto minha vassoura concertava eu usava
Aquela moto-bip,bip-Queria buzinar aquela moto
Saí de Hogmead um pouquinho desolado
Confesso que estava até um pouco envergonhado
(MAC POTTER, <http://www.alianca3vassouras.com/15/1519.html>)

O leitor-autor da paródia apresentada vale-se da informação ficcional referente ao fato de que o meio de transporte preferido do mundo bruxo é a vassoura para introduzi-la em uma situação do mundo real, onde as vassouras seriam como carros e, portanto, também precisam de conserto. No entanto, Mac Potter expõe que Tiago pegou a moto voadora de Sirius, veículo este que é apenas mencionado uma vez no primeiro livro da série, quando Hagrid traz Harry Potter, ainda bebê, para a casa de seus tios: “pedi emprestada, Prof. Dumbledore – respondeu o gigante, desmontando cuidadosamente da moto ao falar – O jovem Sirius me emprestou. Trouxe ele professor” (A Pedra, p.18). É evidente que esse leitor buscou construir uma situação que não existe no enredo original para demonstrar a amizade entre Sirius e Tiago Potter, pois se, no “passado”, Sirius emprestou a moto para o pai de Harry, no enredo original, a mesma moto serviu para o resgate de Harry.

Observa-se que, a partir dessa constante abertura de horizontes proporcionada pela leitura, conclui-se que os leitores são incapazes de captar o texto em um só momento ou por uma única perspectiva, o que lhes proporciona liberdade criativa. Nesse sentido, o leitor-autor de *fic*s pode ter a liberdade de “cruzar” diferentes narrativas literárias, como, por exemplo, *O Senhor dos Anéis* e *HP*:

O que acontece quando o menino que sobreviveu perde o grande e poderoso Um Anel em Hogwarts? O povo da Terra Média vem buscá-lo, é claro!

Ship: - | **Classificação:** G | **Gênero:** Comédia/Paródia | **Spoilers:** 4 | **Capítulos:** 1 | **Status:** Completa | **Idioma:** Português | **Observação:** Em Hogwarts | **Publicada em:** 18/03/2007 | **Atualizada em:** 18/03/2007

Disclaimer: Alguns personagens, lugares e citações pertencem a J.K. Rowling, Scholastic Books, Bloomsbury Publishing, Editora Rocco ou Warner Bros. Entertainment. Essa estória não possui fins lucrativos.

Figura 29: *Fanfic* sobre *HP* com enredo de *Senhor dos Anéis*

Fonte: <http://www.alianca3vassouras.com/11/1180.html>

Ao entrelaçar as duas narrativas, o leitor-autor de *HP* faz-se valer do seu repertório de leitura para criar um outro texto literário. Sem dúvida, o autor da *fanfic* apresentada pela figura 29 percebeu que a obra de J.K. Rowling possui semelhanças com a trilogia de *O Senhor dos Anéis*, de autoria do também britânico J.R.R. Tolkien.

A obra de Tolkien trata da batalha contra o mal que se apodera da Terra-Média, por meio da união de várias raças: humanos, anões, elfos e hobbits, que lutam para evitar que o *Anel do Poder* ou o *Um Anel* retorne às mãos de seu criador, Sauron, Senhor do Escuro. Durante os três volumes da saga, acompanham-se os perigos que um grupo de guerreiros (com exceção dos hobbits que são um povo pacífico, especialmente do protagonista Frodo que toma para si a responsabilidade de destruir o Anel) enfrenta nessa jornada.

A criatividade do leitor-autor dessa *fanfic* evidencia-se no fato de que, na narrativa original, o *Um Anel* é destruído pelo hobbit Frodo; contudo, no novo enredo proposto, esse objeto de poder vai parar nas mãos de Harry, em Hogwarts. Significa dizer que, a partir do seu repertório de leituras, esse leitor-autor constrói um novo sentido para a obra original.

A partir da reconstrução do enredo de *HP nas fics* expostas, pode-se afirmar que a experiência de leitura de cada leitor ocorreria de duas formas: a primeira diz respeito à reformulação de expectativas e a segunda é a reinterpretação do que é lido com base em outras leituras. Isso significa que cada leitura daria origem a uma nova obra como se fosse um processo contínuo de construção, ou seja, ao ler, o leitor utiliza-se de suas experiências de leituras passadas para produzir uma reorganização de significação da narrativa literária.

Para prosseguir nas suas leituras, o leitor-virtual pode retornar à primeira página do site e continuar a “navegar”, enquanto decide a leitura que irá fazer. No ícone *coluna*, os membros do *Aliança Três Vassouras* têm a possibilidade de apresentar seu ponto de vista sobre as *fanfics*:

O motivo para um autor escrever uma fic não é ficar famoso no fandom ou receber muitos e-mails ou qualquer coisa assim.

Você escreve uma fic porque teve uma idéia que (aposto eu) era extremamente original no principio, a idéia original das fics era escrever, criar, acontecimentos, romances, cenas, amizades e vidas que não fazem parte da história original, ou apenas seguir os livros da sua maneira.

As pessoas escrevem fics por prazer, com coisas que gostariam de ver acontecer [...] (M.L.)

Por meio da afirmação da leitora-virtual M.L., é possível pensar o processo de leitura como uma teia imprevisível de significação construída pelo leitor durante sua leitura, ou seja, “o texto é um potencial de efeito que se atualiza no processo de leitura” (ISER, 1996, p.15). Nesse sentido, o leitor se vale das indeterminações dos textos para poder interferir na obra sem que esta perca sua linha de sentido.

A criação de uma *fanfic* depende, assim, do entendimento do leitor-virtual, que, com um esforço de abstração e por meio do seu processo criativo, leva em consideração as suas atividades de percepção, identificação e memorização de signos (JOUVE, 2002) que são ativados no momento da leitura da obra. De acordo com Jauss (1994, p.66-7), para o processo criativo do leitor, considera-se ainda que

Uma obra não se apresenta nunca, nem mesmo no momento em que aparece, como uma absoluta novidade, num vácuo de informação, predispondo antes o seu público para uma forma bem determinada de recepção, através de informações, sinais mais ou menos manifestos, indícios familiares ou referências implícitas. Ela evoca obras já lidas, coloca o leitor numa determinada situação emocional, cria, logo desde o início, expectativas a respeito do ‘meio e do fim’ da obra que, com o decorrer da leitura, podem ser conservadas ou alteradas, reorientadas ou ainda ironicamente desrespeitadas, segundo determinadas regras de jogo relativamente ao gênero ou ao tipo de texto.

Considerando a premissa de que o texto é a perspectiva do autor sobre o mundo, as *fanfics* se tornam a perspectiva do leitor sobre a obra. Desse modo, esse leitor passa a atuar como co-autor, inserindo mudanças de perspectivas relacionadas ao narrador, às personagens e ao enredo, conforme pode ser observado na figura a seguir:

- Albus Severus Potter e Personagem Original [3]
- Albus Severus Potter e Rose Weasley [2]
- Albus Severus Potter e Scorpius Hyperion Malfoy [1]
- Andromeda Black Tonks e Bellatrix Black Lestrage [4]
- Andromeda Black Tonks e Cassiopeia Black [1]
- Andromeda Black Tonks e Narcissa Black Malfoy [1]
- Arthur Weasley e Molly Prewett Weasley [7]
- Arthur Weasley e Percy Ignatius Weasley [1]
- Astoria Greengrass Malfoy e Daphne Greengrass [1]
- Bellatrix Black Lestrage e Marlene McKinnon [2]
- Bellatrix Black Lestrage e Narcissa Black Malfoy [7]
- Bill Arthur Weasley e Fleur Isabelle Delacour Weasley [1]
- Bill Arthur Weasley e Hermione Jane Granger Weasley [2]
- Bill Arthur Weasley e Personagem Original [3]
- Blaise Zabini e Hermione Jane Granger Weasley [3]
- Blaise Zabini e Luna Lovegood Scamander [3]
- Blaise Zabini e Pansy Parkinson [2]
- Bloody Baroon e Helena Ravenclaw [1]
- Cedric Diggory e Cho Chang [1]
- Cedric Diggory e Harry James Potter [1]
- Cedric Diggory e Hermione Jane Granger Weasley [3]
- Cedric Diggory e Neville Longbottom [1]
- Charlie Weasley e Fleur Isabelle Delacour Weasley [1]
- Charlie Weasley e Personagem Original [3]
- Cho Chang e Ginevra Molly Weasley Potter [1]
- Daphne Greengrass e Padma Patil [1]
- Daphne Greengrass e Pansy Parkinson [1]
- Draco Malfoy e Cho Chang [1]
- Lucius Malfoy e Ginevra Molly Weasley Potter [1]
- Lucius Malfoy e Narcissa Black Malfoy [10]
- Lucius Malfoy e Personagem Original [2]
- Neville Longbottom e Luna Lovegood Scamander [5]
- Oliver Wood e Alicia Spinet [2]
- Oliver Wood e Ginevra Molly Weasley Potter [1]
- Oliver Wood e Percy Ignatius Weasley [1]
- Oliver Wood e Personagem Original [1]
- Padma Patil e Parvati Patil [1]
- Percy Ignatius Weasley e Hermione Jane Granger Weasley [1]
- Percy Ignatius Weasley e Penelope Clearwater [14]
- Personagem Original e Ginevra Molly Weasley Potter [16]
- Personagem Original e Hermione Jane Granger Weasley [3]
- Personagem Original e Lily Evans Potter [1]
- Personagem Original e Lily Luna Potter [1]
- Personagem Original e Nymphadora Tonks Lupin [2]
- Phineas Nigellus Black e Isla Black Hitchens [1]
- Pollux Black e Cassiopeia Black [2]
- Rabastan Lestrage e Rodolphus Lestrage [9]
- Regulus Arcturus Black e Bellatrix Black Lestrage [1]
- Regulus Arcturus Black e Personagem Original [1]
- Regulus Arcturus Black e Severus Snape [1]
- Regulus Arcturus Black e Sirius Black [6]
- Regulus Arcturus Black e Tom Marvolo Riddle [1]
- Remus John Lupin e Bellatrix Black Lestrage [6]
- Remus John Lupin e Gabrielle Delacour [1]
- Remus John Lupin e Hermione Jane Granger Weasley [2]
- Remus John Lupin e Lily Evans Potter [7]
- Remus John Lupin e Luna Lovegood Scamander [1]

Figura 30: *Fanfics* escritas a partir de personagens da série *HP*

Fonte: <http://www.alianca3vassouras.com/acervo.html>

A partir da observação da figura 30, nota-se a criação de diferentes *fanfics* relacionadas a diferentes personagens da saga, alguns dos quais possuem pouco destaque na obra de J.K. Rowling. O leitor, assim, estaria se guiando na sua escrita virtual, considerando as diferentes orientações fornecidas pelo texto, ou seja,

Se o leitor se concentra, por exemplo, em uma determinada conduta do herói; que para ele se torna tema, o horizonte, que provoca sua reação, sempre é condicionado por um segmento da perspectiva do narrador ou dos personagens secundários, da ação do herói e da ficção do leitor (ISER, 1996, p.181).

Dessa forma, a criação de uma *fanfic* se torna a expressão clara do horizonte de expectativas do leitor, que expõe, no novo texto, o conjunto de suas crenças. Nessa criação, ocorre a atuação na memória literária de todas as leituras e aquisições culturais que foram realizadas desde sempre. Tal pressuposto pode ser observado na figura a seguir:

Fic	O autor	Fórum	Ranking
<p>A ESCOLA BRASILEIRA DE MAGIA por Gabriel Borges</p> <p>Júlio Ferreira é um garoto porto-alegrense normal, até descobrir que é bruxo. Pega a Chave de Portal para a Escola Pública de Magia Paulo Coelho e lá descobre vários segredos surpreendentes sobre o diretor: ele gosta de funk e música sertaneja ao mesmo tempo; e vários outros, um deles envolvendo Horcruxes. Desvio de verbas, falta de professores, greves e outros problemas que, mesmo no mundo bruxo, são típicos no Brasil tornarão o ano muito mais complicado do que parece.</p> <p>Ship: - Orientação: - Classificação: Livre Gênero: Aventura/Comédia Spoilers: 7 Formato: LongFic Capítulos: 4 Status: Hiatus Idioma: Português Observação: Universo Alternativo Publicada em: 02/12/2007 Atualizada em: 23/03/2008</p> <p>Disclaimer: Alguns personagens, lugares e citações pertencem a J.K. Rowling, Scholastic Books, Bloomsbury Publishing, Editora Rocco ou Warner Bros. Entertainment. Essa estória não possui fins lucrativos.</p> <p style="text-align: center;">Deixe seu comentário para o(a) autor(a)!</p> <p style="text-align: center;">CAPÍTULO 1 A Escola Pública de Magia</p> <p style="text-align: center;">CAPÍTULO 2 Segredos da Imortalidade</p> <p style="text-align: center;">CAPÍTULO 3 As Aulas Começam</p>			

Figura 31: Página inicial da *fanfic* A Escola Brasileira de Magia
Fonte: <http://www.alianca3vassouras.com/25/2545.html>

O autor da *fanfic* exposta na figura anterior criou uma nova narrativa totalmente diferente do texto original. Compreende-se, assim, que “fora do seu contexto de origem, o livro se abre pra uma pluralidade de interpretações: cada leitor traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época” (JOUVE, 2002, p.24).

Nesse sentido, o autor da *fanfic* *A escola brasileira de magia* demonstra que tal texto nada mais é que sua perspectiva de leitor, agora atuando como autor, sobre o mundo. Se, na série, Harry Potter estuda na escola de bruxaria e magia de Hogwarts, que ficaria situada em algum lugar da Grã-Bretanha, na *fanfic* brasileira, o leitor-autor-virtual utilizou, como pano de fundo da história de bruxaria, outro contexto, mais próximo e condizente com a sua realidade.

A esse respeito, Iser (1996) expõe que o texto ficcional representa uma reação aos sistemas de sentido que ele escolhe e apresenta em seu repertório, ou seja, ele age por meio de uma relação de interação pela qual se pode captar sua função elementar no contexto da realidade. Assim, a literatura, evidentemente, preenche funções diversas no contexto histórico, até mesmo estabiliza sistemas e certas normas de um código sociocultural. Por conseguinte, a interação entre texto e leitor dar-se-ia no momento em que o leitor atualiza o texto.

O que se pode perceber, nas análises do site de hiperficção literária *Aliança Três Vassouras*, é que as *fanfics* são resultados da interação do leitor com o texto que lê, pois as possibilidades presentes, consideradas virtuais, são realizadas pelo leitor. Ao se tornar co-

autor da história de que tanto gosta, esse leitor se sente não mais como um agente passivo, mas como um sujeito atuante de sua própria leitura.

Assim, de acordo com a análise realizada nas comunidades virtuais, nos questionários respondidos por leitores e nas *fanfics* sobre *HP*, constatou-se que a produção e circulação de significados no meio virtual demonstra ser enriquecedor e criativo, pois com a interação entre leitores é possível averiguar como se dão as trocas de significações de leituras e ainda, o leitor ao expor o ponto de vista dele sobre uma determinada obra abre espaço para diversos debates e construções criativas diferenciadas, mas sempre tendo como ponto de partida a obra literária lida.

5 O EMBARQUE NA PLATAFORMA 9 ¾

Este trabalho buscou determinar como se dá a recepção da série *HP* na cibercultura a partir de uma análise centrada em três aspectos: a observação das relações entre leitores participantes das comunidades virtuais do *Orkut*, *Harry Potter Brasil* e *Eu adoro ler Harry Potter*; o exame de questionários enviados via *e-mail* para leitores cadastrados nessas comunidades; e a averiguação da liberdade criativa de leitores da série no site de hiperficção literária *Aliança 3 Vassouras*.

O fato de os livros de J.K. Rowling serem um fenômeno literário mundial foi, ao mesmo tempo, um fator facilitador e complicador para a seleção e delimitação das comunidades virtuais e dos sites de *fanfics*, dado o grande número de portais que tratam da série sob os mais diferentes enfoques. Além disso, pode-se constatar que o sucesso dos livros atinge um número diferenciado de indivíduos, independentemente de idade, sexo, escolaridade e fatores socioeconômicos.

Sem dúvida alguma, constatou-se, no desenvolvimento desta pesquisa, que a Internet tornou-se um meio importantíssimo de circulação de idéias relacionadas ao aspecto literário, principalmente ao verificar-se a possibilidade de interação entre diferentes leitores que debatem ou expõem as suas significações de leitura sobre uma determinada obra.

Dessa forma, as comunidades virtuais se tornaram grandes centros de relacionamento entre indivíduos que possuem as mesmas preferências. Essa busca de identificação tornou-se, nos dias de hoje, primordial para que o indivíduo possa se posicionar dentro do mundo no qual vive, ou seja, um mundo globalizado e sem fronteiras definidas.

Entretanto, as comunidades virtuais não podem ser consideradas apenas como um meio de manter contato entre indivíduos que possuem as mesmas afinidades, pois, conforme foi verificado durante a pesquisa, os *e-fóruns* tornaram-se um importante espaço de debates, em especial no que diz respeito à literatura, já que, nesse lugar, é possível discutir sobre as personagens, o enredo, o espaço, a autora e, sem dúvida, construir significações de leitura.

As significações construídas pelos leitores do jovem bruxo são representativas a partir do momento em que eles decidem fazer parte de determinadas comunidades. Simplesmente,

podem-se escolher comunidades que dizem respeito ao livro em geral, sendo ainda possível tornar-se membro de uma comunidade que traga no título e na sua descrição uma referência direta a alguns aspectos do enredo da obra para que, assim, esse leitor também possa se sentir como Harry Potter em suas aventuras pelo mundo mágico.

Com efeito, para se sentirem mais próximos da obra que lêem e debatem, muitos leitores-virtuais criaram perfis com nome de personagens da série, sejam eles mocinhos ou vilões. É interessante verificar que a identificação do leitor com a obra, ou com seus personagens, torna-se mais perceptível em ambiente virtual, como no caso das comunidades virtuais, dada a heterogeneidade de indivíduos que fazem parte desse contexto. A forma como se dão as escolhas desses leitores-virtuais de *HP* demonstra que os mesmos têm conhecimentos sobre a obra, pois aqueles que apenas assistiram aos filmes da série, por exemplo, não conseguem participar de algumas propostas dos fóruns ou responder aos quizzes sobre os livros.

É interessante ainda ressaltar que esses leitores-virtuais partem das próprias experiências de leitura da série para determinar o que é bom ou não no enredo, principalmente no que diz respeito ao final da saga. Nesse sentido, conforme foi exposto no capítulo 4, nem todos os leitores-virtuais concordaram com o desfecho original, o que possibilitou perceber que o leitor não fica mais obrigado a aceitar as “imposições” do autor e que ele pode criar outras significações além daquela escrita pelo autor.

Ao se debater a obra literária nos fóruns, percebeu-se que esses leitores-virtuais são também, eles próprios, fãs e críticos das próprias leituras. Não importa, nesse espaço, a credibilidade ou o reconhecimento acadêmico de quem expõe sua crítica; o que importa é a opinião de todos para a circulação do texto literário. Todavia, não se busca desmerecer o papel do crítico literário profissionalmente reconhecido, e sim inserir, no contexto acadêmico, o fato de que a opinião do simples leitor é ainda mais determinante para o sucesso literário de algumas obras do que apenas a da crítica especializada.

Além das comunidades virtuais, a hiperficção literária pode ser considerada importante para a criação de significados do leitor-virtual, pois ele se apropria da obra literária e constrói outras significações, determina outros contextos, conforme a sua leitura do livro e do mundo. Deixa, assim, de ser leitor e torna-se uma espécie de co-autor-virtual, que recria o texto literário sem se preocupar com ganhos materiais, mas apenas com o retorno de outros leitores virtuais, contribuindo para a construção de significados coletivos dentro daquela comunidade específica.

Sem dúvida, no site de *fanfic Aliança 3 Vassouras* constatou-se como a série *HP* serve de estímulo para a criação de novas narrativas, que nascem a partir do enredo original. Na concepção dessas histórias paralelas, foi possível perceber o repertório de leitura desses leitores, ou seja, a criatividade era estimulada pelo que já havia sido lido em consonância com *HP*.

Nesse espaço virtual, não existe apenas a verdade do autor da obra, mas visualizam-se também as diversas significações e perspectivas dos leitores da série. Isso ocorre porque a criação é livre. Desse modo, despertou a atenção a escrita de novas histórias baseadas em personagens que não recebem destaque na obra original ou que são apenas mencionadas durante a saga. Como exemplo, pode-se citar as inúmeras narrativas criadas tendo como personagens principais os pais de Harry Potter: Tiago Potter e Lílian Evans. No texto original, essas personagens já estão mortas e são apenas trazidas à tona por meio das referências feitas por outras personagens que os conheceram. Por intermédio das *fanfics*, os leitores criaram a possibilidade de dar vida a essas personagens, fazendo um resgate do seu passado, ou seja, da época em que eram apenas estudantes de Hogwarts. Contudo, os novos textos apresentam claras conexões com a obra original, principalmente no que diz respeito à caracterização da personalidade dessas personagens.

O efeito potencial das *fanfics* como liberdade criativa dos leitores não foi apenas percebido na criação de narrativas com conexão direta com o enredo da série, mas também na formulação de paródias construídas a partir de canções ou poemas para reescrever a série, como também pelo “cruzamento” com outras narrativas literárias para a criação de uma nova história. Isso deixou em evidência o fato de que, nas *fans fics*, o autor é o próprio leitor.

Por fim, ao se analisar esses três aspectos, comunidades virtuais, questionários respondidos por leitores-virtuais e hiperficção literária na cibercultura, confirmou-se a premissa de que o fenômeno *Harry Potter* foi além das páginas do livro e transformou-se em comunidades virtuais que buscam recriar lugares e personagens com os quais os leitores-virtuais possam se identificar e, por conta dessa identificação, tornar-se membros de tais comunidades. Nos *e-fóruns*, há interessantes discussões sobre o final da série e, ainda, jogos que permitem ao leitor-virtual interagir com a obra que leu e “testar” seus conhecimentos sobre a série. Já nas hiperficcões literárias, foi possível perceber como os leitores de *Harry Potter* concretizam as suas significações construídas através da leitura. Os co-autores virtuais expressam, por meio das *fanfics*, seu horizonte de expectativas, já que, de maneira contínua, devem refletir sobre a sua leitura.

Desse modo, constatou-se que, na Internet, o leitor-virtual tem a possibilidade de criar e se apropriar do conhecimento que lhe interessar e, ainda, pode redistribuir esse conhecimento através de qualquer forma ou canal, não importando as formas pelas quais se dará essa interação de conhecimentos com outros leitores-virtuais, desde que ele possa se sentir atuante de sua própria leitura.

A série *Harry Potter* pode ter chegado ao fim. Contudo, por meio do compartilhamento de experiências de leitura dos leitores-virtuais dos livros na cibercultura, ela nunca acabará e cada “entrada” no mundo virtual significará um novo embarque na Plataforma 9 ³/₄.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V.T. de. O bruxo e os leitores. In: JACOBY, S.; RETTENMAIER, M. (orgs). **Além da Plataforma nove e meia**. Passo Fundo: UPF, 2005. p.11-22.

ARRUDA, M.M. **Em Cartaz, Chico Buarque**: A Adaptação Fílmica do Romance Benjamin por Monique Gardenberg. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 52, p. 1-15, julho, 2007.
Disponível em URL: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/18/11>
Acessado em: 20/02/2008 às 23h

BABO, M.A. **As transformações provocadas pelas tecnologias digitais na instituição literária**. 2000.
Disponível em URL: <http://bocc.ubi.pt/pag/babo-maria-augusta-tecnologias-literatura.html>
Acessado em 10/04/2009 às 15h

BOGO, K.L. **A História da Internet – Como tudo começou...**
Disponível em URL: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=11&rv=Vivencia>
Acessado em 20/01/2009 às 20h

BOSI, A. **Reflexões sobre a Arte**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

BREDELLA, L. **Introdução à Didática da Literatura**. Trad. Maria Assunção Pinto Correia, Hannelore Araújo, Irmtraud May e Aires Graça. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

BRESSAN, F. **O método do estudo de caso**. *Administração On Line* – Vol. 1 – Nº 1–jan-fev-mar 2000).
Disponível em URL: http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm.
Acessado em 10/05/2007 às 20h

BURGOS, T. de L. **O Hipertexto eletrônico como instrumento de leitura**: interfaces entre a lingüística e as novas tecnologias. 2005.
Disponível em URL:
www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Taciana%20de%20Lima%20Burgos
Acessado em 10/01/2007 às 10h

CANDIDO, A. Estímulos da Criação Literária. In: **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1973, pp. 41-70.

CANI, I. **Harry Potter, ou O anti-Peter Pan**: para acabar com a magia da infância. Trad. Lana Lim. São Paulo: Madras, 2008.

CASTELLS, M. **A galáxia da Internet** – reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CECCANTINI, J.L.C.T. Leitores de Harry Potter: do negócio à negociação da leitura. In: JACOBY, S.; RETTENMAIER, M. (orgs). **Além da Plataforma nove e meia**. Passo Fundo: UPF, 2005. p.23-52.

CERRILO, P.C. **La formación del lector literario**. 2004

Disponível em URL:

http://www.alonsoquijano.org/cursos2004/cursos%202005/promocion_lectura/ponencia/Los%20nuevos%20lectores.%20Pedro%20Cerrillo.pdf

Acessado em: 04/01/2009

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carnello Correa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999.

COLOMER, T. **A formação do Leitor Literário**. Narrativa Infantil e Juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COMPAGNON, A. O que é Literatura. In: *O Demônio da Teoria*. Literatura e Senso Comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo, Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001a, pp. 29-46.

_____. O Leitor. In: *O Demônio da Teoria*. Literatura e Senso Comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo, Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001b, pp. 139-164.

CORREA, C.H.W. **A interação social de pesquisadores brasileiros no ciberespaço e a formação de uma comunidade virtual**. *Revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación y de la Información. Facultad de Humanidades - Universidad de Playa Ancha*, año 1, nº2, 2005.

Disponível em URL: http://web.upla.cl/revistafaro/n2/02_watanabe.htm

Acessado em 21/04/2009 às 12h

DANTAS, Edna. Bruxo ou Demônio? *Revista Época*, 24 de dezembro de 2001, pp. 68-9.

Disponível em URL: www.epoca.com.br

Acessado em: 22/08/2008 às 16h.

DINIZ, T.F.N. **Literatura e cinema: tradução, hipertextualidade, reciclagem**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

DOMENEGHETTI, D. **As Comunidades Virtuais: Orkut, Linked-in, Blogs, Foruns, Messenger**.

Disponível em URL: <http://www.camara-e.net/interna.asp?tipo=1&valor=3869>

Acessado em 11/01/2009 às 22h

EAGLETON, T. O que é literatura. In: **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983. pp. 1 – 18.

ECO, H. O dilúvio da informação. *Veja Vida Digital*. n.04. p.11-15, dez, 2000.

FRASER, L. **Conversando com J.K. Rowling**. A Autora de Harry Potter. 2000
Disponível em URL: <http://www.portaldetonando.com.br>
Acessado em: 19/06/2008 às 22h

ERCÍLIA, M., GRAEFF, A. **A Internet**. Publifolha, 2008.

IBAÑOS, A.M.T.; OLIVEIRA, M.L.B. A magia dos nomes próprios ou sobre a plataforma nove e três quartos. In: JACOBY, S.; RETTENMAIER, M. (orgs). **Além da Plataforma nove e meia**. Passo Fundo: UPF, 2005. p.91-102.

ISER, W. **O Ato da Leitura**. Uma Teoria do Efeito Estético. 34^a. Vol. 1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34,1996a.

_____. **O Ato da Leitura**. Uma Teoria do Efeito Estético. 34^a. Vol. 2. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34,1999.

JACOBY, S.; RETTENMAIER, M. (orgs). **Além da Plataforma nove e meia**. Passo Fundo: UPF, 2005.

JAUSS, H.R. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOUBE. V. **A leitura**. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

KÜGLER, H. Literatura under Kommunikation. Ernst Kett. Trad. Livre de Carlos E. Fantinati, 1971. In: MARTHA, A.A.P. e outros. **O ensino de literatura**. Relatório de pesquisa, 1987.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARINHO, M. (org). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MIRANDA, F.M. **Fanfic e fanfiqueros**: leitores fãs de livros/escritores.2005.
Disponível em URL:
<http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Fabiana%20M%F3es%20Miranda.htm>
www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Fabiana%20M%F3es%20Miranda
Acessado em: 14/07/2008

NEL, Philip. **J.K. Rowling's Harry Potter Novels**. A Reader's Guide. New York: The Continuum International Publishing Group, 2001.

OLIVEIRA, S. **Estratégias de Leitura em Ambiente Hipertextual**. 2005.
Disponível em URL: www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Sara%20Oliveira.htm
Acessado em: 14/07/2008

PARISI, V. L. D. **A Formação do leitor na era da informação**: como incentivar a leitura na era da internet. Dissertação de Mestrado. Presidente Prudente: UNESP: [s.n.], 2005. TRAB.2749 CD-ROM

PELISOLI, A.C.M. **O leitor multimídia de Harry Potter**: do livro ao ciberespaço.

Disponível em URL:

www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Ana_Claudia_Murai_Pelisoli.pdf

Acessado em: 20/05/2009

PEREIRA, J.L. **Último “Harry Potter” terá tiragem recorde.** *Jornal de Notícias*, 2007.

Disponível em URL:

http://jn.sapo.pt/2007/03/18/cultura/ultimo_harry_potter_tera_tiragem_rec.html

Acessado em 09/09/2007 às 22h

PIRES, J. de A. **Recepção na literatura eletrônica: leitura e interatividade.**

Disponível em URL: <http://www.users.rdc.puc-rio.br/imago/site/ustráli/textos/julie.pdf>

Acessado em 22/04/2009 às 17h

PROENÇA FILHO, D. **Pós-Modernismo e literatura.** São Paulo: Ática, 1988.

RAMAL, A.C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

READING, J. **Critical Literacy in a Global Context: Reading Harry Potter.** (Tese de Doutorado). Perth/Austrália: Edith Cowan University, 2006.

Disponível em URL: http://portal.ecu.edu.au/adt-public/adt-ECU2007.0018/02thesis_Reading,Jill.pdf

Acessado em: 20/03/07 às 23h

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal.** Tradução: Lia Wyler. São Paulo: Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e a Câmara Secreta.** Tradução: Lia Wyler. São Paulo: Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban.** Tradução: Lia Wyler. São Paulo: Rocco, 2000.

_____. **Harry Potter e o Cálice de Fogo.** Tradução: Lia Wyler. São Paulo: Rocco, 2001

_____. **Harry Potter e a Ordem da Fênix.** Tradução: Lia Wyler. São Paulo: Rocco, 2004.

_____. **Harry Potter e o Enigma do Príncipe.** Tradução: Lia Wyler. São Paulo: Rocco, 2005.

SANTAELLA, L. **A leitura fora do livro.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

Disponível em URL: www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm.

Acessado em 07/11/2008 às 12h

SANTOS, A.; LUTI, F. **Sobrando Letrinhas ou Rabiscando: Há Razão para se falar de Crítica Literária, agora, na Sociedade Contemporânea?** 2004.
Disponível em URL: <http://www.revista.agulha.nom.br/critica>
Acessado em: 20/11/05 às 22h

SANTOS, C.R.R. dos. **O Livro na Era da Tecnoocracia**, 2005.
Disponível em URL:
www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/CARLOS_ROBERTO_RODIGUES_DOS_SANTOS.htm

SANTOS, C.C.S. dos; SOUZA, R.J. A leitura da literatura na escola infantil. In: SOUZA, R.J. (orgs). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

SILVA, M.P. Questionamentos acerca dos conceitos fundamentais de globalização, identidade e pós-modernidade a partir da obra de Stuart Hall. *Revista Fênix de história e estudos culturais*. Janeiro/ fevereiro/ março de 2007 vol. 4 ano iv nº 1.
Disponível em URL:
<http://www.revistafenix.pro.br/pdf10/resenha2.mauricio.pedro.da.silva.pdf>
Acessado em: 18/03/2009 às 21h

SILVA, L.C.L. **O papel do hipertexto na literatura digital brasileira**. 2005a.
Disponível em URL:
<http://www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Luciana%20Cristina%20Louren%E7o%20da%20Silva.htm>
Acessado em: 18/12/2009 às 11h

SILVA, I.M.M. **Literatura, Escola e Novas Tecnologias: Qual o futuro da leitura na cibercultura?** 2005b
Disponível em URL:
www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Ivanda%20Maria%20Martins%20
Acessado em: 18/12/2009 às 14h

SILVA, O.S.F. **Hipertexto: Espaço Interativo de leitura e escrita**. 2005c.
Disponível em URL:
www.ufpe.br/hipertexto2005/TRABALHOS/Obd%E1lia%20Santana%20Ferraz
Acessado em: 18/12/2009 às 8h

SMITH, Sean. **J. K. Rowling**. Uma biografia do gênio por trás de Harry Potter. Trad. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

STOLTZ, A. **Harry Potter: muitos mais problemas do que apenas bruxaria**.
Disponível em URL: www.nsrasalette.org.br/harrypotter.asp
Acessado em: 15/03/05 às 18h

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZAPPONE, M.H.; WIELEWICKI, V.H.G. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, T.; ZOLIN, L.O. (orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003. p. 19-32.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Informações Pessoais

1) Identificação:

NOME:

SEXO: M () F ()

IDADE:

CIDADE/ESTADO:

E-MAIL:

1) Qual o seu estado civil?

(A) Solteiro(a).

(B) Casado(a).

(C) Separado(a)/desquitado(a)/divorciado(a).

(D) Viúvo(a).

(E) Outro.

2) Qual seu grau de escolaridade?

() Ensino Fundamental I: de 1º ao 5º ano

() Ensino Fundamental II: do 6º ao 9º ano

() Ensino Médio

() Ensino Superior Curso:

Instituição:

() Pós-Graduação Área:

Instituição:

3) Como você se considera?

() Branco(a).

() Negro(a).

() Pardo(a) / mulato(a).

() Amarelo(a) (de origem oriental).

() Indígena ou de origem indígena.

4) Com quem você mora atualmente?

() Com os pais e/ou outros parentes.

() Com esposo(a) e/ou filho(s).

() Com amigos (compartilhando despesas ou de favor).

() Com colegas em alojamento universitário.

() Sozinho(a).

5) Qual a faixa de renda mensal das pessoas que moram em sua casa?

() Até 3 salários-mínimos.

() De 3 a 10 salários-mínimos.

() De 10 a 20 salários-mínimos.

() De 20 a 30 salários-mínimos.

() Mais de 30 salários-mínimos.

6) Quantos membros de sua família moram com você?

() Nenhum.

() Um ou dois.

() Três ou quatro.

- Cinco ou seis.
- Mais do que seis.

7) Assinale a situação abaixo que melhor descreve seu caso.

- Não trabalho e meus gastos são financiados pela família.
- Trabalho e recebo ajuda da família.
- Trabalho e me sustento.
- Trabalho e contribuo com o sustento da família.
- Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família.

8) Se você trabalha ou trabalhou, qual é ou foi a carga horária aproximada de sua atividade remunerada (não contar estágio)?

- Não exerço (não exerci) atividade remunerada.
- Trabalho (trabalhei) eventualmente.
- Trabalho (trabalhei) até 20 horas semanais.
- Trabalho (trabalhei) mais de 20 horas semanais e menos de 40 horas semanais.
- Trabalho (trabalhei) em tempo integral – 40 horas semanais ou mais.

9) Qual o grau de escolaridade do seu pai?

- Nenhuma escolaridade.
- Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.
- Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.
- Ensino Médio.
- Superior.

10) Qual o grau de escolaridade de sua mãe?

- Nenhuma escolaridade.
- Ensino Fundamental: de 1ª a 4ª série.
- Ensino Fundamental: de 5ª a 8ª série.
- Ensino Médio.
- Superior.

11) Em que tipo de escola você estuda ou estudou?

- Todo em escola pública.
- Todo em escola privada (particular).
- A maior parte do tempo em escola pública.
- A maior parte do tempo em escola privada (particular).
- Metade em escola pública e metade em escola privada (particular).

12) Possui computador em sua casa?

- Não possuo computador
- Possuo apenas um sem acesso à internet
- Possuo apenas um com acesso à internet
- Possuo mais de um sem acesso à internet
- Possuo mais de um com acesso à internet

13) Qual das atividades abaixo ocupa a maior parte do seu tempo livre?

- TV
- Religião
- Teatro

- Cinema
- Música
- Bares e boates
- Leitura
- Internet
- Esportes
- Outra

14) Qual o meio que você mais utiliza para se manter informado (a)?

- Jornal escrito
- TV
- Rádio
- Revistas
- Internet
- Outros
- Nenhum

Hábitos de Leitura

1) Você gosta de ler?

- Sim
- Não

2) Excetuando-se os livros da série *Harry Potter*, quantos livros você leu entre 2007 e 2008?

- Nenhum
- No máximo 2
- Entre 3 e cinco
- Entre 6 e 8
- Mais de 8

3) Que gênero literário você mais lê?

- Ficção científica
- Romance
- Não-ficção
- Técnicos
- Auto-ajuda
- Policial / Detetive
- Outro(s) Qual(is)

4) Que tipos de meios você utiliza para ter acesso a livros:

- Biblioteca da escola
- Biblioteca pública
- Sebos
- Livrarias
- Baixo da Internet
- Empréstimo de amigos e/ou familiares

5) O que você leva em conta para escolher um livro?

- 6) Já leu algum livro que não gostou? Qual?
- 7) Qual livro você gostaria de ler, mas nunca leu?
- 8) Sua família costuma ler?
() Sim () Não
- 9) Se sim, que tipo de leitura?
() jornal
() revista
() Ficção científica
() Romance
() Não-ficção
() Técnicos
() Auto-ajuda
() Policial / Detetive
() Outro(s) Qual(is)

Impressões de Leitura da série *Harry Potter (HP)*

- 1) O que levou você a ler a série *HP*?
() Indicação de amigos/familiares
() Filmes
() Influência da mídia
() Outro Qual?
- 2) Quais livros da série *HP* você já leu?
() *HP e a Pedra Filosofal*
() *HP e a Câmara Secreta*
() *HP e o Prisioneiro de Azkaban*
() *HP e o Cálice de Fogo*
() *HP e a Ordem da Fênix*
() *HP e o Enigma do Príncipe*
() *HP e as Relíquias da Morte*
() Todos
- 3) Qual a impressão que a história lhe causou na primeira leitura?
- 4) Tal impressão mudou ou continua a mesma? Se mudou, que tipo de mudança ocorreu?
- 5) Qual livro da série é o seu favorito? Por quê?
- 6) O que você faz da série tão popular?
- 7) Você conhece alguém que critica os livros? Se sim, qual o tipo de crítica?
- 8) Com qual personagem você mais se identifica? Por quê?
- 9) O que você acha do termo 'trouxas' para designar os não bruxos?"

- 10) Como você classifica o herói Harry Potter? Justifique.
- 11) Qual personagem você acha que mais se modificou no decorrer da série?
- 12) O mundo da bruxaria apresentado em HP é o mesmo apresentado nas histórias que você conhece? Qual a diferença?
- 13) Existem inúmeras influências de contos de fadas, mitos e lendas na série HP. Você conseguiu identificar algum dele(s)? Qual(is)?
- 14) Você acha que as situações que acontecem no livro se parecem em alguma coisa com a vida real? Comente.
- 15) Alguma personagem lembra pessoas que você conhece? Qual(is)?
- 16) Você assistiu aos filmes da série?
() Sim () Não
- 17) Se sim, o que você achou dos filmes em relação as suas impressões de leitura?
- 18) A partir da leitura da série, você se sentiu incentivado a ler outros livros?
() Sim () Não
- 19) Alguma situação da série o(a) fez lembrar de algum outro livro que você já havia lido? Qual?
- 20) Você gosta de trocar informações com outros leitores da série HP? Por quê?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)